

CISION®

PRESS BOOK

Resultado ROI Clipping Famílias da Guerra

Janeiro e Fevereiro de 2026

**HELP
UA.PT**



FenixUAPT

 **FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN**

CISION



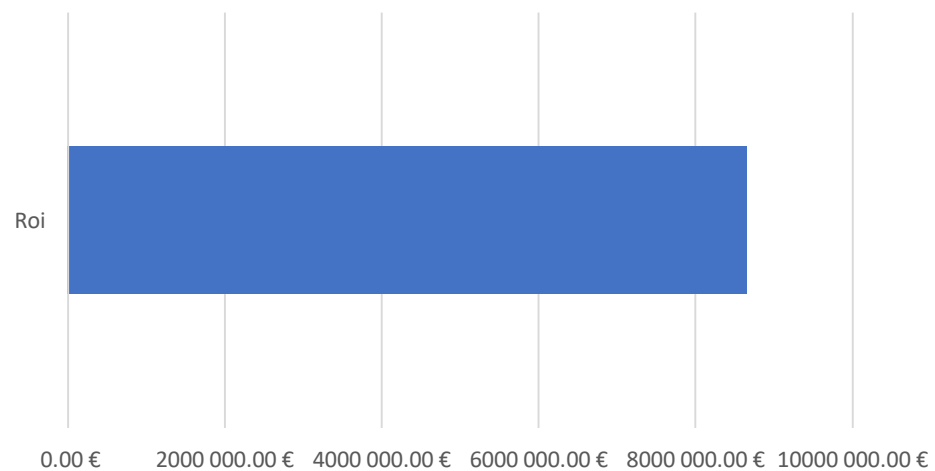
ROI Clipping

Chovem – Famílias da Guerra

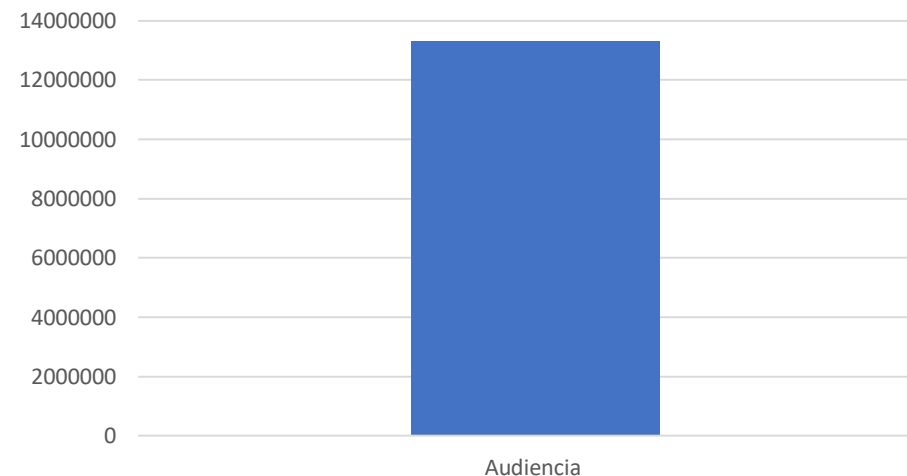


FenixUAPT

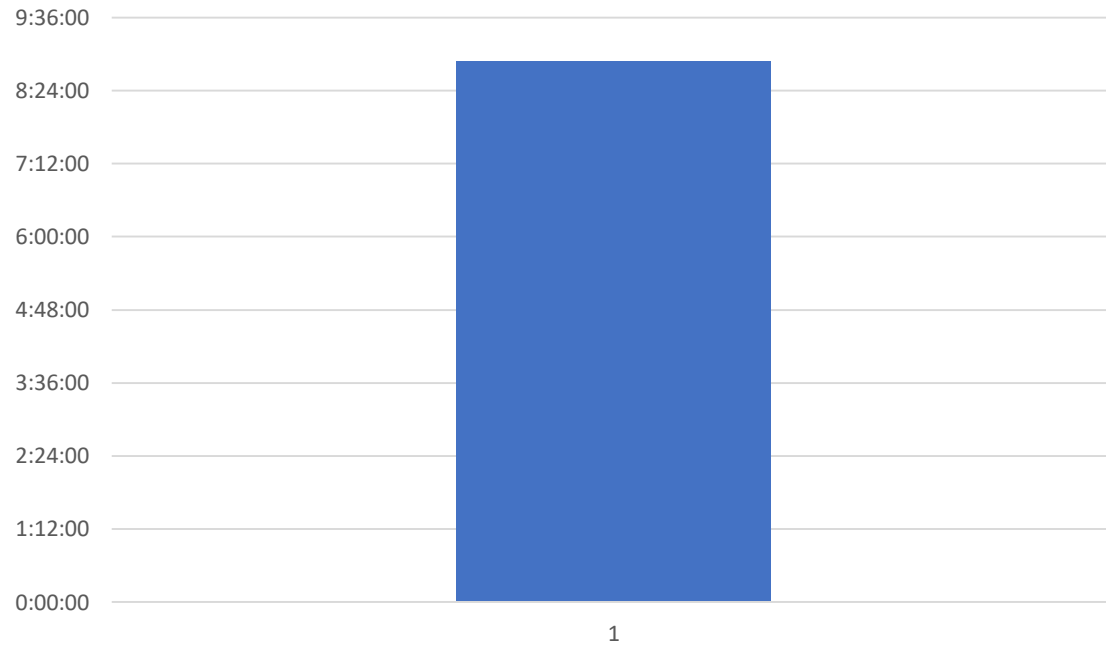
Comercial / ROI 8.695.044,00 \$



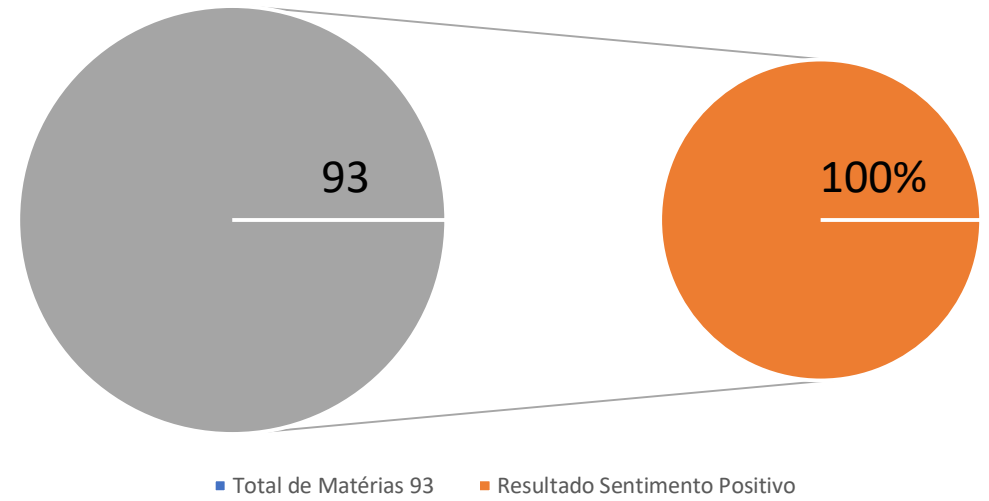
Audiência / Impacto 13.298.295 Pessoas



tempo de Antena TV 8h24MM



Sentimento





"Divagar é preciso"

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=6abc4fdc-fe24-42b2-a55e-4d70c971d150&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A guerra na Ucrânia, que dura há quatro anos, não impede a manutenção de uma vida cultural vibrante em Kiev, onde teatros e salas de espetáculo registam lotação esgotada. A cultura revela-se necessária em tempos de crise, funcionando como espaço de união, pensamento livre e prazer coletivo, além de se afirmar como forma de resistência e de identidade de um povo ameaçado. Em Lisboa, a peça "Cuidar", de Alexander Zeldin, em cena na Culturgest, aborda a dureza do trabalho em condições difíceis e lança luz sobre histórias de vida que, por vezes, passam despercebidas na sociedade.

Intervenientes:

- Tiago Rodrigues, Ator e Encenador

Repetições: RTP Notícias - Divagar é Preciso , 2026-02-25 01:44

ID: 121744196

25-02-2026 13:24



4 anos de guerra na Ucrânia

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=f13174b7-2e7c-469f-b3f9-47315ec3fa64&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Seis milhões de ucranianos saíram do país desde o começo da guerra. Portugal recebeu 60.000 em regime de proteção temporária e agora esta é a história de 2 ucranianas escolheram Lisboa para uma nova vida.

Repetições: RTP1 - Telejornal , 2026-02-25 20:33

RTP Notícias - Telejornal , 2026-02-25 20:34

Guerra na Ucrânia

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=db18abd3-104c-454e-a3a8-f332a5f16be7&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A guerra na Ucrânia, que dura há mais de 1400 dias, completa quatro anos. Observadores indicam que a Ucrânia conseguiu evitar uma invasão extensiva do seu território, contando com o apoio da Europa e dos EUA. A solução para o conflito, segundo especialistas, passa pela mesa das negociações, embora esta se apresente difícil. A frente de combate tem avançado lentamente, com drones a agravar a guerra de atrito. As consequências humanitárias são severas, com milhões de refugiados e deslocados, e um aumento preocupante de vítimas civis. A Rússia não atingiu os seus objetivos iniciais, mas possui vantagens demográficas e de capacidade militar. O tempo joga a favor da Rússia, sendo crucial a manutenção do apoio internacional à Ucrânia.

Intervenientes:

- Inês Domingos, Secretária de Estado dos Assuntos Europeus.
- António Martins da Cruz, Diplomata e antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros.
- André Luís Alves, Repórter independente.
- Soraya Ventura, Diretora-geral da Fundação Portugal com o ACNUR.
- Teresa Almeida Cravo, Professora de Relações Internacionais da Universidade de Coimbra.
- Mário Godinho de Matos, antigo embaixador de Portugal em Moscovo.
- Ana Cavalieri, Especialista em política norte-americana.



Ucranianos receberam apoio europeu e pediram firmeza contra agressor

APOIO

Portugal “sempre” ao lado do povo ucraniano

Luís Montenegro assegurou ontem que “a Ucrânia pode sempre contar com Portugal”. O primeiro-ministro sublinhou que a guerra mostrou ao Mundo “o poder da dignidade e da coragem”. Também o presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, afirmou que Portugal continuará a apoiar a adesão da Ucrânia à União Europeia e manifestou admiração pela resistência ucraniana.

Paulo Rangel disse esperar que este seja o ano em que se alcança “um acordo de paz, sustentável, duradouro, justo”. O ministro dos Negócios Estrangeiros lembrou a grande comunidade ucraniana em Portugal e o apoio humanitário, financeiro e militar dado ao país. José Pedro Aguiar-Branco, presidente da Assembleia da República, também salientou ontem que a questão da Ucrânia “não é um problema distante”, mas “uma guerra que acontece à porta da Europa”.

Rússia não cede à paz na Ucrânia e endurece ataques

Zelensky pede data marcada para adesão à União Europeia, desbloqueio de sanções ao agressor e participação europeia nas negociações

Inês Moura Pinto*
ines.pinto@jn.pt

GUERRA Volvidos quatro anos da invasão russa da Ucrânia, o fim do conflito já pareceu mais próximo. O Kremlin reafirmou ontem que a “operação militar especial” vai continuar e que não atingiu todos os objetivos, referindo-se à anexação dos territórios ucranianos – à qual Volodymyr Zelensky não cede. Bastian Giegerich, especialista alemão em defesa, defendeu ontem que a Rússia tem a capacidade e recursos para prolongar o conflito. O analista apontou que Moscovo tem expandido os ataques com mísseis de cruzeiro e balísticos e drones de uso único na Ucrânia, e advertiu que a diversidade do arsenal de longo alcance é um risco

para o resto da Europa. Dados do Instituto para os Estudos da Guerra revelam que a Rússia conquistou mais território ucraniano no quarto ano do conflito do que nos dois anteriores juntos. As tropas avançaram 4524 quilómetros quadrados no último ano. No entanto, tem sofrido altas perdas militares desde o final de 2025, superiores à sua capacidade de reposição. O Exército terá perdido mais de 200 mil homens desde o início da guerra. Sem a paz à vista, o presidente ucraniano pediu ontem à União Europeia (UE) para fixar uma data para a adesão da Ucrânia ao bloco. “Sem data, sem garantia, Putin continuará a tentar dividir a Europa”, referiu Zelensky, intervirindo por videoconferên-

cia numa sessão no Parlamento Europeu (PE). O líder ucraniano apelou à pressão da UE para impor o novo pacote de sanções à Rússia, neste momento bloqueado pela Hungria. Reconhecendo que a ameaça não diminuiu em quatro anos, Zelensky disse que “chegou a hora de proibir totalmente a entrada na Europa de todos os participantes na agressão da Rússia”. Apesar do veto húngaro, o PE formalizou ontem um empréstimo de 90 mil milhões de euros da UE à Ucrânia. O financiamento, que ainda tem de ser validado pelo Conselho da UE, inclui 60 mil milhões para defesa e 30 mil milhões para assistência. Num dia em que líderes e organizações europeias declararam apoio incondi-

cional à Ucrânia, Zelensky insistiu na participação da Europa nas negociações da paz com a Rússia e os Estados Unidos. As conversas deverão ser retomadas “esta semana ou dentro de dez dias”. **AJUDA HUMANITÁRIA** A ONU alertou ontem para 3,7 milhões de pessoas deslocadas internamente na Ucrânia, número que aumentou nos últimos meses devido ao inverno rigoroso e às falhas de energia. “Após quatro anos de guerra, a resiliência tem limites”, afirmou o diretor regional do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados, Philippe Lecler, que estima que 10,8 milhões de pessoas no país vão precisar de ajuda humanitária este ano. ●

*COMAGÊNCIAS

António Costa
Pres. do Conselho Europeu

“Quatro anos de coragem ucraniana inabalável, quatro anos de apoio europeu incondicional. Uma determinação comum: garantir uma paz justa e duradoura”

Ursula von der Leyen
Pres. da Comissão Europeia

“[Estamos aqui] para enviar uma mensagem clara tanto ao povo ucraniano como ao agressor: não cederemos até que a paz seja restaurada. Paz nos termos da Ucrânia.”

Merecem uma paz justa e duradoura . Marcelo reafirma apoio de Portugal à Ucrânia no quarto aniversário da invasão russa

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 25/02/2026

Melo: Jornal O Vilaverdense Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=5a2605b2>

No dia em que se assinalam quatro anos desde a invasão da Ucrânia pela Federação Russa, Marcelo Rebelo de Sousa destacou a resistência do povo ucraniano face a uma agressão considerada ilegal e marcada por enorme brutalidade.

Na nota publicada do site da Presidência, Marcelo Rebelo de Sousa recorda que o povo da Ucrânia tem demonstrado “coragem admirável” ao longo dos últimos quatro anos.

“Apesar do efeito devastador dos ataques crescentemente violentos da Rússia, os ucranianos entram no quinto ano da guerra com uma determinação cada vez mais forte, provando que a resiliência da Ucrânia nunca deveria ter sido subestimada”, pode ler-se.

O presidente da República frisa ainda que, “no quadro da União Europeia, o apoio político, militar, humanitário e financeiro de Portugal à Ucrânia mantém-se inabalável”.

“Com os nossos parceiros europeus e internacionais, continuaremos a prestar a assistência pelo tempo que for necessário, para que a Ucrânia seja forte e resiliente contra agressões. Continuaremos, do mesmo modo, a respaldar a adesão da Ucrânia à União Europeia e o caminho até à adesão”, diz.

Para Marcelo, “os ucranianos e ucranianas merecem uma paz justa e duradoura, que respeite a independência, a soberania e a integridade territorial da Ucrânia, mas também que garanta a sua segurança a longo prazo, incluindo a capacidade de defesa”.

“Continuaremos a apoiar os esforços internacionais fazendo pressão sobre a Rússia para que cesse a agressão e se comprometa com um processo negocial que conduza a acordo de paz, baseado no direito internacional e na Carta das Nações Unidas”, garante o presidente, que espera “que 2026 traga um fim justo a esta guerra”.

“Portugal permanecerá, sempre, ao lado da Ucrânia e dos ucranianos”, remata.

Família ucraniana vive em Portugal numa casa atribuída por um centro humanitário desde setembro de 2022

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 25/02/2026

Melo: Now Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=66d7fba6>

Mãe e filho ainda não perdem esperança de voltar a casa. Para eles o coração continua na terra natal.

Fugiram de Kherson, na Ucrânia, para Portugal em busca de um local seguro para recomeçar a vida e sem saber se algum dia voltariam ao país de origem.

Deixaram tudo para trás. Perderam a casa, família, amigos e os sonhos de uma vida. Mãe e filho vivem agora em Setúbal, numa casa que lhes foi atribuída por um centro humanitário.

Mas apesar de estarem longe da guerra o medo permanece e há sons que despertam o sentimento de insegurança.

Quatro anos depois há um sentimento que continua o desejo de regressar à Ucrânia. É à fé que esta família se agarra confiante de que um dia a guerra vai terminar e que levará Portugal no coração.

Portugal tudo fará para alcançar paz justa na Ucrânia, garante secretária de Estado dos Assuntos Europeus

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 25/02/2026

Melo: RTP Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=81f36e45>

Quando se assinalam quatro anos desde a invasão da Ucrânia por parte da Rússia, o Governo português reafirma a sua posição através da Secretária de Estado dos Assuntos Europeus. Inês Domingos garante que “a posição de Portugal é que tudo faremos para que a paz, alcançada na Ucrânia, seja nos termos que a Ucrânia deseja: uma paz justa, baseada num referendo à população, uma paz que não pode premiar o invasor”.

Para a responsável pelos Assuntos Europeus esta guerra é “cruel e ilegal” e defende por isso a importância do apoio da União Europeia (UE) e das negociações de paz.

Para António Martins da Cruz “a Ucrânia não perdeu a guerra e a Rússia não a ganhou”. O que significa, diz o diplomata e antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, “que, provavelmente, a única solução passa pela mesa das negociações e não pelo campo de batalha”.

Da mesma opinião partilha Teresa Almeida Cravo. Para a comentadora de Política Internacional da Antena 1 “não há um vencedor claro, mas existe uma situação assimétrica”. E defende que “o que tem permitido à Ucrânia resistir, até agora, tem a ver com o apoio dos EUA e da UE que tem sido essencial”.

A importância dos Estados Membros é destacada por Ana Cavalieri. A investigadora do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa afirma que “a UE tem demonstrado imensa força e resiliência e imenso apoio para conseguir que a posição ucraniana esteja fortalecida na mesa das negociações”.

Mário Godinho de Matos, antigo embaixador de Portugal em Moscovo acrescenta que “não se vê fim para a guerra que vai ter consequências muito gravosas e muito importantes em termos do que será a futura arquitetura europeia de segurança”.

De ano para ano, o conflito tem ficado mais perigoso. É o que relata André Luís Alves. É repórter independente e cobre a guerra na Ucrânia desde 2022. “A linha da frente está muito mais perigosa para militares e jornalistas. Tenho vários amigos que perderam pernas e braços e alguns morreram”. André Luís Alves conclui: “a guerra está muito mais mortífera, perigosa e imprevisível”.

Soraya Ventura, diretora-geral da Fundação Portugal com ACNUR, reforça essa ideia: “a guerra está mais perigosa. 2025 foi o ano mais mortífero para civis. 2 mil e 500 mortes e mais de 12 mil feridos. É um aumento de 30% em comparação com 2024”.

Milhares de ucranianos entraram em Portugal, desde que a guerra começou. Tiveram de aprender a lidar com algumas diferenças, como a cultura ou a língua.

Para muitos, falar português continua a ser um desafio gigante, mas não é o único. Também pesam as saudades de casa e, sobretudo, o perigo que enfrentam os familiares que ficaram na Ucrânia.

A repórter Cristina Borges foi ouvir vários ucranianos a viver em Portugal. Passados quatro anos alguns tomaram a decisão de ficar por cá. Outros, como é o caso dos mais jovens, pensam num regresso.

O programa Consulta Pública é moderado pelo jornalista Frederico Moreno.

Uma guerra longa, sem fim à vista e cuja única solução será negociar, negociar e negociar. É a conclusão, unânime, dos diversos especialistas ouvidos no programa da Antena 1, Consulta Pública.

Quando se assinalam quatro anos desde a invasão da Ucrânia por parte da Rússia, o Governo português reafirma a sua posição através da Secretária de Estado dos Assuntos Europeus. Inês Domingos garante que “a posição de Portugal é que tudo faremos para que a paz, alcançada na Ucrânia, seja nos termos que a Ucrânia deseja: uma paz justa, baseada num referendo à população, uma paz que não pode premiar o invasor”.

Para a responsável pelos Assuntos Europeus esta guerra é “cruel e ilegal” e defende por isso a importância do apoio da União Europeia (UE) e das negociações de paz.

Para António Martins da Cruz “a Ucrânia não perdeu a guerra e a Rússia não a ganhou”. O que significa, diz o diplomata e antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, “que, provavelmente, a única solução passa pela mesa das negociações e não pelo campo de batalha”.

Da mesma opinião partilha Teresa Almeida Cravo. Para a comentadora de Política Internacional da Antena 1 “não há um vencedor claro, mas existe uma situação assimétrica”. E defende que “o que tem permitido à Ucrânia resistir, até agora, tem a ver com o apoio dos EUA e da UE que tem sido essencial”.

A importância dos Estados Membros é destacada por Ana Cavalieri. A investigadora do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa afirma que “a UE tem demonstrado imensa força e resiliência e imenso apoio para conseguir que a posição ucraniana esteja fortalecida na mesa das negociações”.

Mário Godinho de Matos, antigo embaixador de Portugal em Moscovo acrescenta que “não se vê fim para a guerra que vai ter consequências muito gravosas e muito importantes em termos do que será a futura arquitetura europeia de segurança”.

De ano para ano, o conflito tem ficado mais perigoso. É o que relata André Luís Alves. É repórter independente e cobre a guerra na Ucrânia desde 2022. “A linha da frente está muito mais perigosa para militares e jornalistas. Tenho vários amigos que perderam pernas e braços e alguns morreram”. André Luís Alves conclui: “a guerra está muito mais mortífera, perigosa e imprevisível”.

Soraya Ventura, diretora-geral da Fundação Portugal com ACNUR, reforça essa ideia: “a guerra está mais perigosa. 2025 foi o ano mais mortífero para civis. 2 mil e 500 mortes e mais de 12 mil feridos. É um aumento de 30% em comparação com 2024”.

Milhares de ucranianos entraram em Portugal, desde que a guerra começou. Tiveram de aprender a lidar com algumas diferenças, como a cultura ou a língua.

Para muitos, falar português continua a ser um desafio gigante, mas não é o único. Também pesam as saudades de casa e, sobretudo, o perigo que enfrentam os familiares que ficaram na Ucrânia.

A repórter Cristina Borges foi ouvir vários ucranianos a viver em Portugal. Passados quatro anos alguns tomaram a decisão de ficar por cá. Outros, como é o caso dos mais jovens, pensam num regresso.

O programa Consulta Pública é moderado pelo jornalista Frederico Moreno.

Seis milhões saíram da Ucrânia desde o início da guerra

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 25/02/2026

Meio: RTP Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=87bc2ec8>

Portugal recebeu 60 mil ucranianos em regime de proteção temporária.

Esta é a história de duas ucranianas que escolheram Lisboa para uma nova vida.
Rádio e Televisão de Portugal

Prémio Laranja Amarga para a melíflua diplomacia de apaziguamento de Trump

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	25/02/2026
Meio:	Visão Online	Autores:	Eduardo Cabrita

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=89dd1a48>

Pela tentativa de, com seráfica pretensa ironia, nos tomar por tolos e pela ridícula bajulação de Trump, desalinhada da posição dos parceiros europeus, o prémio Laranja Amarga de hoje vai para o ministro dos negócios estrangeiros e tripeiros Paulo Rangel

Quatro anos de guerra na Europa, superando já a participação russa ou americana na II Guerra Mundial e aproximando-se da duração total deste conflito, obrigam a uma reflexão sobre a ordem internacional assente no primado do direito, na resolução pacífica de conflitos no quadro das Nações Unidas e o caminho de dúbia irrelevância seguido pela diplomacia portuguesa.

Portugal, num contexto de uma posição tradicionalmente solidária no acolhimento de refugiados, que unia todas as forças políticas até à erupção do fenómeno Chega, recebeu cerca de 55 mil ucranianos no quadro do mecanismo de proteção temporária que pela primeira vez foi acionado pela União Europeia em 2022.

Já relativamente a outros refugiados o Governo Montenegro, fazendo parceria com a Hungria de Orban e a Eslováquia de Fico, recusou participar, em 2026, no mecanismo de solidariedade europeu que nos determinava o acolhimento de 410 pessoas provenientes de campos de refugiados na Grécia e na Itália, preferindo pagar mais de 8 milhões de euros para se livrar desse encargo humanitário e solidário com os nossos parceiros.

Igualmente, em matéria de apoio militar e logístico à Ucrânia, apesar das palavras frequentes de apoio moral e político, Portugal tem-se caracterizado por uma grande frugalidade no apoio concedido, muito distante do que tem sido prestado pelos países bálticos, nórdicos e pelas maiores economias europeias. O contributo nacional tem sido pelo mínimo denominador comum, seguindo as deliberações do Conselho Europeu, isto é, sem qualquer empenho na compensação do abandono da Ucrânia pela administração Trump.

Mas mais grave é a reiterada bonomia com que o Governo de Montenegro e o seu ministro Paulo Rangel se referem aos atentados ao direito internacional de Donald Trump.

Só em 2026 temos já três casos paradigmáticos de subserviência achando que o apaziguamento da liderança do nosso aliado tradicional atlântico confere alguma respeitabilidade.

Tivemos, em primeiro lugar, a declaração sobre a natureza "benigna" do ato de pirataria internacional ocorrido no início de janeiro em Caracas com o rapto do ditador Maduro. Paulo Rangel acompanhou a saudação à ação das forças especiais americanas na capital de um estado soberano por recomendações patéticas sobre a imediata democratização da Venezuela e quem deveria suceder no poder a Nicolás Maduro.

Passados quase dois meses, não se conhece nenhum plano de transição democrática, a vice-presidente de Maduro, cuja eleição não foi reconhecida por Portugal segundo Rangel, é agora considerada um interlocutor respeitável pelos Estados Unidos e a pretensão de julgamento em Nova Iorque de um chefe de Estado estrangeiro é vista como algo banal. Como diz Zelensky, se é este o

tratamento dado a ditadores porque não fazer o mesmo a Putin?

Realizou-se a semana passada a primeira reunião do novo Conselho de Paz, criado e liderado por Trump, para o qual Portugal teve a duvidosa honra de ser um dos cerca de 60 países convidados.

Para além de pretender estabelecer um protetorado em Gaza destinado a uma grande operação imobiliária liderada pelo genro do próprio Trump, como se fosse credível um plano de paz que ignorasse a participação dos palestinianos, o novo Conselho de Paz, com entrada condicionada ao convite imperial americano, tem a ambição de substituir o Conselho de Segurança e de supervisionar a ação das Nações Unidas.

A maioria dos nossos aliados tradicionais rejeitou categoricamente participar nesta farsa criada para glorificação do pacificador Donald Trump. Foi o que fizeram o Reino Unido, a França, a Alemanha, a Santa Sé ou a Espanha, entre outros. O novo órgão só conseguiu reunir 22 países aderentes e alguns observadores, a maioria dos quais autocracias petrolíferas do Médio Oriente, ditadores encartados ou democracias iliberais como a Hungria ou a Turquia.

Espantosamente neste caso Paulo Rangel insiste em não coordenar a posição de Portugal com os aliados europeus, mantendo uma cúmplice disponibilidade para assumir um estatuto de observador desde que o famigerado Conselho se limite ao branqueamento do genocídio israelita em Gaza, apesar de Donald Trump não esconder ambições muito mais vastas.

Para culminar uma desastrosa semana de cegueira seletiva e de subserviência relativamente à administração Trump, tivemos as declarações tão sonsas quanto falsas sobre a provável utilização da base das Lages numa operação militar contra o Irão.

A teocracia de Teerão não se recomenda, mas, ao contrário da dinastia saudita que gosta de esquarterar jornalistas incómodos, até faz umas eleições razoavelmente competitivas para eleger Presidentes que mandam relativamente pouco e certamente muito menos do que os líderes supremos do regime desde Khomeini, em 1979, ao atual Khamenei.

Trump, eleito com base num discurso na linha da tradição isolacionista americana, tem sido de um notável ativismo internacional com ações militares em África, na América do Sul e na Ásia, sempre sem invocar qualquer agressão externa nem qualquer mandato internacional. Como se sabe da experiência da invasão do Iraque, o mais difícil é encontrar soluções de estabilidade posteriores que garantam a segurança das populações atingidas.

Também no caso do Irão, a intervenção americana, ardentemente desejada por Netanyahu, não tem qualquer cobertura das Nações Unidas e a alegada prevenção dos riscos do programa nuclear iraniano é uma visão muito elástica do conceito de legítima defesa.

Perante esta situação a França disse já que não daria apoio a uma intervenção militar no Irão e o Reino Unido recusou o pedido de utilização das bases britânicas no seu território, em Chipre e na ilha de Diego Garcia no Índico.

Novamente desalinhado da posição dos nossos aliados europeus, Paulo Rangel veio dizer que os Estados Unidos podem usar a base das Lages como entenderem sem precisar sequer de informar, muito menos pedir autorização, a Portugal.

Estas declarações de Rangel, na esteira do papel de Durão Barroso na cimeira que antecedeu a intervenção no Iraque, para além de reveladoras de uma visão minimalista do interesse nacional, são descaradamente falsas, já que a utilização das Lages sem restrições só poderia ocorrer, de acordo com o respetivo Tratado, no quadro de uma operação da NATO ou de uma ação aprovada pelas Nações Unidas.

Em caso de intervenção militar unilateral americana, o uso da base das Lages está dependente de informação prévia e concordância portuguesa como resulta expressamente do tratado de cooperação

entre Portugal e os Estados Unidos.

Para culminar esta lamentável semana, temos as “contas à moda do Porto” entre Rangel e Rui Moreira, nomeando este para passar uns anos na OCDE no simpático XVI arrondissement de Paris, bem perto do estádio do PSG.

Pela tentativa de, com seráfica pretensa ironia, nos tomar por tolos e pela ridícula bajulação de Trump, desalinhada da posição dos parceiros europeus, o prémio Laranja Amarga de hoje vai para o ministro dos negócios estrangeiros e tripeiros Paulo Rangel.

Os textos nesta secção refletem a opinião pessoal dos autores. Não representam a VISÃO nem espelham o seu posicionamento editorial.

Eduardo Cabrita

Jurista

Eduardo Cabrita



Guerra e Paz

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=7c2adc18-db0c-4566-acdd-fc15337b0d3c&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

"Guerra e Paz", com Germano Almeida e Catarina Caria, é um espaço de análise de questões de índole geopolítica, com especial destaque para:

UCRÂNIA

- Decorreram quatro anos decorridos desde o início da guerra na Ucrânia, o mais grave conflito na Europa desde a Segunda Guerra Mundial;
- A invasão russa, classificada pelo Presidente Vladimir Putin como "operação militar especial", já causou cerca de dois milhões de mortos, sobretudo militares russos e ucranianos;
- A guerra, sem fim à vista, motivou uma visita de líderes europeus a Kiev, com o objetivo de demonstrar apoio à Ucrânia e ao seu percurso rumo à União Europeia;
- Foi aprovado um empréstimo de 90 mil milhões de euros para a defesa da Ucrânia, apesar do veto inicial da Hungria;

ECONOMIA MUNDIAL

- Sul Global pode transformar macro-economia;
- "Lula da Silva é um dos personagens importantes desta nova ordem de queda da Ordem Internacional Liberal".



Quatro anos de guerra na Ucrânia

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=78736725-c439-42cb-bfe5-e915eb902930&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Hoje celebram-se quatro anos desde que a Rússia invadiu a Ucrânia, obrigando milhares de cidadãos a abandonar o seu país. Atualmente, vivem na Madeira cerca de 1200 ucranianos, dos quais 900 têm estatuto de proteção temporária. O conflito, que teve início em 24 de fevereiro de 2022, continua sem que se vislumbre o seu fim ou a possibilidade de paz. Dezenas de ucranianos reuniram-se na Praça do Município para uma vigília.

Repetições: RTP Madeira - Telejornal Madeira , 2026-02-24 00:00

RTP Madeira - Telejornal Madeira , 2026-02-24 05:00

RTP Notícias - Telejornal Madeira , 2026-02-24 05:00



"Jogos de poder"

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=5bce31b1-e2b5-4e54-a229-0cb4ad3d61de&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

"Jogos de poder" com Nuno Rogeiro com destaque para os quatro anos de guerra na Ucrânia.

Outros temas:

- Mau da fita: Morte de traficante gerou onda de violência;
- Quem manda? Suprema considera tarifas de Trump ilegais;
- Elevador: A resistência de Volodymyr Zelensky;
- Hotspot: EUA e Irão voltam a reunir-se na 5.ª feira;
- Contagiados: Movimento de aviões dos EUA nas Lajes aumentou.
- Confidencial: Submarino dos EUA falha exercício no Ártico.



Quatro anos de guerra na Ucrânia

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=93515b2a-fdae-4be3-999f-dda5babb2c02&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A invasão russa da Ucrânia, que começou há quatro anos, continua sem perspectivas de paz. Segundo a ONU, morreram mais de 15 mil civis e mais de 40 mil ficaram feridos. A guerra ficou marcada pelo terror, morte e sofrimento, mas também pela resistência, força e união do povo ucraniano. A geopolítica internacional sofreu alterações profundas, colocando a Ucrânia numa situação de risco. Declarações de Jorge Rodrigues, Observatório de Risco Geopolítico para Empresas.

Repetições: Porto Canal - Jornal Diário , 2026-02-24 05:33



4 anos de guerra na Ucrânia

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=2c805ce4-9777-4ef6-a99e-5664cae89289&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A guerra na Ucrânia entra no quinto ano com um balanço de avanços e recuos russos, que não atingiram o objetivo inicial de derrubar o regime de Zelensky. A Rússia conquistou, no máximo, 27% do território ucraniano, recuando para cerca de 20%. O conflito causou centenas de milhares de mortes, com um rácio de dois a um a favor da Rússia. O apoio financeiro e militar dos Estados Unidos diminuiu, com a União Europeia a tentar suprir essa falha. Cerca de 6 milhões de ucranianos fugiram do país, com 60.000 a procurar refúgio em Portugal.

Intervenientes:
- Alexandre Brito

CISION

**Rádio Comercial -
Notícias**

Duração: 00:00:48

OCS: Rádio Comercial - Notícias

ID: 121726552

24-02-2026 18:00

4 anos de guerra na Ucrânia

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=d4fe0119-7ff4-40bd-a820-1c092a6da7f3&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Passam os 4 anos sobre a invasão russa da Ucrânia e muitos foram os ucranianos que procuraram refúgio em Portugal.



Quatro anos de guerra: análise

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=6eb6232f-549c-4434-8322-7d1841eb620a&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A análise do Major-General Carlos Branco incide sobre a guerra na Ucrânia, que já dura há 12 anos e que teve início com a invasão da Crimeia em 2014, seguida de um golpe de Estado que desestabilizou o país e que terá contado com o financiamento dos Estados Unidos da América. Saliencia que nem a Ucrânia nem a Rússia alcançaram os seus objetivos estratégicos. Os Estados Unidos pretendiam infligir uma derrota estratégica à Rússia, mas, com Trump, o objetivo passou a ser criar uma cisão entre a Rússia e a China. A administração de Joe Biden procurou enfraquecer a Rússia através de uma guerra por procuração e a União Europeia mantém o objetivo de desgastar a Rússia, mas sem um objetivo estratégico claro.



António Costa em Kiev: direto

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=42a17111-24bd-40f9-81ae-24a8e633cd4&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Ligação em direto com António Costa, em Kiev, que salienta a necessidade de se manter o apoio à Ucrânia para esta poder sobreviver e resistir à invasão russa. O antigo primeiro-ministro português reforça que não existem fissuras na União Europeia quanto ao empréstimo de fundos, sendo que as decisões do Conselho Europeu são unânimes e vinculativas. Costa destacou ainda a capacidade europeia de prestar apoio militar, mesmo sem a contribuição dos EUA, sublinhando a determinação e a força do continente.

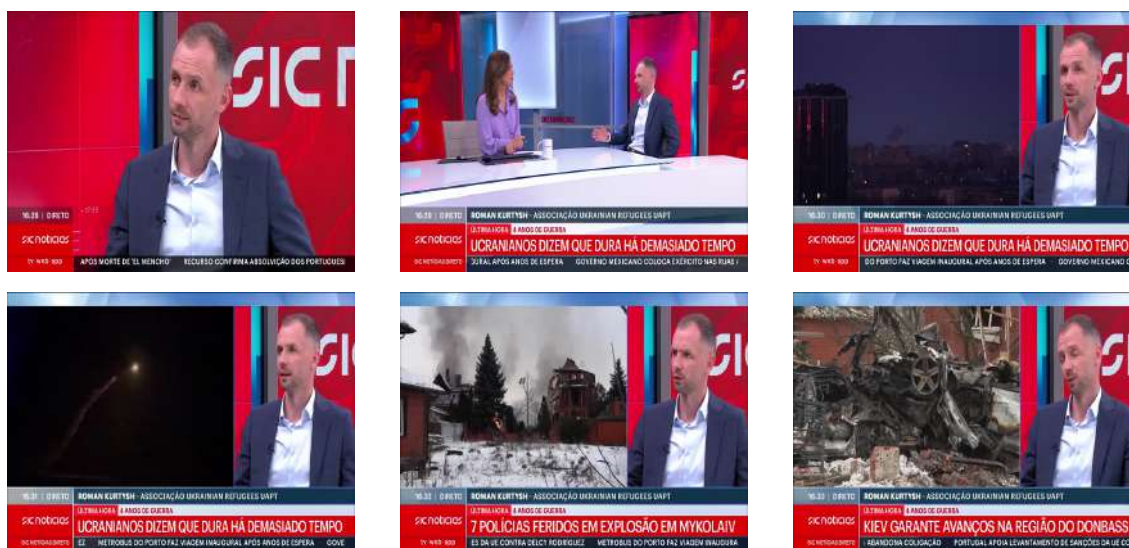


Análise à guerra na Ucrânia

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=c13feda8-d4a5-4d56-bdac-8bc9255359ca&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

O Mundo tal como o conhecemos durante décadas mudou há 4 anos, porque ao contrário do que continua a afirmar Moscovo, na Ucrânia não está em curso uma operação militar especial, mas sim a guerra, a mais sangrenta e mortal em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial.

Análise de Ricardo Monteiro, Rolando Santos, comentadores CNN, Rui Henrique Santos, especialista em Relações Internacionais, Ângelo Neto, Associação HelpUA.



4 anos de guerra

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=1c03ad1b-6362-459d-93ff-5d6674bddf0c&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Entrevista a Roman Kurtysh, da Associação Ukrainian Refugees UAPT, que apoia refugiados ucranianos.



4 anos de guerra na Ucrânia - análise

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=9f18004c-3abd-4f01-8444-df5d631a821a&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A Ucrânia vive uma tragédia diária com a deportação de crianças para a Rússia, estimado em mais de 700.000 casos. 20.000 estão documentados, com 2003 já resgatados. ONG's e esforços diplomáticos atuam no socorro, enquanto crianças deportadas são doutrinadas e, por vezes, sofrem abusos. Há ainda 1,6 milhão de crianças sob controlo russo. Paralelamente, uma associação de apoio a refugiados, que já ajudou mais de 30.000 pessoas, implementa um projeto para retirar famílias do ambiente de guerra, oferecendo tratamento psicológico em Portugal, com o objetivo de ser replicado na União Europeia. Jovens ucranianos, com 13 anos, alistam-se voluntariamente no esforço de guerra, enquanto as escolas reabrem com rigorosas medidas de segurança, incluindo abrigos subterrâneos.

Intervenientes:

- Pedro Oliveira Pinto, jornalista da RTP
- Ângelo Neto, vice-presidente de uma Ukrainian Refugees UAPT



Quatro anos de guerra: análise

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=900c63d7-cb2a-44ed-af9a-288a960343ae&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

O Major-General Isidro Morais Pereira aborda hoje o resumo dos últimos quatro anos de guerra na Ucrânia, desde a surpresa inicial do ataque russo, passando pela resiliência ucraniana liderada por Zelensky, até às tentativas de paz. É de realçar a recusa de Zelensky em abandonar o país e a sua exigência de armas em vez de transporte. A discussão incluiu o papel dos EUA, as propostas de Donald Trump para um tratado de paz e garantias de segurança e a relutância da Ucrânia em ser enganada novamente, recordando o Memorando de Budapeste. Foi também abordado o processo de adesão à União Europeia e a importância de uma data definida para a Ucrânia. Por fim, são discutidas as negociações de paz em Genebra, a vantagem negocial da Ucrânia, graças às suas vitórias no terreno, e a desvantagem russa, incluindo a importância da rede Starlink.



Quatro anos de guerra: direto

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=7e1e5b0e-a9cd-4c25-a62b-a386aceebfda&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A guerra na Ucrânia assinala quatro anos. A reportagem de Bucha, cidade marcada por um massacre, mostra a devastação de há quatro anos e a reconstrução atual, demonstrando a resiliência do povo ucraniano.

Direto.



Quatro anos de guerra: entrevista

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=6f671799-2bb5-4504-8128-2900f728e136&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Quatro anos após o início da guerra na Ucrânia, persistem dúvidas sobre a perceção da realidade por parte dos russos. Estatísticas indicam que, embora a existência do conflito seja conhecida, a compreensão das suas causas e motivações permanece fragmentada. O Governo russo incentiva o alistamento através de compensações financeiras, recrutando frequentemente indivíduos com antecedentes criminais e prisioneiros. A Rússia financia a guerra através da exportação de petróleo e gás, recursos dos quais o Ocidente se mantém dependente. Entrevista a Ksenia Ashrafullina, ativista luso-russa.

CISION

Now - Jornal Hora do Almoço

Duração: 00:01:53

OCS: Now - Jornal Hora do Almoço

ID: 121726390

24-02-2026 13:14



"A Guerra Que Eu Vi": jornalistas recordam quatro anos de guerra

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=b4913f22-ca23-4c6d-8153-17c4713599fa&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Quatro anos após o início da invasão russa, vários jornalistas da Medialivre recordam o que sentiram e o que viram ao longo deste conflito armado.

Repetições: Now - Jornal Hora do Almoço , 2026-02-24 14:17



Portugal apoia adesão da Ucrânia à UE

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=ffdcddee-924a-4b43-9786-b39f655cfc83&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

O Presidente da República reafirmou o apoio de Portugal à Ucrânia, destacando a coragem e determinação do povo ucraniano. Marcelo Rebelo de Sousa assegurou que Portugal continuará a apoiar a adesão da Ucrânia à União Europeia e a pressionar a Rússia pelo fim da guerra e um acordo de paz.

Repetições: Now - Jornal à Noite , 2026-02-24 21:15

Paulo Rangel garante que Portugal está ao lado da Ucrânia

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=89d849e6-ac42-4449-8cc8-dc002cd3f69a&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, garante que Portugal está ao lado da Ucrânia e que espera que este ano seja possível alcançar um acordo para cessar a guerra, lembrando Paulo Rangel que estes 4 anos são de sofrimento para todo o povo da Ucrânia, para os militares, mas também para imensos alvos civis. Paulo Rangel lembrou que Portugal tem uma grande comunidade ucraniana que tem estado ao lado do país com apoio humanitário, financeiro e militar. A Associação Help UA apoia refugiados ucranianos e instalou na zona de Ourém um centro de reabilitação para feridos de guerra vindos da Ucrânia. O Centro ficou destruído com as tempestades das últimas semanas. Ângelo Neto, vice-presidente da Associação, diz que os estragos no centro já estão a ser reparados.

Cinema: Crítica , Mr.Nobody Contra Putin

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	24/02/2026
Meio:	Central Comics Online	Autores:	António Moura

URL: <https://www.centralcomics.com/cinema-critica-mr-nobody-contra-putin/>

Em Mr. Nobody contra Putin, um professor do ensino básico transforma-se em denunciante num documentário-thriller arrepiante sobre a Rússia de Vladimir Putin

Cinema: Crítica , Mr.Nobody Contra Putin

Em Mr. Nobody contra Putin, um professor do ensino básico transforma-se em denunciante num documentário-thriller arrepiante sobre propaganda, medo e resistência silenciosa na Rússia de Vladimir Putin.

Se em 2001 a pergunta que dominava o espaço mediático era “Onde estavas no 11 de Setembro?”, em 2022 poderíamos reformulá-la para “Onde estavas quando a Rússia invadiu a Ucrânia?”. As primeiras notícias chegaram de forma fragmentada, quase irreais, e a sensação dominante era a de incerteza absoluta quanto ao futuro. O conflito prolonga-se em 2026, e Mr. Nobody contra Putin inscreve-se nesse presente contínuo, funcionando como documento urgente sobre os mecanismos internos que sustentam a guerra.

Há documentários que observam a História, e há documentários que a fazem sair clandestinamente de um país, escondida sob um casaco de inverno. Mr. Nobody contra Putin, realizado por Pavel Talankin e David Borenstein, pertence claramente à segunda categoria. O filme é paciente, metódico e, em vários momentos, quase insuportavelmente íntimo, recusando o sensacionalismo em favor de uma acumulação rigorosa de evidências.

O cenário é Karabash, pequena cidade mineira nos Montes Urais, a cerca de 1.100 milhas de Moscovo. O lugar assemelha-se a um vestígio de ambição soviética deixado a oxidar sob camadas de pó tóxico. Ali, Talankin não era ativista nem dissidente. Era professor primário, videógrafo oficial da escola e organizador de eventos. Um não-conformista com inclinação geek e artística, porto seguro para punks e miúdos deslocados. Politicamente, definia-se como “Mr. Nobody”, apolítico à superfície, progressista e anti-guerra em privado. Gostava da cidade, dos alunos, da rotina. Filmava peças escolares e cerimónias de finalistas. A vida era pequena, mas suficiente.

Fevereiro de 2022 altera tudo. A invasão da Ucrânia redefine a Rússia de um dia para o outro, e essa transformação é captada não através de manchetes, mas de circulares administrativas. Chegam ordens para implementar uma nova “política de educação patriótica”. O objectivo é inequívoco: militarizar a juventude, legitimar a invasão, normalizar a retórica do sacrifício. Cerimónias obrigatórias com bandeiras, crianças a marchar em formação, professores a ler guiões redigidos pelo Estado, mercenários do Grupo Wagner a dar palestras. As aulas de História convertem-se em sessões de propaganda. A câmara não exagera, limita-se a registar, e essa contenção é mais acusatória do que qualquer narração inflamada.

O paradoxo central reside no facto de ser precisamente o papel de Talankin como videógrafo oficial que fornece ao filme o seu fio mais cortante. A sua função consistia em documentar o cumprimento das directivas, produzir provas da propaganda em acção. Durante algum tempo, fá-lo: alunos entediados a jurar lealdade, docentes a repetir argumentos sobre a Ucrânia como “regime nazi”,

corredores decorados com o símbolo "Z". Gradualmente, a lente altera-se. As imagens deixam de ser arquivo burocrático e tornam-se material clandestino.

A colaboração com Borenstein poderia figurar num romance de espionagem: comunicação esporádica, linhas encriptadas, linguagem codificada. Centenas de horas de imagens são contrabandeadas para Copenhaga, onde o filme é montado. Identidades são ocultadas ou protegidas para salvaguardar quem permanece na Rússia. O resultado revela-se trabalhado, mas não excessivamente polido, estruturado, mas ainda cru, preservando a textura de urgência.

O contraponto mais perturbador surge na figura de Pavel Abulmanov, professor de História e colega de Talankin. Descreve a Ucrânia como um Estado fascista e prevê o colapso iminente do Ocidente com entusiasmo inquietante. A certa altura, aponta Lavrentiy Beria como herói pessoal. Seria caricatural se não fosse documental. Acaba recompensado numa cerimónia encenada, momento grotesco que cristaliza a banalidade do mal.

Entretanto, os alunos mudam. A câmara detém-se nos cortes de cabelo progressivamente mais curtos, na roupa camuflada que substitui o vestuário casual, nos corredores que parecem mais frios a cada mês. Alguns rapazes são incorporados no exército, outros alistam-se voluntariamente, alguns não regressam. A sequência mais devastadora quase abdica da imagem: Talankin assiste ao funeral de um ex-aluno morto na Ucrânia. Incapaz de filmar em segurança, grava apenas o áudio. O ecrã permanece negro enquanto se ouve o lamento inconsolável da mãe. A opção formal é arriscada e resulta como um golpe seco.

Do ponto de vista estético, a evolução é clara. As primeiras imagens assemelham-se a registos escolares funcionais e estáticos. À medida que Talankin assume o papel de cronista em vez de funcionário, o enquadramento torna-se mais expressivo, quase pictórico. Um segundo operador de câmara, creditado como "Anonymous", permite ver Talankin dentro da própria narrativa, a descer escadas, a discutir com colegas, a existir no sistema que documenta. O filme torna-se progressivamente mais cinematográfico à medida que o protagonista se torna mais consciente do risco.

O último acto assume contornos de thriller, acompanhando a fuga de Talankin no verão de 2024. A tensão não é estilizada, é concreta. Ele abandona a cidade, os alunos, a vida que conhecia. Vive agora no exílio, em local não divulgado. O filme encerra sem catarse, apenas com deslocação e perda.

Nem tudo, porém, é irrepreensível. Algumas sequências parecem ligeiramente moldadas na montagem para reforçar a fluidez dramática. A banda sonora sublinha pontualmente a emoção de forma excessiva. Mais relevante é a polémica em torno da distinção entre conscrição obrigatória e mobilização para a guerra na Ucrânia. Certas aproximações em montagem, entre despedidas de jovens para o exército e referências a mortes no front, criam associações que podem não corresponder exactamente aos casos específicos retratados. Não compromete a tese central, mas introduz uma ambiguidade num filme que denuncia precisamente a manipulação narrativa.

Ainda assim, o essencial permanece. Mr. Nobody contra Putin não é apenas um documentário sobre a máquina de guerra russa. É um estudo sobre a transformação silenciosa de uma sala de aula em laboratório ideológico. É a demonstração de que segurar uma câmara pode constituir um acto político. E é, acima de tudo, um filme sobre o preço de não desviar o olhar.

Nota: 8/10

Mr. Nobody contra Putin chega às salas de cinema a 5 de Março

António Moura

Um pequeno ser com grande apetite para cinema, séries e videojogos. Fanboy compulsivo de séries clássicas da Nintendo.

[Additional Text]:
Mr. Nobody contra Putin
António Moura
António Moura

Quatro anos de guerra na Ucrânia. "É o maior movimento de pessoas refugiadas em 75 anos"

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 24/02/2026

Meio: CNN Portugal Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=451d821>

A diretora nacional da Portugal com a ACNUR, Soraya Ventura, alerta que mais de 10,8 milhões de pessoas precisam de assistência humanitária quatro anos após o início da guerra na Ucrânia. A convidada da CNN Portugal sublinha que 2025 foi o ano mais letal para civis desde 2022 e que o apoio internacional continua a ser essencial para deslocados e refugiados

Há 3h e 0min

Refugiados ucranianos em Portugal "veem em Zelensky um herói"

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 24/02/2026

Meio: CNN Portugal Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=c038168>

Ângelo Neto é vice-presidente da associação HelpUA. No CNN Arena desta terça-feira explica como são as condições dos refugiados ucranianos a viver em Portugal quatro anos após o início do conflito.

<https://cnnportugal.iol.pt/videos/refugiados-ucranianos-em-portugal-veem-em-zelensky-um-heroi/699ddd160cf21fcd8376c4f9>

Há 22 min

Uma nação marcada pela dor: Quatro anos de guerra sem fim à vista

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	24/02/2026
Meio:	Diário de Leiria Online	Autores:	Cristiana Bernardino

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=f2602a8b>

Uma nação marcada pela dor: Quatro anos de guerra “sem fim à vista” Para além das vítimas mortais - “perdas que já não se recuperam” - Yuliya Hryhoryeva, do núcleo de Leiria da associação Spilka, lembra que há vidas destruídas, famílias completas desfeitas”.

Quatro anos depois do início da invasão russa à Ucrânia, o sentimento dominante entre os ucranianos é de “angústia e revolta”. A afirmação é de Yuliya Hryhoryeva, do núcleo de Leiria da associação Spilka, que fala numa nação “profundamente marcada” e “abandonada”, dentro e fora das suas fronteiras.

“Um cidadão comum que não é militar, não é político, não tem poder militar nem político o que pode sentir nestas situações? Quando não tem luz em casa, quando não pode preparar comida, nem fazer compras?”, questiona.

Para além das vítimas mortais - “perdas que já não se recuperam” - Yuliya lembra que há “muitas vítimas que não são mortais”. “Há vidas destruídas, famílias completas desfeitas. As situações ficaram marcadas, seja em adultos, seja em crianças, porque as crianças não têm uma infância normal, nesse cenário de guerra. Não podem ir à escola como as outras crianças aqui, por exemplo, em Portugal”.

“A nação toda ficou marcada, seja na linha da frente ou de outra parte da Ucrânia. Até nós, que estamos no estrangeiro, sentimos isso e ficamos marcados. Imagino como ficam eles, que estão lá”, lamentou.

Na comunidade ucraniana de Leiria, afirma, a guerra parece acontecer bem perto. “A vida não é fácil para ninguém. Cada um dos ucranianos que conheço tem alguém na guerra. Agora já não há ninguém que não tenha algum familiar na guerra e por isso temos ajudado. Cada um ajuda com o que pode”, salientou.

Ao contrário dos primeiros meses do conflito, quando se realizaram manifestações públicas com grande mobilização, o apoio tornou-se mais silencioso e individual. “Já não fazemos manifestações públicas em massa como no início. Cada um ajuda o seu próprio familiar e nós comunicamos sobre isso”, realçou.

Quanto ao número de refugiados que passaram pela região de Leiria e permaneceram, Yuliya Hryhoryeva admite que é difícil contabilizar. “As pessoas estão sempre em movimento. Houve quem viesse e depois, por não conseguir adaptar-se, foi para outro país. Houve quem regressasse à Ucrânia. É difícil dizer quantos ficaram”.

Muitos dos que escaparam à guerra partindo para outros países, continuam a viver com a esperança de regressar à Ucrânia. “Principalmente aqueles que não conseguem visto de residência. Estas pessoas vivem sempre com a esperança de um dia regressar a casa”, acrescentou.

A Associação dos Ucranianos em Portugal (Spilka) mantém dois núcleos mais estruturados, em Lisboa e no Porto, onde continuam a realizar-se manifestações e iniciativas públicas. Em Leiria, a realidade é diferente.

“Temos poucos membros e não temos capacidade para grandes iniciativas. Eu própria fui presidente do núcleo e, neste momento, a minha vida pessoal não permite dedicar-me como antes”.

Ainda assim, garante que o apoio à comunidade se mantém, dentro das possibilidades existentes.

Quatro anos depois, Yuliya Hryhoryeva não vê um desfecho próximo para o conflito. “Não tem fim à vista”, lamentou.

Para a responsável, a guerra só terminará quando houver uma mudança profunda na forma como a Rússia é encarada no plano internacional.

“Eu acho que esta guerra não acaba enquanto políticos não perceberam que regime russo não se pode tratar com regime político democrático. Para a Rússia, a Europa é fraca e eles sentem isso porque a Europa não é capaz de mostrar à Rússia que se consegue defender. Por isso, os russos fazem aquilo que fazem”, justificou.

Na sua perspetiva, enquanto a Europa e o mundo continuarem a tratar a Rússia “como um parceiro com quem se pode negociar diplomaticamente”, o conflito prolongar-se-á. “A Rússia sente-se capaz porque é um regime que dá tudo para a guerra. Não interessa o povo, não interessa nada.”

Apesar de viver em Leiria há mais de 20 anos, o seu coração nunca saiu da Ucrânia. Grande parte da família continua no país e a guerra passou a tornar-se uma dor irreparável. Em agosto de 2025, o primo, de 40 anos, morreu na linha da frente da Guerra, perto de Donetsk.

“Ele foi para a linha da frente e não regressou. Depois foi dado como morto. Foi muito doloroso para a nossa família”, partilha.

No fim, volta à palavra que mais vezes surge ao longo da conversa: angústia. “É angústia, é tristeza. Psicologicamente é muito difícil viver nesta incógnita permanente. Nunca sabemos o que nos espera amanhã”, rematou.

Parlamento português solidário com povo ucraniano nos quatros anos da agressão russa

O parlamento português afirmou hoje a sua solidariedade com o povo ucraniano, quando se assinalam quatro anos da invasão russa e pediu a “manutenção da unidade europeia e euro-atlântica na resposta à agressão”.

A posição foi aprovada por unanimidade pela comissão parlamentar de Negócios Estrangeiros e Comunidades Portuguesas, no seguimento de votos apresentados pelo Chega e pelo PS nesse sentido.

A Assembleia da República “condena de forma clara e inequívoca a invasão da Ucrânia pela Federação Russa e a continuação da agressão militar iniciada há quatro anos, reafirmando que a alteração de fronteiras pela força constitui uma violação grave do direito internacional e dos princípios da Carta das Nações Unidas”.

Além de condenar “todas as violações do direito internacional”, o parlamento pediu que os autores de crimes sejam responsabilizados.

Na iniciativa, os deputados portugueses transmitiram “solidariedade para com a Ucrânia e o seu povo”, homenagearam as vítimas da guerra e destacaram “a coragem, resiliência e determinação demonstradas na defesa da soberania, independência e liberdade”.

O voto apelou para a “manutenção da unidade europeia e euro-atlântica na resposta à agressão” e para o “empenho ativo de Portugal na consolidação da paz e na implementação de eventuais medidas que reforcem a estabilidade e a segurança europeias”.

O parlamento defendeu também “uma paz justa e duradoura, alcançada através de um processo negocial participado pelas autoridades ucranianas, com o envolvimento inequívoco da Europa, que garanta o pleno respeito pela soberania e integridade territorial da Ucrânia”.

A iniciativa reiterou ainda o apoio de Portugal à Ucrânia e saudou “o contributo do Estado português no plano diplomático, político, humanitário e militar”, apelando “à continuidade e reforço desse apoio”.

Tags: GuerraCristiana BernardinoFevereiro 24, 2026 . 20:15Partilhe este artigo:Junte-se à conversa0Espere! Antes de ir, junte-se à nossa newsletter.

Ao assinar, concordo em receber e-mails do Diário de Leiria e com a política de privacidade.

Deixe este campo vazio se for humano:

[Additional Text]:

Cristiana Bernardino

Cristiana Bernardino

Quatro anos depois do início da guerra, Valéria Rohovtsova, deixou a Ucrânia e veio para Mangualde

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 24/02/2026

Melo: Dão Digital Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=f6c9089c>

Esta terça-feira (24 de fevereiro), marca os quatro anos do início da invasão da Rússia na Ucrânia. Nessa altura, em 2022, foram muitos os ucranianos que escolheram Portugal para fugirem dos ataques. A região de Viseu acolheu várias centenas de pessoas.

Quatro anos depois voltamos a contar com um testemunho de quem fugiu da guerra. Valéria Rohovtsova é jornalista e há oito meses chegou a Mangualde.

À Dão Digital lembra como viveu o primeiro dia de guerra na Ucrânia, ao acordar às 6h00 com o barulho das primeiras explosões.

Seguiram-se três anos difíceis na cidade de Dnipro, onde vivia. Valéria conta que após seis meses, a população já se habituava à guerra e tentava fazer uma vida quase normal por entre os ataques.

Em junho do ano passado, Valéria veio viver para Mangualde com o pai. A mãe ficou na Ucrânia. Desde então, estuda português, em Viseu. No início, como diz, a adaptação não foi fácil. Valéria lembra que era estranho não ouvir explosões e ir ao supermercado sem receio de ser evacuada. Oito meses depois diz sentir-se bem e a habituar-se à vida normal.

Valéria lembra, ainda, um episódio que aconteceu quase um ano depois do início da guerra, dia em que preparava a festa de aniversário de uma amiga, quando um prédio residencial, na cidade onde vivia, foi destruído, causando a morte a 46 pessoas. Momentos que jamais irá esquecer.

Quatro anos de guerra na Ucrânia: o barulho das bombas convive com o "peso silencioso" no coração

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 24/02/2026

Melo: Euronews Portugal Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=aa07b6a6>

Há quatro anos, os ucranianos acordaram para um verdadeiro pesadelo do qual ainda não conseguiram sair. A 24 de fevereiro de 2022, a Rússia invadia a Ucrânia em grande escala. Foram milhares os ucranianos que fugiram do seu país e escolheram Portugal para viver e muitos permanecem

Portugal acolheu cerca de 60 mil refugiados ucranianos desde o início do conflito, em fevereiro de 2022, e está entre os vinte países com o maior número de refugiados vindos da Ucrânia.

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Quatro anos depois, os números oficiais não são fáceis de obter. Estima-se que tenham saído cerca de dez mil, mas a grande maioria mantém-se e constitui já uma das maiores comunidades de refugiados no país.

O sentimento de segurança que se vive em Portugal é uma das grandes razões para que muitos refugiados escolham fazer vida cá, mas muitos mantêm ainda o sonho de voltar.

"Acredito que cerca de 90% dos refugiados que estão aqui querem regressar para reconstruir a Ucrânia", admite, à Euronews, Ângelo Neto, vice-presidente da HelpUA.PT.

"Querem ajudar a Ucrânia a fazer parte da União Europeia e a construir um país que seja, no futuro, uma grande potência junto com os demais Estados-membros", conclui Ângelo.

"Se a Ucrânia cair, o que vai ser da Europa?"

Um cessar-fogo que parece cada vez mais uma miragem.

O último dia das conversações de paz entre a Ucrânia e a Rússia, mediadas pelos Estados Unidos, terminou precisamente uma semana antes da data que assinala os quatro anos de guerra. Os territórios ucranianos ocupados continuam a ser o principal obstáculo nas negociações, com Moscovo a exigir que as forças ucranianas se retirem do Donbass e Kiev a rejeitar repetidamente esse pedido.

"Eu ouvi uma frase de uma mãe que dizia: nós estamos a morrer pela nossa terra, estamos a morrer pela Ucrânia, a derramar sangue por este território. Não é justo agora cedê-lo ao inimigo, que até há quatro anos era um vizinho nosso. Não aceitamos", ou seja, a população ucraniana quer defender a terra, quer defender a liberdade, quer defender a sua democracia e a memória dos que morreram", afirma Ângelo.

Contudo, a falta de esperança num cessar-fogo imediato e os constantes avanços e recuos nas negociações também levam muitos ucranianos a não deixar o país que os acolheu. "Há algumas

peessoas que já começam a pensar, ou até a dar passos reais, para continuar a viver em Portugal", diz o presidente da Associação dos Ucrânicos em Portugal, Pavlo Sadokha, à Euronews.

Pavlo Sadokha, ucraniano em Portugal há quase 30 anos, considera que a guerra "está longe de terminar".

"Acho que este problema está longe de se resolver, porque a sua origem é a própria estratégia de Putin e dos políticos à sua volta, que concebem o país como um império, um regime que quer crescer através da ocupação de outras terras", concluindo que "as perspectivas de terminar a guerra são tão fracas que as pessoas já começam mesmo a pensar que têm de continuar aqui."

O vice-presidente da HelpUA.PT relembra a dimensão que teria uma eventual cedência de territórios por parte da Ucrânia. "Se a Ucrânia cair, o que vai ser da Europa? Porque Putin não vai parar. Quem está a defender os jardins europeus hoje é a Ucrânia", diz.

"Portugal deu-nos não só segurança, mas também calor humano"

Após o início da guerra, Portugal criou um modelo simplificado em que, através de um formulário online, os cidadãos ucranianos puderam solicitar um "Título de Proteção Temporária" que incluía um título de residência temporária, a atribuição do Número de Identificação Fiscal (NIF), do Número de Identificação da Segurança Social e do Número de Utente do Serviço Nacional de Saúde.

Um processo que facilitou a vida dos refugiados recém-chegados que chegavam a Portugal devastados pelo que se passava no país e ainda a ter de lidar com uma série de desafios.

Mariya Velihotska chegou a Portugal em março de 2022 e ainda hoje não conseguiu aprender o português. Já Myron, o seu filho de nove anos, domina a língua "como se sempre tivesse sido a sua língua", diz orgulhosa.

Mãe e filho partiram da cidade natal, Kharkiv, cerca de uma semana após o início da guerra. Soube rapidamente que ali já não era o seu lugar. Fizeram uma viagem de quase cinco mil quilómetros de carro sozinhos. O pai de Myron, como milhares de homens ucranianos, não pôde vir com a família.

Do país só conhecia as fotografias das praias para o surf e o sol. "Portugal deu-nos não só segurança, mas também calor humano. E isso mudou tudo", conta, quatro anos depois de uma chegada difícil.

Em março de 2022 Maryia deparou-se com uma depressão: não conhecia ninguém, não sabia a língua, e estava sem trabalho, para além de ver o seu passado bombardeado e o futuro hipotecado.

Na Ucrânia, era chef de pastelaria com o seu próprio negócio que corria bastante bem. Paixão que trouxe para Portugal e a fez renascer com a ajuda de Myron. "Ele é que me puxou para cima e disse para partilharmos a nossa experiência e o nosso amor com as pessoas. Começámos assim a fazer as nossas bolachas, NUTS, que são ucranianas e a vender no Instagram", conta Maryia.

"Às vezes penso que as crianças curam-se mais rápido do que os adultos", reflete.

Há quatro anos, quando caíram as primeiras bombas no país, Maryia achava que duraria apenas um mês. "Quatro anos depois, encaro a guerra de forma diferente. Não mais como um choque, e sim como um peso silencioso no meu coração. Ela mudou-me. Tornou-me mais atenta ao tempo, às pequenas alegrias, às coisas simples, como uma manhã tranquila ou uma refeição partilhada", começa por dizer, em conversa com a Euronews.

Hoje Maryia é mais feliz e continua a cozinhar. "As sobremesas não são apenas um negócio para mim; são conforto, memória, conexão", diz.

Ainda gere o negócio na cidade de Kharkiv, apesar das dificuldades devido aos cortes diários de eletricidade, à falta de aquecimento e, por vezes, à falta de água. "Depois da guerra, ficou muito

difícil, mas não fechámos. Continuamos a trabalhar, não tanto pela parte rentável, que não é, mas porque ajuda as pessoas a preservar os seus trabalhos e a manter alguma estabilidade", partilha. Lá, a vida segue dentro de um novo normal.

Por cá, Myron já está completamente integrado e sente-se em casa. "Ele joga rãguebi e sonha em tornar-se um dos melhores jogadores de rãguebi de Portugal. Vê-lo a correr no campo, confiante e destemido, dá-me paz", explica.

Paz essa que não encontra na Ucrânia e, mesmo que um dia haja, a Ucrânia já só será morada no coração de Maryia, porque não pensa regressar. "Para mim, o lar agora é onde o meu filho se sente seguro, onde pode rir livremente, onde pode imaginar o seu futuro sem medo", confessa.

Contudo, para muitos destes ucranianos que chegaram como refugiados e a quem lhes foi atribuído o "Título de Proteção Temporária", o futuro continua incerto. "Neste momento, temos estatuto de proteção temporária e, tal como muitas famílias ucranianas, não sabemos como será a situação a longo prazo", diz Mayria.

Em junho do ano passado, os Estados-Membros da UE concordaram em prorrogar a proteção temporária dos refugiados ucranianos até 4 de março de 2027.

A diretiva contorna o tradicionalmente complicado processo de asilo para acelerar o acesso às autorizações de residência, ao mercado de trabalho, à segurança social, aos cuidados médicos e ao sistema educativo.

Estima-se que existam cerca de 4,3 milhões de ucranianos distribuídos pelos diferentes países da UE.

"Espero que sejam encontradas soluções para famílias como a nossa. Famílias que trabalham, que se integram e contribuem para a sociedade. Não queremos viver com medo, queremos continuar a construir e a retribuir", deixa o apelo.

Maryia chegou a Portugal sem sonhos, mas agora já consegue sonhar. "Agora sonhamos em abrir o nosso próprio pequeno café - com sobremesas e gelados - um lugar onde as pessoas se possam encontrar e sentir calor humano", tal como o que encontrou cá.

"É claro que é natural sentir algum medo do que virá a seguir. Construímos uma vida aqui. Adoramos Portugal. O meu filho sente-se em casa. Seria muito difícil imaginar começar do zero novamente", afirma.

A integração dos refugiados ucranianos na vida portuguesa é um dos pontos positivos. "É a comunidade que mais se adaptou em termos de emprego, desde trabalhos em fábricas e limpezas até IT; conseguiu integrar-se profissionalmente", diz Ângelo Neto. Contudo, a grande morosidade nos processos de adaptação de diplomas de profissionais nas áreas da saúde ou da advocacia faz com que muitos desistam de esperar e optem por outras profissões.

Para Pavlo Sadokha, este é um sinal da identidade dos ucranianos: "de conseguirem encontrar soluções" e de "não estarem dependentes de apoios sociais."

Projeto "Choven, Famílias da Guerra" devolve esperança a mulheres e crianças

Portugal recebeu há quase um mês um grupo de mulheres e crianças, viúvas e órfãos de guerra, pela mão da Associação Ukrainian Refugees, UAPT.

O projeto, em colaboração com o departamento central de cooperação civil-militar do Estado-Maior das Forças Armadas da Ucrânia, teve como objetivo proporcionar apoio psicológico, reabilitação emocional e reintegração social a mulheres e crianças ucranianas que perderam familiares diretos na guerra.

“Hoje estima-se que existam quase um milhão de viúvas e crianças órfãs na Ucrânia, sem perspectiva de vida, com depressão, e este é um grande problema humanitário no país”, assegura à Euronews Ângelo Neto, que acompanhou o projeto de perto.

Tudo começou com uma viagem de autocarro, na qual Ângelo, juntamente com outros membros da associação, foi à Ucrânia buscar mães e filhos, previamente selecionados pelo governo ucraniano, para receberem apoio.

“Nós fomos buscá-los à Ucrânia e chegaram a Portugal a 10 de janeiro, tendo ficado até 30 de janeiro. Foram três semanas de acompanhamento psicológico, atividades culturais e de empreendedorismo”, conta Ângelo.

A associação já tinha realizado um projeto semelhante em julho de 2024 com um grupo de soldados ucranianos, recebendo-os no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém.

Para além da componente clínica, com intervenções psicológicas orientadas pela psicóloga clínica da associação, Sydorenko Lada, o projeto integrou também quatro outras componentes: cultural, educacional, desportiva, terapêutica e cívica e institucional.

Visitas a locais como o Mosteiro dos Jerónimos, o Palácio da Pena ou o Palácio de Mafra - com o objetivo de reconectarem-se com a identidade europeia - ou ao Oceanário de Lisboa, para estimular a curiosidade e devolver a esperança no futuro às crianças, foram algumas das atividades realizadas.

Ângelo Neto destacou ainda pequenas iniciativas, como idas ao cabeleireiro com as mães, para “voltarem a sentir-se mulheres” e “voltarem a sentir-se bonitas e a ter autoestima”.

Os resultados clínicos e sociais foram apresentados na segunda-feira e mostram uma “redução significativa dos níveis de depressão e ansiedade”, bem como a “diminuição da tensão emocional crónica e dos sintomas relacionados com traumas.”

O restabelecimento de recursos internos e o aumento da autorregulação emocional foram também constatados em mulheres e crianças que precisavam de novas ferramentas para regressar à sua “realidade” na Ucrânia.

“A intenção do projeto é mostrar que, após a guerra, há um futuro, que eles não estão sozinhos e que não devem desistir”, explica o vice-presidente da associação.

Após três semanas fora do ambiente de guerra, “vemos o seu esforço para continuar a vida, tentar empreender, procurar soluções, porque até então estavam completamente sem esperança ou perspectiva de vida”, conclui.

A UAPT recebeu um convite do Ministério da Economia ucraniano para colaborar no processo normativo e na adaptação aos padrões europeus no âmbito da adesão da Ucrânia à União Europeia.

Há quatro anos, milhares de ucranianos escolheram Portugal como o seu porto de abrigo. Alguns anseiam voltar; outros encontraram casa cá, mas, para todos, o sonho é o mesmo: o fim de uma guerra que já levou à morte de milhares de pessoas.

[Additional Text]:

Maryia e o filho Myron em Portugal

Myron como jogador de rãguebi

Myron na Avenida da Liberdade em Lisboa. 24 de agosto 2025

Mãe e filhos no avião a caminho de Portugal para três semanas de participação no projeto “Choven , Famílias da Guerra”

Luís Montenegro visita grupo de mulheres e crianças ucranianas no Centro de Reabilitação Fénix, em

Ourém. 27 de janeiro 2025

Mais de 60 mil refugiados ucranianos encontram abrigo em Portugal mas sonham um dia regressar

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 24/02/2026

Meio: Expresso Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=df1a1a32>

Apesar de terem encontrado casa no país, que agradecem pelo porto seguro e pelo apoio de colegas portugueses, os refugiados mantêm o desejo de regressar à Ucrânia após a guerra e clamam com a vitória da sua nação contra a Rússia

Mais de seis milhões de ucranianos estão refugiados em toda a Europa por causa do conflito entre a Ucrânia e a Rússia. Muitos escolheram Portugal para ser casa, enquanto a guerra não termina.

Em Portugal há quase quatro anos, Katherina deixou a guerra na Ucrânia um mês e quatro dias depois de ter começado.

São mais de seis milhões os refugiados ucranianos na Europa desde que a Rússia invadiu a Ucrânia. Em Portugal, são mais de 60 mil pessoas deslocadas.

Apesar de terem tornado o país casa, querem um dia poder voltar. Agradecem a Portugal o apoio que o país tem dado aos refugiados. Quem esteve na linha da frente não esquece o que por lá viveu.

Pedem paz e que o conflito termine com a vitória da Ucrânia.

SIC Notícias
SIC Notícias



ID: 121716150

24-02-2026

EM FOCO

DESPORTO UCRANIANO ESCONDE-SE DAS BOMBAS

Assinala-se hoje a passagem do quarto ano da invasão em larga escala da Ucrânia, atacada com enorme violência pela Rússia durante um período que equivale a um ciclo olímpico. O desporto, naturalmente, não escapou às devastadoras consequências de bombardeamentos e ocupação. Ao fim de 1.460 dias desde o início da guerra, outros números - que não impressionam mais do que os nomes a eles associados - revelam a brutalidade de um conflito que a Europa não vivia desde a II Guerra Mundial. Dados ucranianos apontam para quase 1.000 instalações desportivas danificadas ou totalmente destruídas e registam-se mais de 650 mortes de atletas e treinadores federados, muitos deles na frente da guerra. Ainda assim, nos Jogos Olímpicos de Inverno '2026, que terminaram anteontem, a Ucrânia fez-se representar pela maior comitiva desde a independência, em 1991.

2022	FEVEREIRO	DIA 24	MARÇO	ABRIL	MAIO	SETEMBRO	
➤	Rússia invade a Ucrânia no que Putin classifica como uma "operação militar especial". Zelensky declara a lei marcial e uma mobilização	Rússia cerca Kiev mas retrocede em semanas quando as suas tropas ficam retidas por uma resistência feroz	Moscovo altera a orientação do seu ataque para o Leste e Sul da Ucrânia	Surgem evidências de atrocidades após a retirada russa da localidade de Bucha, nos arredores de Kiev	Rendem-se os últimos combatentes ucranianos em Mariupol. Um bombardeamento russo que dura semanas mata milhares de civis	Ucrânia recaptura grande parte da região de Kharkiv numa contra-ofensiva rápida	Putin mobiliza 300 mil recrutas, provocando protestos por toda a Rússia

O JOGO DA SOBREVI

GUERRA. Como sobrevive o desporto ucraniano diante das bombas russas. Histórias de resiliência e a paz encontrada em Portugal

Stepanenko, figura elementar do futebol ucraniano nas últimas décadas, avaliou ao JOGO a situação do país e os reflexos no futebol, ao cabo de quatro anos de agonia e morte

PEDRO CADIMA

●●● Taras Stepanenko foi um dos jogadores fundamentais do futebol ucraniano nas últimas décadas, assinando 87 presenças na seleção, enquanto era médio e pilar do vitorioso projeto do Shakhtar Donetsk. Hoje, em fim de carreira, atuando na Turquia, aos 36 anos, o futebolista conta com esse distanciamento do país, que lhe confere maior segurança nos dias duros que teimam em assolar a Ucrânia, fruto da

ocupação russa e dos ataques ordenados de Moscovo. "Não se resumem a quatro anos de guerra, tudo vem de 2014, nos últimos quatro passamos a lidar com uma invasão total. Agora vivemos um período muito crítico e difícil, um inverno que é muito pesado. Faz muito frio e a Rússia faz questão de destruir as nossas centrais elétricas. Eu estive em Kiev uma semana e vi a população sem nada, sem aquecimento, sem eletricidade e sem água. A eletricidade poder-se-ia ter uma hora por dia, ou, se correr bem, quatro horas por dia. Sem suplementos de energia alternativa, não consegue aquecer, sequer, a comida", documenta, enfatizando "uma situação muito adversa", contrariada diariamente



Um jogo do campeonato ucraniano de futebol tem a lotação limitada a cerca de 2000 lugares, os mesmos que existem no abrigo anti-aéreo mais próximo

por um espírito inabalável. "Os ucranianos são fortes, lutam, ficam calmos e sabem como lidar com tudo. Não sei o que dizer da outra parte, de pessoas que destruíram vidas, casas, arrasaram tudo. O que pensam? Nada é aceitável. Posso afirmar que estamos no período mais difícil desde que a guerra começou". O médio faz questão de desfiar a história, rebobinar a fita de um conflito, toda a cronologia conhecida, antes do avanço mais musculado e bárbaro, com um rasto atroz de sofrimento e devastação, com estimativas difíceis entre largos milhares de mortos. "A Rússia começou isto muito antes, quando ocupou o Donbass e a Crimeia. É importante reter esse ponto. Há uma ocupação de terras nos-

sas, mataram muitas pessoas, destruíram casas e negócios. Não sei quantas vezes a Ucrânia precisa de nascer outra vez para recuperar todas as perdas, se falarmos na parte económica", evidencia, entre desabaços e uma revolta que corrói o íntimo. "Mas o pior é que não recuperas vidas, e não morreram só soldados, morreram imensos civis. São quatro anos de mísseis, 'rockets', bombas diariamente em diferentes partes da Ucrânia. Matam sem piedade. O mundo acompanha pelas notícias, mas nós, vivendo dentro do país, vemos isso todos os dias, muito perto. Sentimos que estamos a lutar contra quem não tem coração e não tem emoções. Não sei como conseguem dormir", lamenta Stepanenko, a defender as cores do Eyupspor. Olha para o futuro ensombreado de dúvidas, forçando a esperança, mesmo quando tudo parece terrivelmente comprometido. "Espero que a



NOVEMBRO 2023	JANEIRO 2024	MAIO	JUNHO	FIM DE 2023	2024 FEVEREIRO	MAIO	AGOSTO	
Moscovo anuncia a anexação das regiões de Donetsk, Lugansk, Kherson e Zaporíjia	A Ucrânia recaptura a cidade de Kherson após a retirada das forças russas	Os aliados ocidentais aprovam o envio de armamento avançado para Kiev, incluindo tanques de primeiro nível	A Rússia, com o apoio principalmente dos mercenários do Grupo Wagner, captura Bakmut após um cerco de nove meses	Ucrânia lança uma grande contraofensiva que acaba por ficar retida nas linhas de defesa russas. O chefe do Grupo Wagner, Yevgeny Prigozhin, dirige um motim de curta duração contra o Governo russo	Os intensos ataques diários com drones e mísseis contra cidades e infraestruturas energéticas passam a ser a norma em ambos os lados	Avdiivka cai após implacáveis ataques russos	Rússia abre uma nova frente na região de Kharkiv, obrigando as tropas ucranianas a retirarem-se temporariamente	Kiev lança uma incursão inesperada na região russa de Kursk

VÊNICA

guerra termine, que a Ucrânia a vença e que as pessoas obtenham a paz nas suas vidas. Mesmo sabendo que não vamos recuperar do que ela nos fez, das perdas que nos causou, da luta que implicou”, sustenta o jogador, que venceu 10 ligas ucranianas pelo Shakhtar, reconhecendo que o futebol é uma parte pequena num drama de tanta gente, uma preocupação fugaz ou acessória.

“Estamos num momento crucial para salvar a independência da Ucrânia, temos de lutar por todos os lados. E vejo o desporto como mais uma luta, junto da política e da economia. Vendoo estado do futebol depois da guerra ter começado, vemos hoje o nível a subir novamente, algumas pessoas a investirem nos clubes, tentando atrair novos jogadores. Temos bons jogadores de fora a chegar e jovens ucranianos a saírem para bons campeonatos. Isso tornará

a seleção mais forte, porque existe muita gente na Europa, em boas academias europeias. E a nossa liga está competitiva”, explana Stepanenko, admitindo um “bom futuro em perspetiva”. A esperança com o Mundial e as campanhas europeias dos gigantes ucranianos também adoça o retrato. “Já conseguimos disputar um Europeu em guerra, temos a oportunidade deste Mundial. Vemos bons jogadores a chegarem a melhores equipas. O bom exemplo do Benfica com Trubin e Sudakov. Tudo isto é importante para a Ucrânia, enviamos mensagens para toda a parte, e continua a mostrar-se o que está a acontecer no nosso país, sejam entrevistas ou reportagens. Esperamos sempre que o nosso esforço seja reconhecido nos vários cantos da Europa, pois todos deviam ajudar a Ucrânia, somos uma barreira de todo o continente”, expressa a O JOGO.

“

“Vemos jogadores a chegarem a melhores equipas, o exemplo do Benfica com Trubin e Sudakov. É importante para a Ucrânia”

“Estamos num momento crucial da independência, temos de lutar. E vejo o desporto como mais uma luta”

“Já conseguimos disputar um Europeu em guerra, temos agora a hipótese de chegar ao Mundial”

“Os ucranianos são fortes, lutam, sabem como lidar com tudo. Não sei o que falar da outra parte...”

Stepanenko
Futebolista ucraniano

”



EXEMPLOS Os dois internacionais ucranianos que representam o Benfica são motivo de orgulho

Trubin, Sudakov e a dura logística

Uma equipa ucraniana, como Shakhtar e Dinamo Kiev, pode chegar a viajar 10 horas de comboio e/ou autocarro para competir nas provas da UEFA. E, finalizado o jogo, repetir tudo no regresso a casa

●●● A luta dos principais clubes ucranianos para que o país não perca capacidade e poderio na Europa é outra imagem vinculada de resiliência e resistência. “Temos as nossas equipas organizadas para competir lá fora, como o Shakhtar e o Dinamo Kiev. Já têm alguma experiência em organizar-se e tratar da logística para competirem na UEFA. Mas é uma vida difícil: viaja-se de autocarro ou comboio muitas vezes para outros países europeus. Pode-se viajar dez horas, depois ainda há o regresso. Não é fácil, apodera-se o cansaço dos

jogadores e os resultados deixaram de ser tão bons na Europa. Mas é passo a passo: o Dinamo e o Shakhtar jogam bom futebol e tentam fazer o melhor”, conta Stepanenko.

“O Shakhtar voltou a reforçar-se com muitos sul-americanos, como fizera no passado, e está a produzir novos talentos”, confidencia, antecipando

do ainda a necessidade “de um investimento na formação”. “Temos o Trubin e o Sudakov como referência, titulares numa grande equipa europeia como é o Benfica. Seria benéfico ver mais nas grandes ligas, porque temos jogadores fortes, com ótimas qualidades, taticamente inteligentes e organizados”, realça.

A sugestão “horível” da FIFA

Stepanenko, ainda se confessa incrédulo com as intenções da FIFA em quebrar a suspensão do futebol russo das provas internacionais. “Foi uma sugestão horrível e profundamente errada. Quem lançou esse tópico não percebe o que está a acontecer e talvez precise de visitar novamente a Ucrânia. Não faria mal ao presidente da FIFA visitar algumas cidades como Kharkiv, Sumy, Chernigiv, Zaporizhzhia, Dnipro, Mykolaiv e Kherson. Compreenderia como foram erradas essas declarações”.



FIM DE 2024	2025	FEVEREIRO	JUNHO	AGOSTO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	2026	JANEIRO	FEVEREIRO
Rússia continua a ganhar pequenas áreas no Leste, apesar de grandes perdas	Surgem notícias de que soldados norte-coreanos lutam juntamente com os russos	O recém-investido presidente dos EUA diz que Putin aceitou ter conversações para terminar a guerra	Ataque ucraniano de sabotagem com drones contra bases aéreas no interior do território russo	Trump e Putin reúnem-se no Alasca para discutir um acordo de paz	EUA e Ucrânia criam um plano de paz revisto que limita os ganhos russos	Moscovo afirma que capturou Pokrovsk após meses de intensos combates	A guerra da Rússia na Ucrânia excede a duração da participação soviética na Segunda Guerra Mundial	Conversações mediadas pelos EUA no meio de contínuos combates e ataques letais de longo alcance	

DISTANTE Em Portugal desde 2025, o futebolista recorda dias de angústia e privação de sono para saber e perceber o que vai acontecendo longe

“MORREU, ERA DO METALIST”

Syzyi, médio do Vila Meã, jogava no Vila Real quando a investida russa sobre a Ucrânia deixou o mundo em polvorosa. Quatro anos de preocupações pelos amigos e familiares em Kharkiv

PEDRO CADIMA

●●● Syzyi é um médio ucraniano já com várias épocas em Portugal, onde chegou antes da agressão russa tomar proporções ainda mais dantescas. Quando a invasão arrancou em fevereiro de 2022, o atleta jogava no Vila Real, vivendo dias de angústia e privação de sono para perceber os acontecimentos, consultar a gravidade e zelar pela família, a viver numa das cidades mais massacradas por raides aéreos, Kharkiv. Hoje, com 30 anos, Syzyi continua a perseguir os seus sonhos futebolísticos por terras nacionais, atuando no Vila Meã, do Campeonato de Portugal. Reproduzimos o seu pensamento ao JOGO, percorrendo todas as ramifica-

ções da tragédia.

“Desde o primeiro dia é um pesadelo que não acaba. Pode haver uma maior habituação, tenta-se esquecer, mas quando chegamos notícias, tenho sempre de falar com família e amigos que lá estão. Não dá para imaginar por aquilo que passamos”, conta o médio, que não consegue desligar de imagens aterrorizantes. “Vi muita coisa que me chocou, o inacreditável que é bombardear escolas, hospitais ou prédios habitados por muitas pessoas. Isso não se esquece”, defende, mergulhando na realidade que lhe é próxima. “Kharkiv sofre ataques praticamente todos os dias, as pessoas continuam a viver com muito medo, sem saber quando tudo vai acabar. Ficam sem luz, sem água, e é muito difícil viver assim. A minha família já fugiu para cá, mas muitos já voltaram por achar as coisas melhores. Mas agora vemos que tudo piorou, e está a piorar ainda mais. Temos um povo guerreiro, e não deixamos de acreditar que



Syzyi jogava em Portugal aquando da invasão

vamos ganhar e ser felizes de novo, quando voltar ao normal”, avalia Syzyi, que chegou a Portugal em 2015/16 para defender as cores do Aves.

Sempre muito apoiado, passou por vários clubes e conheceu diferentes comunidades. “As pessoas aqui ajudam e perguntam por tudo o que é preci-

so. Sempre sinto essa empatia e cuidado, vejo imensa gente pronta a ajudar desde o primeiro momento. Vejo o meu contexto cá como sendo alguém que teve muita sorte em poder fazer uma vida normal. Fazendo coisas, esqueço outras, mas anda sempre comigo uma tristeza grande pela vida difícil dos meus compatriotas”, elucida o médio do Vila Meã, identificando o lado mais tenebroso da guerra, as mais indesejadas e cruéis informações.

“Kharkiv sofreu bastante e continua a sofrer, mas temos um governo na cidade que está a trabalhar bem para conter as coisas, que tem feito um esforço por recuperar sítios que foram atacados e tem feito isso de forma veloz. Infelizmente, há perdas que tocam a todos, um rapaz que jogou comigo no Metalist morreu quando o seu prédio foi bombardeado. Custa muito receber estas notícias”, desabafa, admitindo que “muita gente fugiu, deixando casa e familiares”, rumo a Portugal.

“Desde o primeiro dia é um pesadelo que não acaba. Tenta-se esquecer, mas quando chegam as notícias...”

“As pessoas continuam a viver com muito medo, sem saber quando vai acabar. A minha família já fugiu para cá”

“Fazendo coisas, esqueço outras, mas anda sempre comigo uma tristeza grande pela vida difícil dos meus compatriotas”

Jogar a pensar nos soldados

O sonho de ver a Ucrânia no Mundial 2026 ajuda a unir mais um país devastado pela guerra

●●● Tendo sido sénior do Metalist, Syzyi tem, naturalmente, sentimentos profundos pelo futebol ucraniano, também obrigado à luta pela sobrevivência. “Não é o mais importante, as equipas e os campeonatos perderam nível e qualidade, mas, mesmo

assim, há um grande esforço para se trazer um pouco de alegria às pessoas e segue vivo esse sonho dos ucranianos verem a seleção no Mundial de 2026”, aclara, satisfeito com a dimensão das carreiras de jogadores que funcionam como embaixadores da causa.

“Os grandes jogadores que temos fora do país ajudam muito a Ucrânia. Dão voz e mantêm o país na agenda internacional, sem esquecer todos os guerreiros nas fren-

tes de batalha”, evidencia Syzyi, enaltecendo o hercúleo estófo de muitos que se alistaram nas forças armadas e na Guarda Nacional ucranianas. “Todos os atletas e desportistas representam a Ucrânia com o dobro de motivação, sabem que temos de lutar até à exaustão, com o exemplo de tantos no terreno de batalha no pensamento. Muitos deixaram o desporto para combater. Por todos eles, é preciso vencer”, diz com emoção.



Syzyi também jogou no Tirsense

“Um rapaz que jogou comigo no Metalist morreu quando o seu prédio foi bombardeado. Isso toca-nos”

Syzyi
Futebolista do Vila Meã

ID: 121716150

24-02-2026

SOLDADO: O EXEMPLO DE VASHCHUK

●●● Vladislav Vashchuk, nome grande do Dínamo Kiev e futebol ucraniano na década de 1990, é um dos antigos desportistas que se alistou às forças de defesa ucranianas. Viveu o terror bem de perto, em Hostomel, cercado e escondido numa cave de sua casa. Foram dias de fome, horror, medo e tortura. Esse impacto envolveu-o na organização de jogos solidários, mas também na linha de

defesa, sendo hoje um efetivo da Guarda Nacional da Ucrânia, destacado como soldado e paramédico. Sem tempo para falar num período crítico, importa lembrar a visão do antigo defesa em março de 2023, o JOGO: "A única certeza é que nunca seremos capazes de esquecer ou perdoar. Como poderei esquecer aquilo que os meus filhos tiveram de suportar durante 15 dias".



TRÁGICO TERÃO MORRIDO 650 DESPORTISTAS UCRANIANOS

Sabe-se que entre atletas e treinadores, elementos ligados a diferentes modalidades, há registo de cerca de 650 mortes, como resultado de ofensivas russas, envolvendo isto civis apanhados desprevenidos em bombardeamentos ou desportistas que acudiram o país no meio das necessidades militares. Foram destruídas 800 instalações desportivas, algumas delas olímpicas.



SUPERACÃO Matvii Mikula hoje é guarda-redes em foco na academia do Braga e já nos sub-16 do seu país

Paz no Minho com 12 anos

PEDROCADIMA

●●● Muitas histórias de sofrimento e de vidas em risco motivaram a procura de abrigo fora da Ucrânia, tendo Portugal aumentado largamente o seu acolhimento a famílias ucranianas. Quatro anos depois, destacam-se casos inspiradores, como o do jovem Matvii Mikula, hoje com 16 anos, um diamante em projeção na academia do Braga. Chegou a Portugal com 12 anos, recebendo amparo com a mãe e os avós em Guimarães. Hoje já é escolha dos sub-16 da Ucrânia. Acolhido no Minho, vive na academia dos guerreiros e tem os avós por perto, já que a história familiar também conduziu a mãe, Elena Besedina, a juntar-se ao diretor dos Amigos de Urgeses, Carlos Miguel. Hoje, por questões laborais do grupo Carlsberg, estão no Cazaquistão.

Matvii, nascido em Zaporizhzhia, falou ao JOGO da reviravolta na sua vida, recuando a 2022 com fragmentos de caos na memória, quando deixou Kiev. "Lembro-me perfeitamente de já haver uma possibilidade de termos de sair logo de manhã, pois os meus pais ti-

nham sido avisados por alguém da gravidade das coisas, e pediram a mim e ao meu irmão para prepararmos as malas caso fosse necessário. Recordo que acordei de manhã cedo com os barulhos, saímos da cidade e fomos mais para oeste, onde era mais seguro na altura. Pese os 12 anos, já tinha uma boa noção das coisas e percebi que era muito grave o que se passava", relata Matvii a O JOGO, incrédulo com as notícias, sobressaltado com ataques que não se esgotam. "O que mais me preocupa é não vermos um fim evidente. Ninguém sabe quando isto vai acabar!", desabafa.

"Sempre joguei futebol, acho que já tinha uma forte ideia do que queria ser, e a minha família apoiava-me. Comecei num clube perto de casa, onde jogava no campo enabaliza, até que fui assumindo a posição de guarda-redes. Frequentava treinos individuais, mas não levava as coisas tão a sério", admite, sensibilizado com as camadas de atenção que recebeu em Guimarães, cidade onde já tinha uma tia. "O acolhimento foi incrível, entrei logo na esco-

la, isso ajudou bastante na minha integração. Quando entrei no clube, senti que já pertencia à família há bastante tempo. Foi um período que apreciei muito, gostei imenso de jogar lá e sentia-me em casa. Dou-me bem com toda a gente, ficou como um lugar especial no meu coração", enfatiza, ligando as luzes sobre o seu destino Braga.

"Considero-me responsável e focado, não tive problemas em adaptar-me. Tenho gostado imenso de viver em Portugal, aprecio as pessoas, adorei mudar de uma cidade gigante como Kiev para uma cidade familiar e calma como Guimarães. Tenho aqui os meus avós, que funcionam como pilar", sublinha Matvii, premiado com a chamada para jogar pelos sub-16 da Ucrânia, guiado pela estrela de Trubin. "Ele é o meu ídolo e uma referência pelo nível a que chegou. Também o Zinchenko. A seleção é fruto do trabalho que tenho vindo a fazer e é um orgulho para toda a família. Senti-me radiante por chegar lá. O nosso país vai ter um futuro brilhante pela frente, acredito".



"Trubin é o meu ídolo e uma referência pelo nível a que chegou. Também admiro o Zinchenko"

"Tenho gostado imenso de viver em Portugal, de mudar de uma cidade gigante como Kiev para uma cidade familiar e calma como Guimarães"

"Os meus pais tinham sido avisados e pediram a mim e ao meu irmão para prepararmos as malas"

"O que mais me preocupa é não vermos um fim evidente, quando a guerra vai acabar!"

Matvii Mikula
Futebolista do Braga Sub-16



Uma explosão junto de casa mudou tudo

●●● Carlos Miguel tornou-se um amigo e um segundo pai de Matvii. Abriu-lhe as portas do Amigos de Urgeses e entrou na vida mais íntima, juntando-se à mãe do jovem ucraniano. A viver com Elena Besedina, já com viagens feitas de carro à Ucrânia para solucionar problemas burocráticos, o varamense tem uma noção exata da grande odisseia de sobrevivência e descoberta de um novo mundo, que tocou esta família vinda de Kiev.

"Permanecer era arriscado, e o momento decisivo foi quando uma forte explosão ocorreu perto de casa. A segurança da criança era mais importante do que tudo, partir tornou-se a única decisão correta", revela, atacando a linha do tempo e um contentor de notícias angustiantes. "Tem sido uma sequência de duríssimas provocações: do choque dos primeiros ataques e destruições à constante incerteza, quando breves períodos de calma relativa são substituídos por novas ondas de bombardeamentos. A maior preocupação é que uma paz duradoura ainda não chegou", desabafa Carlos Miguel. "Cada notícia sobre a situação na Ucrânia é sentida de forma muito pessoal, a sensação de que a guerra está 'por perto' não desaparece, mesmo estando longe", afere.

O orgulho do que Matvii tem feito em Portugal vai ao encontro do menino promissor. "O futebol já desempenhava um papel importante na sua vida na Ucrânia. Ele treinava numa equipa local em Kiev, jogava como guarda-redes e frequentava adicionalmente uma escola, ganhando confiança e técnica gradualmente. Portugal foi um ponto de viragem, encontrou um ambiente onde o futebol faz parte da cultura e onde as academias desportivas infantis oferecem grandes oportunidades de desenvolvimento. Foi de uma base sólida ao polimento profissional", exulta, virando o foco para o perfil de um atleta que se tem solidificado e aprimorado comportamentos. "É um rapaz maduro, determinado e trabalhador. Distingue-se pela calma, concentração e vontade de aprender. Em Braga teve acesso a condições que aceleraram a sua evolução. Tem conhecido uma vida estável em Portugal, com escola, treinos, amigos e rotinas. Tem crescido como atleta e pessoa. A convocação para a seleção foi uma honra", louvando o Amigos de Urgeses, que o ajudou na adaptação, na sensação de segurança e reencontro de uma vida normal. "Aceleraram muito a sua transição para uma diferente realidade".



Mikula joga no Braga e na seleção Sub-16 da Ucrânia

Cumprem-se hoje quatro anos da guerra na Ucrânia

P20-23

Como o futebol sobrevive às bombas

|| Os exemplos Trubin e Sudakov

|| Paz encontrada aos 12 anos no Minho

|| Vida e morte na cidade de Khariv

Quatro anos de guerra na Ucrânia: "Não se vê luz ao fundo do túnel"

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	24/02/2026
Meio:	JPN Online	Autores:	Isabel Lico

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=9f549808>

Quis um infeliz acaso que a Guerra da Ucrânia começasse no dia em que Volodymyr Klykov fazia anos. Quatro anos depois, o conflito continua sem fim à vista. "É uma situação de impasse completo", na análise de José Milhazes. Pavlo Sadokha, da Associação de Ucrânianos em Portugal, lembra: os ucranianos estão "muito cansados da guerra"

Volodymyr Klykov lembra-se bem deste dia: 24 de fevereiro de 2022. Era o dia do seu aniversário e passou a ser também o dia que marcou o início da guerra entre a Rússia e a sua terra-natal, a Ucrânia. O ucraniano, que está em Portugal há três anos, recorda ao JPN o começo do conflito, que acompanhou do apartamento em Kiev. "Foi um choque enorme, porque ninguém achou que a guerra ia realmente começar", diz. E, com ela, instaurou-se no país o "pensamento de que a morte estava próxima". Ainda assim, conta, "muitas pessoas achavam que a guerra acabaria logo. Dois ou três meses, no máximo". Quatro anos depois, o ucraniano ainda se pergunta quando, e se, a guerra vai terminar.

Para José Milhazes, jornalista, escritor e comentador político, o cenário não é otimista: "Estamos numa situação de impasse completo, e não se vê luz ao fundo do túnel. Eu diria que nem sequer se vê o túnel, que fará luz lá ao fundo". Isso porque, segundo diz ao JPN, ambos os lados "têm posições muito rigorosas", o que por sua vez significa que "vamos ter, talvez, meses ou até mais um ou dois anos de guerra, até à exaustão de uma ou das duas partes".

Outra explicação para o arrastar da guerra, defende José Milhazes, é "o facto de tanto Zelensky como Putin terem metido a fasquia à altura máxima". Se algum dos líderes ceder, explica o comentador, "corre o risco de perder apoio interno e até de ser banido do poder". Por medo disso, completa, ambos ficam "sem poder de manobra".

"A Ucrânia não quer ceder"

Em entrevista à BBC, Volodymyr Zelensky reafirmou a sua convicção de que a Ucrânia vai sair da guerra vitoriosa. Essa vitória, para o líder ucraniano, implica o fim do conflito sem qualquer cedência de terras à Rússia. "A Ucrânia não quer ceder o Donbass; a Rússia exige todo o Donbass", explica José Milhazes. E não bastasse a incompatibilidade dos objetivos, há ainda muitas dúvidas sobre as implicações de longo prazo de uma resolução imediata do conflito. Volodymyr Klykov considera que se a Ucrânia decidir "fazer um acordo de paz, essa será uma guerra sem fim". Para o ucraniano, "esse é o maior problema". "É um impasse e precisamos achar uma solução apropriada. Mas ela não existe, pelo menos por enquanto", completa.

À cadeia pública britânica, o presidente ucraniano acusou Putin de "já ter começado a terceira guerra mundial" e definiu como "única resposta" uma "pressão militar e económica intensa para forçá-lo a recuar". "A Rússia quer impor ao mundo um modo de vida diferente e mudar as vidas que as pessoas escolheram para si", disse ainda o presidente.

Uma guerra em duas frentes

O conflito com os vizinhos russos não tem sido a única preocupação da Ucrânia. José Milhazes afirma que “há um problema que Zelensky herdou e não conseguiu, mesmo durante uma guerra, resolver: o problema da corrupção”.

O país já passou por diversos escândalos ligados à corrupção no passado, tendo o governo de Zelensky sido acusado de desviar quase 84 milhões de euros no setor da energia. O caso levou à fuga de um aliado próximo do presidente e à demissão dos ministros da Justiça e da Energia, além do chefe de gabinete de Zelensky, Andriy Yermak.

O último desses episódios data do ano passado, quando a Agência Anticorrupção da Ucrânia (NABU) acusou deputados em exercício de aceitarem subornos em troca de votos no Parlamento, além de ter entrado em gabinetes do governo em Kiev. Essas acusações, assim como a maior parte das outras, não levaram a condenações judiciais.

Ainda assim, a aprovação popular de Zelensky dentro da Ucrânia segue estável. “Acho que Zelensky cometeu erros no passado, mas, ao mesmo tempo, ele também tomou algumas decisões muito sábias”, considera Volodymyr Klykov. O sentimento, segundo José Milhazes, é ecoado pela população ucraniana, que mantém o apoio ao líder. Apesar disso, ressalta o editor internacional da BBC News, Jeremy Bowen, “Volodymyr Zelensky tem opositores e críticos severos na Ucrânia”.

E quanto a um possível acordo?

Na mesma entrevista à BBC, Zelensky foi categórico ao afirmar que a Ucrânia conquistará de volta todos os territórios tomados pela Rússia. “Vamos fazê-lo. Isso é absolutamente claro. É apenas uma questão de tempo”, disse. A análise de José Milhazes, no entanto, é que esse otimismo não tem onde se apoiar.

O comentarista aponta que a vulnerabilidade da Ucrânia se deve, também, à dependência de apoio externo, que tem “deixado a desejar”. Elencando alguns dos personagens desse conflito, José Milhazes diz que os Estados Unidos “fazem mais pressão sobre a Ucrânia do que sobre a Rússia”, a China “descaradamente fornece ajuda militar à Rússia”, e completa: “depois temos a Europa, que está completamente marginalizada, e que eu penso que continuará assim.”

Além disso, uma negociação sobre a concessão de territórios ucranianos à Rússia levanta, segundo Volodymyr Klykov, “questões éticas”. “Se há pessoas a morar nessas terras, nas suas cidades-natal, e elas são cidadãs ucranianas”, reflete, “quanto vai custar vender as vidas delas? Vender essas pessoas para a Rússia? E que garantia nós temos? Nós podemos deixar que a Rússia controle todo o Donbass, mas não temos nenhuma garantia que no ano seguinte eles não queiram mais.”

Do cansaço ao “terror” do frio

Pavlo Sadokha é o presidente da Associação de Ucranianos em Portugal Foto: Wikimedia Commons

Pavlo Sadokha, presidente da Associação de Ucranianos em Portugal, diz ao JPN que os ucranianos estão “muito cansados da guerra”, porque “não têm hipótese de não lutar”. É o que sente Volodymyr Klykov em primeira mão, e agora que acompanha a rotina ucraniana através da mãe, que ainda mora em Zaporizhzhia, no leste do país. “A cidade está sob ataque quase todos os dias”, diz o ucraniano, que também tem medo pelos amigos. Muitos deles “já estão mortos por causa da guerra, porque se alistaram no exército”. E completa: “Acho que todos na Ucrânia têm alguma história sobre alguém que morreu na guerra. Todos têm alguma história sobre perder a casa, perder amigos, perder família.”

Mas a guerra também se faz presente de outras formas. Como conta Volodymyr Klykov, “em Kiev, o inverno é uma época difícil. Recentemente, estava 20 graus negativos. Sem aquecimento, sem eletricidade. Muitos apartamentos não têm gás. É impossível cozinhar ou usar a casa de banho, porque é preciso eletricidade para bombear água para pisos mais altos.” Pavlo Sadokha também comenta que “este inverno é um terror completo”. Por isso, ele e outros membros da comunidade ucraniana na Europa fazem esforços para “juntar dinheiro e enviar geradores e roupas quentes para

ajudar os familiares ucranianos, para aguentarem isso.”

O refúgio português

Volodymyr Klykov chegou da Ucrânia a Portugal há três anos

Desde o início da guerra, muitos ucranianos encontraram refúgio em terras portuguesas. Foi o caso de Volodymyr Klykov, que deixou a Ucrânia com planos iniciais de se mudar para o Canadá. “Portugal era só uma paragem no caminho, porque eu queria ver os meus amigos daqui”, conta. “Mas lembro-me do primeiro dia, quando cheguei em Portugal. Era de manhã, e eu fui para a praia de Matosinhos. Havia um lugar no meio das pedras, e fiquei sentado lá por cinco horas, só a ver as ondas e a esvaziar a mente. Percebi que estava tão cansado, tão exausto, e pensei: eu não quero mais sair de lugar nenhum; quero só estar aqui e aproveitar este lugar, recuperar-me aqui . Porque senti que este lugar era meu”, completa.

Volodymyr Klykov não tem a intenção de retornar à Ucrânia, mas diz que “muitas pessoas querem voltar, porque têm planos para as suas famílias, têm planos para as suas vidas.” O ucraniano, que esta terça-feira completa 40 anos, aponta ainda que “a maioria das pessoas saiu da Ucrânia como uma solução temporária.” Ainda assim, há muito a ponderar antes de um possível regresso: “Se saíste de lá como uma solução temporária”, acrescenta, “mas a tua casa foi destruída, os teus amigos foram mortos, os teus pais estão escondidos no meio do nada, para onde é que vais voltar?”

Pavlo Sadokha diz que, quando os ucranianos saíram do país em 2022, “tinham esperança que a guerra poderia terminar”. Quatro anos depois, conta, percebem que ainda não há sinais claros de um cessar-fogo, então, “têm que começar a decidir o que vão fazer no futuro”. Com isso, a população ucraniana em Portugal diminuiu nos últimos anos , eram cerca de 75 mil, segundo os últimos dados da Agência para a Integração, Migrações e Asilo, que datam de 2024. Segundo o presidente da Associação, isso acontece porque muitas famílias acabaram por se mudar para “outros países, como Alemanha e França”. A busca por melhor qualidade de vida dentro da Europa vem da falta de esperança de a conseguir na Ucrânia. “A cada ano que passa, há menos possibilidade de que os ucranianos voltem para casa”, conclui Pavlo Sadokha.

Os números da guerra

Data da última semana a mais recente tentativa de conversação entre as partes. Ao fim das reuniões em Genebra, na Suíça, o presidente Volodymyr Zelensky definiu a conversa com o homólogo russo Vladimir Putin como “difícil” e indicou que não houve acordo em relação às questões territoriais. Já o chefe da delegação russa disse que nas reuniões, mediadas pelos Estados Unidos, houve um avanço nas negociações e que o próximo encontro entre os países deve ocorrer em breve.

Desde o início da guerra, em 24 de fevereiro de 2022, até dezembro de 2025, estima-se que a Rússia tenha perdido 325 mil soldados. Os números sobre a Ucrânia não são tão precisos, variando entre os 100 e os 140 mil soldados mortos. Os dados foram levantados pelo Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais. A Organização das Nações Unidas estima que 15 mil civis ucranianos tenham morrido ao longo dos quatro anos de guerra, enquanto o Ministro das Relações Externas russo aponta a morte de oito mil civis russos.

Editado por Filipa Silva
Isabela Lico

Aguiar-Branco garante que Portugal continua ao lado do povo ucraniano "sem hesitações"

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 24/02/2026

Melo: Now Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=17779548>

Presidente da Assembleia da República assinalou os quatro anos da invasão russa.

O presidente da Assembleia da República afirmou esta terça-feira que Portugal, quatro anos depois da invasão militar da Ucrânia pela Rússia, continua ao lado do povo ucraniano sem hesitações, em defesa da democracia e do Estado de Direito.

Esta posição de José Pedro Aguiar-Branco, divulgada no dia em que se assinalam quatro anos da intervenção militar da Federação Russa no território ucraniano, foi publicada na página do parlamento.

Na sua mensagem, o presidente da Assembleia da República recorda 24 de fevereiro de 2022 como "um dia triste".

"Um dia que nos recorda que a paz, a democracia e a liberdade nunca podem ser dadas como adquiridas. Têm de ser preservadas e construídas todos os dias, por cada um de nós", adverte.

José Pedro Aguiar-Branco salienta, depois, que a questão da Ucrânia "não é um problema distante", mas "uma guerra que acontece à porta da Europa".

"Pela sua proximidade, tem tudo a ver connosco. É uma guerra que viola e coloca em risco os valores que são também os nossos. Quatro anos depois, continuamos ao lado da Ucrânia e do seu povo sem hesitações e continuamos a defender os nossos valores partilhados", advoga.

Especifica, logo a seguir, nesta sua mensagem, que esses valores são os da "democracia, do Estado de Direito, da soberania, da integridade territorial, dos direitos humanos e direito internacional".

"É esse o mundo que juntos queremos construir", acrescenta.

Por motivos de saúde, o presidente da Assembleia da República teve de cancelar a sua agenda prevista para hoje.

Pelas 11:00, na sala de vistas do parlamento, tinha um encontro com jovens ucranianos que se encontram em Portugal ao abrigo do programa Bring Kids Back UA . Um encontro que seria acompanhado pelas embaixadoras da Ucrânia e do Canadá.

Na parte da tarde, na Nova SBE, em Carcavelos, José Pedro Aguiar-Branco deveria abrir uma conferência também no âmbito do mesmo programa que pretende fazer regressar à Ucrânia crianças separadas das suas famílias e que foram deportadas para a Rússia. Nesta conferência, será substituído pela vice-presidente da Assembleia da República Teresa Morais, deputada social-democrata.

Lusa

O que aprendemos com a guerra?

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	24/02/2026
Melo:	Renascença Online	Autores:	Olímpia Mairós Sérgio Costa

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=f5b4b41a>

Comentador da Renascença João Duque diz que a guerra na Ucrânia expôs dependências da Europa, divisões políticas e um conflito que continua sem solução à vista.

Quatro anos depois do início da invasão russa da Ucrânia, a guerra continua sem um desfecho claro e deixou lições duras para a Europa. Para o comentador da Renascença João Duque a principal aprendizagem foi a da paciência - e da desilusão.

“Aprendemos a ter muita paciência, infelizmente, porque esperávamos que o epílogo desta guerra fosse relativamente rápido”, afirma, sublinhando que essa expectativa existia não só no Ocidente, mas também em Moscovo. “Os russos pensavam que isto era um passeio muito breve, de meia dúzia de dias, até chegarem a Kiev, alterarem o governo e eliminarem o país.”

Nada disso aconteceu. E, segundo João Duque, a guerra acabou por revelar fragilidades estruturais da Europa. “Começámos a perceber que estávamos muito dependentes energeticamente do gás russo”, recorda, acrescentando que o conflito obrigou os países europeus a criar alternativas. Mais tarde, diz, tornou-se evidente outra dependência crítica: “Também percebemos que estamos muito dependentes, em termos de defesa, dos Estados Unidos.”

Europa menos unida do que parecia

Para o economista, a guerra também desmontou a ideia de uma União Europeia plenamente coesa. “Aprendemos que não somos assim tão unidos como pensávamos”, afirma, apontando divergências internas na resposta à Rússia. “Há uma grande clivagem na Europa quanto à atitude perante os russos”, afirma.

João Duque recorda, a este propósito, posições como a da Hungria relativamente aos pacotes de sanções. “Não estamos assim tão unidos como seria desejável. Vamos aprendendo a realidade da política e como ela é diferente do idealismo que muitas vezes associamos às grandes decisões internacionais”, realça

Guerra de desgaste e apostas opostas

Segundo o economista, o conflito entrou numa lógica de desgaste prolongado. “A Ucrânia aposta que a Rússia vai claudicar, porque não tem capacidade financeira para manter o esforço de guerra e está a sofrer perdas absolutamente gigantescas”, afirma, sublinhando que são perdas sem precedentes desde a Segunda Guerra Mundial.

Uma leitura que coincide com a posição expressa pelo ministro dos Negócios Estrangeiros português, Paulo Rangel, que admitiu na Renascença que um eventual cessar-fogo pode resultar do enfraquecimento económico russo.

Do outro lado, alerta João Duque, a aposta de Moscovo é diferente. “Os russos também apostam que

a Europa se vai cansar e que as democracias europeias não vão aguentar este esforço prolongado.”

É aqui que, na opinião do comentador, reside a grande incógnita. “Vamos aguentar?”, questiona. “Os políticos europeus têm de convencer os eleitores de que este apoio faz sentido, para continuarem a ter mandato para apoiar a Ucrânia. E isso não é fácil”

Enquanto esse equilíbrio político não se resolve, quem mais sofre são os ucranianos. “Quem paga este prolongamento do conflito são todos os ucranianos, com um impacto imenso nos civis, mesmo fora das zonas diretas de combate”, sublinha.

Quanto ao futuro, João Duque não antecipa mudanças significativas. “Não prevejo que 2026 seja muito diferente do que foi o ano passado, infelizmente”, conclui.

João Duque
Olímpia Mairos Sérgio Costa

Refugiados ucranianos sentem-se em casa em Portugal mas sonham com regresso à terra natal

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 24/02/2026

Melo: SIC Notícias Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=1490087b>

Apesar de terem feito de Portugal a sua casa, os refugiados mantêm o desejo de regressar à Ucrânia e agradecem o apoio português, pedindo o fim do conflito com a vitória ucraniana.

Mais de seis milhões de ucranianos estão refugiados em toda a Europa por causa do conflito entre a Ucrânia e a Rússia. Muitos escolheram Portugal para ser casa, enquanto a guerra não termina.

Em Portugal há quase quatro anos, Katherina deixou a guerra na Ucrânia um mês e quatro dias depois de ter começado.

São mais de seis milhões os refugiados ucranianos na Europa desde que a Rússia invadiu a Ucrânia. Em Portugal, são mais de 60 mil pessoas deslocadas.

A incerteza do amanhã na Ucrânia: 1.461 dias depois, a guerra continua a redefinir o que é viver com o coração nas mãos

Apesar de terem tornado o país casa, querem um dia poder voltar. Agradecem a Portugal o apoio que o país tem dado aos refugiados. Quem esteve na linha da frente não esquece o que por lá viveu.

Pedem paz e que o conflito termine com a vitória da Ucrânia.

SIC Notícias

"Só trouxe três malas pequenas." Há quatro anos, família ucraniana escolheu Portugal por ser "ponto mais afastado" da guerra

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 24/02/2026

Meio: TSF Online

Autores: Maria Augusta Casaca

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=4a6458af>

Olena e os dois filhos saíram de Kiev assim que a Rússia invadiu a Ucrânia

Quando a guerra rebentou na Ucrânia, Olena Baikova só quis afastar-se. "Apanhei um grande susto e escolhi o ponto mais afastado do nosso continente", conta. A região algarvia, em Portugal, foi o seu destino e dos dois filhos adolescentes, de 15 e 17 anos.

"Porque é que eu saí? Porque o meu filho mais velho é autista profundo e naquela situação ele não conseguia estar na Ucrânia", explica.

Na Ucrânia, Olena era professora de inglês numa escola pública. Chegar a Portugal sem conhecer a língua e os hábitos de um país tão diferente foi difícil, mas os conhecimentos de inglês facilitaram a tarefa. "Ajudou muito, por um lado, mas por outro eu tinha de aprender português", admite. "Durante o primeiro ano, pensei que a minha cabeça ia explodir, mas estudei muito", afirma a sorrir. "Tinha de saber conversar e perceber o que se passava à minha volta", adianta.

Para trás, em Kiev, a cidade onde vivia, ficou tudo o que possuía. Quando chegou a Portugal, Olena e os filhos só traziam três malas pequenas. Conta que os apoios chegaram de muitos lados da sociedade portuguesa, mas também de ucranianos que já viviam no país há vários anos. "Tive ajuda da diáspora ucraniana aqui, no Algarve, tive sorte de encontrar pessoas com bom coração (...) e recebi muita ajuda da Câmara Municipal de Loulé com comida e roupa", relata.

Passados quatro anos, Olena Baikova já conseguiu refazer a vida: alugou uma casa, os filhos estão na escola portuguesa e ela voltou à sua profissão de sempre: celebrou contrato como professora de inglês no Colégio Internacional de Vilamoura.

A segurança dos filhos é a sua principal preocupação, por isso, não sabe se algum dia voltará ao país que a viu nascer. Da mãe e dos amigos que deixou na Ucrânia, chegam-lhe relatos de dias difíceis.

"Só têm eletricidade duas a três horas por dia, estão sem aquecimento e este inverno tem sido muito frio", lamenta. "Estamos com muitas dificuldades, mas ainda temos o nosso espírito e vamos vencer", assegura.

[Additional Text]:

Imagem de contexto do artigo

Imagem do autor Maria Augusta Casaca

Maria Augusta Casaca

Centro de reabilitação que ajuda refugiados ucranianos em Ourém começa a ser reconstruído após tempestades

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	24/02/2026
Meio:	TSF Online	Autores:	Carolina Quaresma

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=ec49b26c>

Em declarações à TSF, Ângelo Neto, vice-presidente da HelpUA, adianta que a associação ajudou metade dos 60 mil refugiados que entraram em Portugal

O centro de reabilitação da associação HelpUA, que ficou destruído com as tempestades das últimas semanas, começa agora a ser recuperado. Em declarações à TSF, Ângelo Neto, vice-presidente da associação, garante que, apesar dos estragos que o centro sofreu com o temporal, o plano é continuar em Ourém.

"Todas as coberturas do edifício de acolhimento onde temos o quarto de fisioterapia e ginásio foram completamente destruídos. Já começamos a reabilitação de toda a cobertura por recursos próprios. Estamos a aguardar as candidaturas que fizemos para os apoios que o Governo lançou. Sem dúvida que é para continuar e reconstruir o que foi destruído", explica à TSF Ângelo Neto.

A guerra entre a Rússia e a Ucrânia começou há quatro anos, tendo a associação sido criada para ajudar os refugiados ucranianos que vieram para Portugal. A HelpUA ajuda na procura de emprego e na aprendizagem da língua portuguesa, mas também oferece apoio psicológico e médico.

No início, a prioridade era ajudar na integração dos refugiados, mas, neste momento, a associação está envolvida em outros projetos, focados no futuro da Ucrânia.

"Estamos centrados num projeto com o Ministério das Forças Armadas da Ucrânia, para viúvas e órfãos de guerra. Recebemos um grupo de 35 mães e crianças, que ficaram em Portugal até ao dia 30 de janeiro, durante três semanas, para fazer o programa completo", adianta Ângelo Neto, revelando que pretende falar com o Governo português.

"O modelo que fizemos em parceria com a Fundação Gulbenkian teve tão bons resultados que vai ser um modelo aprovado para os outros países da União Europeia. Além disso, queremos ajudar a Ucrânia num convite que foi feito pelo Ministério da Economia ucraniano para, junto com o nosso Governo [português], ajudá-los nos procedimentos para a candidatura da União Europeia", sublinha.

A HelpUA ajudou metade dos 60 mil refugiados que entraram em Portugal. O vice-presidente adianta que, agora, muitos ucranianos começaram a regressar a casa e, por isso, são menos aqueles que procuram refúgio.

"Em termos de refugiados não existe um grande fluxo de saída da Ucrânia. Em média, foram emitidos 60 mil estatutos de proteção temporária para refugiados de guerra, nós atendemos e ajudamos 30 mil. Mas nós estimamos que hoje, em Portugal, dos 60 mil que entraram como refugiados, entre 35 a 40 mil pessoas ainda estejam cá. Agora, existe o fluxo contrário não só para a Ucrânia, mas para países mais perto da Ucrânia para, quando terminar a guerra, poderem voltar rapidamente e ajudar a reconstruir o país", acrescenta.

[Additional Text]:

Imagem de contexto do artigo Centro de reabilitação que ajuda refugiados ucranianos em Ourém começa a ser reconstruído após tempestades

Imagem do autor Carolina Quaresma

Imagem do autor Inês Cortez

Carolina Quaresma

Refugiados ucranianos em Portugal "veem em Zelensky um herói"

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 24/02/2026

Meio: TVI Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=a6969225>

Ângelo Neto é vice-presidente da associação HelpUA. No CNN Arena desta terça-feira explica como são as condições dos refugiados ucranianos a viver em Portugal quatro anos após o início do conflito.

CISION**Renascença - Edição da Noite**

Duração: 00:10:39

OCS: Renascença - Edição da Noite

ID: 121725556

23-02-2026 23:05

Quatro anos de guerra na Ucrânia

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=eb78b851-78a4-48ff-bfb0-0ad00f31d01f&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

O conflito na Ucrânia, com a invasão russa em larga escala há quatro anos, afetou a vida de muitas crianças e jovens no Donbass, que cresceram sob ocupação. A Rússia admitiu ter levado cerca de 744.000 crianças ucranianas, mas registos mais creíveis apontam para um mínimo de 20.000. A Ucrânia já resgatou 2.000 jovens.



Marchas solidárias pela Ucrânia

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=7cb4bcf2-cace-46af-881f-e31e5e254f3f&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Centenas de pessoas marcharam em Lisboa e no Porto pela paz na Ucrânia, pedindo o fim da guerra e do sofrimento, perto de completar quatro anos desde a invasão. Nadia, que fugiu do país com os filhos e a mãe, descreve a mudança na sua vida e o anseio por uma vida normal. Em Portugal, muitos ucranianos encontraram refúgio, mas o desejo é o regresso a casa.

Repetições: RTP Notícias - Telejornal , 2026-02-22 20:24
RTP Notícias - 24 Horas , 2026-02-22 00:07



Marchas solidárias no Porto e Lisboa: diretos

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=704b199b-cb65-4654-86e5-0279f497a00a&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A comunidade ucraniana em Portugal organizou uma marcha pacífica para assinalar os quatro anos da invasão. A iniciativa, que incluiu momentos simbólicos como a presença de uma bandeira gigante, decorreu nas ruas de Lisboa e do Porto.

Diretos.



Marcha pacífica em Lisboa: direto

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=34060292-b441-41c6-9504-bb313fad0571&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Em Lisboa, a comunidade ucraniana organizou uma marcha pacífica para assinalar os quatro anos da invasão russa. Cerca de duas centenas de pessoas, incluindo crianças, participaram no evento, que prestou homenagem às vítimas e expressou o desejo de regressar à Ucrânia. A iniciativa contou com o apoio da Associação de Ucranianos em Portugal.

Direto.



Quatro anos de guerra na Ucrânia: entrevista

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=e4aabe71-7e92-4415-96cc-c29e963b4762&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Pavlo Sadokha, presidente da Associação de Ucrânios em Portugal, abordou a situação vivida pelos ucranianos, tanto no seu país como no estrangeiro, quatro anos após a invasão russa. O responsável destacou o genocídio contra o povo ucraniano, a deportação de crianças e as difíceis condições de vida impostas pela guerra. É pouco provável que os ucranianos regressem em massa ao seu país, dada a destruição das cidades e a continuidade dos ataques russos. As negociações de paz não têm dado origem a resultados concretos, à exceção da troca de prisioneiros. Não se acredita que a guerra termine este ano, dado que a Rússia dispõe de armamento e de apoio de outros países.

Saiba o que hoje é notícia

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 22/02/2026

Meio: Diário de Notícias da Madeira Online

URL: <https://www.dnoticias.pt/2026/2/22/482269-saiba-o-que-hoje-e-noticia/>

Marchas de solidariedade com as crianças ucranianas realizam-se hoje em várias cidades portuguesas, incluindo Porto, Coimbra e Lisboa, a dois dias do quarto aniversário da invasão da Ucrânia pela Rússia, a 24 de fevereiro de 2022.

Organizadas pela comunidade ucraniana em Portugal, as marchas pretendem assinalar os quatro anos da invasão russa da Ucrânia e chamar a atenção para o impacto da guerra nas crianças ucranianas, um dos grupos mais vulneráveis do conflito.

De acordo com a UNICEF, à entrada no quinto ano de guerra, um terço das crianças da Ucrânia continuam deslocadas, quase 2,6 milhões. Cerca de 1,8 milhões dessas crianças vivem como refugiadas fora do país e mais de 791 mil estão deslocadas dentro da Ucrânia.

Pelo menos 3.200 crianças morreram ou ficaram feridas durante os quatro anos de guerra.

A Rússia anexou a Península da Crimeia, em 2014, e lançou uma ofensiva de grande escala contra todo o território ucraniano em fevereiro de 2022.

Hoje, também é notícia:

CULTURA

O Teatro Lethes, em Faro, vai reabrir hoje, com a 9.ª edição do Festival Internacional de Guitarras de Faro, após ter sido forçado a cancelar todos os espetáculos, em novembro, devido a danos estruturais no palco causados pelo mau tempo.

A partir das 16:00 sobem ao palco o Duo Guirimbadu (composto por Eudoro Grade, na guitarra, e Vasco Ramalho, na marimba) e o Trio Pasión Andaluza (constituído por Carles Pons, José Manuel Cuenca e Almudena Roca).

Entre as atuações canceladas estiveram o espetáculo de dança clássica "Quebra-Nozes", da Companhia Jovem de Dança do Porto, a peça de teatro "Limites", produzida pelo Teatro dos Aloés, e a tragédia de Shakespeare "Rei Lear", pela Companhia de Teatro do Chapitô.

DESPORTO

O FC Porto procura manter os quatro pontos de vantagem na liderança da I Liga de futebol, na receção ao Rio Ave, que chega ao Estádio do Dragão em crise, na 23.ª jornada.

Com o triunfo de sábado do Sporting no campo do Moreirense (3-0), os 'dragões' vão entrar em campo com apenas um ponto de vantagem sobre os 'leões', segundos classificados e principais rivais nesta altura da competição.

Também já nesta ronda, o Benfica, terceiro, colocou-se à condição a quatro pontos da equipa de Farioli, após receber o bater o AVS, lanterna-vermelha, igualmente por 3-0.

Já o Rio Ave vive a pior fase no campeonato, com cinco derrotas seguidas, seis nos últimos sete jogos, e é 15.º posicionado apenas dois pontos acima da zona de descida.

O FC Porto-Rio Ave está agendado para as 20:30.

Também hoje, mas às 18:00, o Estoril Praia, nono classificado, recebe o Gil Vicente, relegado provisoriamente para quinto com o triunfo do Sporting de Braga no clássico com o Vitória de Guimarães e grande surpresa da atual edição da I Liga.

O ciclista espanhol Juan Ayuso (Lidl-Trek), líder da geral da Volta ao Algarve, procura tornar-se no sucessor de Jonas Vingegaard no palmarés de vencedores, na quinta e última etapa da 52.ª edição que termina no alto do Malhão.

De amarelo desde a segunda etapa, o corredor de 23 anos tem apenas sete segundos de vantagem sobre o promissor francês Paul Seixas (Decathlon), que o bateu ao sprint no alto da Fóia para conquistar a sua primeira vitória como profissional.

O vencedor da Volta a França do Futuro, de apenas 19 anos, parece ser o único capaz de destronar Juan Ayuso, uma vez que o português João Almeida está já a distantes 44 segundos na geral.

Vice-campeão da passada edição, o ciclista da UAE Emirates tentará ficar pelo segundo ano consecutivo no pódio da 'Algarvia', tendo o francês Kévin Vauquelin (INEOS), que é quarto a 57 segundos, como grande rival na luta pelo terceiro lugar.

Apenas pelas 15:52 será conhecido o campeão da 52.ª edição, quando estiverem concluídos os 148,3 quilómetros da quinta etapa, que começa em Faro e escala duas vezes o Malhão.

A primeira contagem de montanha do dia, uma terceira categoria em Soidos, aparece ao quilómetro 91,9, e antecede a primeira subida ao Malhão, cotada como de segunda categoria.

De seguida, os ciclistas descem para voltar a subir a Soidos (134,6), já depois de ultrapassarem a meta volante de Alte (132,5).

Será previsivelmente a derradeira escalada de 2,6 quilómetros ao ponto mais alto de Loulé a definir a geral e a entronizar o sucessor de Vingegaard, ausente desta edição.

Agência Lusa



Reportagem Especial " Um Intervalo de Paz"

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=f70a90fb-84c7-404e-b57a-55ac01ec472a&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A Ucrânia está em guerra há quatro anos, sem um acordo de paz à vista. A SIC acompanhou 15 famílias de uma região próxima da fronteira russa que conseguiram escapar aos bombardeamentos. Mulheres viúvas e crianças órfãs viajaram para Portugal a convite de uma associação portuguesa, na esperança de encontrarem um período de paz. A reportagem centra-se nas suas histórias de resiliência, perdas e esperança num futuro mais seguro.



Reportagem Especial " Um Intervalo de Paz"

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=3feaed77-9117-422d-b535-fe010603e7d0&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A Ucrânia está em guerra há 4 anos e a paz parece ainda distante. A SIC acompanhou a resistência de 15 famílias de uma região próxima da fronteira russa sempre sob fogo cerrado. O intervalo de Paz é a reportagem especial de hoje no Jornal da noite.

"Um intervalo de Paz": como reconstruir uma vida estilhaçada pela guerra na Ucrânia?

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/02/2026
Meio: SIC Notícias Online Autores: Pedro Freitas

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=aad8e3f6>

A SIC documenta a jornada de várias famílias ucranianas que viajaram para Portugal após perderem entes queridos na guerra. Entre as histórias destacam-se Yuliia, agora viúva com dois filhos, e Volodya, uma criança gravemente ferida num ataque russo.

A SIC acompanhou a resistência de 15 famílias ucranianas de uma região próxima da fronteira russa sempre sob fogo cerrado. As mulheres ficaram viúvas, as crianças perderam o pai, mas viajaram para Portugal a convite de uma associação portuguesa. "Um intervalo de Paz" é a Reportagem Especial deste sábado.

Agora viúva, Yuliia vive sozinha com os dois filhos, na região de Chernihiv, sempre debaixo de fogo, apenas a 20 quilómetros do território russo.

Na Ucrânia, deixou de haver tempo para ser criança e, para os proteger da guerra, Yuliia fez as malas e está a caminho de Portugal.

Parece apreensiva antes da viagem para um país do qual nada conhece, mas diz que só quer os dois filhos em segurança, seja onde for.

Nesta viagem para Portugal, Yuliia e os dois filhos vêm acompanhados de outras 30 vítimas da guerra da mesma região de Chernihiv.

Muitas crianças ficaram feridas ou órfãs

Segundo a UNICEF, pelo menos 3.100 crianças morreram ou ficaram feridas desde o início do conflito

Volodya foi uma das vítimas graves de um devastador ataque das forças russas a sul do território.

Apresentava fraturas e vários ferimentos das explosões. Há três anos e meio que o estado de saúde de Volodya não regista qualquer evolução. Os médicos não desistem e o menino também não.

A mãe de Volodya sobreviveu com lesões graves e nunca mais poderá tomar conta do filho.

Tal como centenas de outras crianças cujos pais morreram na guerra, o menino aguarda na chamada "Cidade da Bondade", em Chernivtsi, junto à fronteira com a Roménia, a improvável chegada de uma nova família que o aceite adotar.

São mais de 200 os menores órfãos que vivem neste refúgio, numa altura em que o número de adoções na Ucrânia é ínfimo.

Desde o início do conflito, a burocracia é ainda mais complexa.

Crianças com doenças crónicas e deficiências graves estão entre as vítimas mais negligenciadas da guerra.

Pedro Freitas

Cronologia: como foi a resposta do Governo, da Proteção Civil e das Forças Armadas à "Kristin"

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	07/02/2026
Meio:	Expresso Online	Autores:	Carla Tomás Vitor Matos

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=e7b9beca>

Minuto a minuto: que meios é que a Proteção Civil pediu aos militares, e quando é que foram disponibilizados para o terreno? O Expresso publica os dados da timeline com as interações entre a ANEPC e as Forças Armadas, para que possa ver como foi coordenada a resposta à tempestade

Um documento interno da Autoridade Nacional de Proteção Civil (ANEPC), com uma timeline, detalhando os pedidos feitos às Forças Armadas para responder aos efeitos da tempestade "Kristin", permite avaliar as interações entre as duas entidades nos primeiros dias da catástrofe. O Expresso teve acesso a esse documento, que em parte serviu de fonte ao artigo publicado na edição impressa desta sexta-feira, sobre a lentidão e descoordenação na resposta. Reproduzimos aqui uma cronologia com os pedidos da ANPC e as respostas das Forças Armadas, para se avaliar a rapidez nas respostas, considerando que há pedidos das autarquias aos militares, a que não tivemos acesso. Apesar de questionado, o Estado-Maior General das Forças Armadas (EMGFA) não deu informações sobre as solicitações dos municípios, feitos em paralelo ao Exército e sem coordenação com a ANEPC.

Esta cronologia apresenta não só as interações entre a ANEPC e o Comando Conjunto para as Operações Militares (CCOM), que funciona sob alçada do EMGFA, mas também acrescenta os comunicados do próprio EMGFA e do Exército, assim como assinala os momentos políticos mais relevantes destes dias.

A informação que consta nesta parte da fita do tempo da ANEPC, vai de 28 de janeiro até às 13h26 do dia 2 de fevereiro. No último dia referido, as Forças Armadas entraram em estado de prontidão imediata.

27 de janeiro de 2026 (terça-feira)

ANEPC avisa que a tempestade "Kristin" está a chegar, com ventos destrutivos e incerteza na trajetória. É a terceira tempestade numa semana e IPMA informa que a "Kristin" podia ser "bastante destrutiva".

16h - A ANEPC aumenta o estado de alerta para o "nível 4", o nível crítico que coloca todas as agentes de proteção civil em estado de prontidão. O Estado-Maior General das Forças Armadas (EMGFA) recebe o Comunicado Técnico Operacional da ANEPC, e "acompanha de forma contínua a evolução da situação" nas primeiras 24 horas.

Ministro da Defesa, Nuno Melo, viaja para a Turquia e para a Polónia, na companhia dos chefes do Estado-Maior da Armada e da Força Aérea.

Envio de mensagem preventiva a cerca de 6 milhões de pessoas nas zonas previsivelmente afetadas

23h , Ativação extraordinária do Centro Coordenador Operacional Nacional (CCON), presidido pelo presidente da ANEPC e envolvendo a GNR, PSP, INEM, Cruz Vermelha Portuguesa, Segurança Social, REN, Altice, Infraestruturas de Portugal, Brisa, STAE/SIRESP e Forças Armadas (via oficial de ligação).
28 de janeiro de 2026 (quarta-feira)

Madrugada O território português é varrido pela tempestade "Kristin" com ventos que chegam 208 km/h registados na serra de Sicó, que destroem postes de alta tensão e antenas de comunicação, afetando cerca de um milhão de clientes. O distrito de Leiria é o mais afetado.

Início da manhã: ANEPC diz ter mais de oito mil operacionais no terreno, incluindo elementos dos Corpos de Bombeiros, Força Especial de Proteção Civil, Unidade de Emergência de Proteção e Socorro da GNR e Sapadores Florestais, entre outras entidades.

8h: Equipa de gestão de crise do Governo reúne-se virtualmente para avaliar primeiro impacto da "Kristin".

9h17: ANEPC pede dois destacamentos de Engenharia para apoiar os Serviços Municipais e Corpos de Bombeiros de Ourém e Ferreira do Zêzere. Resposta às 13:46: Disponibilizado um destacamento. No dia seguinte é adicionada uma pá carregadora.

9h45: O primeiro-ministro, Luís Montenegro, faz o primeiro comunicado. Diz que "o Governo tem estado a acompanhar em permanência o impacto da tempestade "Kristin", que "tal como antecipado, tratou-se de um evento climático extremo", mas que "as consequências foram minimizadas pelos avisos atempados da proteção civil e a postura responsável e prudente da população portuguesa". Lamenta as duas mortes já conhecidas na altura: um padeiro em Vila Franca de Xira, cujo carro foi atingido quando saía para a distribuição e um habitante de Carvide (Leiria) que foi atingido por uma chapa metálica enquanto tentava salvar o telhado.

10h19: Pedido de reabastecimento de combustível na Base Aérea Nº 5 (BA5) em Monte Real. Resposta às 11h17: Confirmada disponibilidade de apoio.

15h57: Pedido de cedência temporária de 2 retroscavadoras de pneu para a Marinha Grande. Resposta só às 12h20 do dia seguinte: Disponibilizado 1 destacamento de engenharia.

17h - Montenegro vai à Proteção Civil e garante que o Governo acompanha a situação desde a primeira hora. Reconhece a existência de elevados prejuízos e não descarta a declaração de estado de calamidade pedida pelo autarca de Leiria. O Presidente da República desloca-se também à ANEPC, sem aviso prévio. Ambos foram acompanhados pela ministra da Administração Interna, que não falou e que, de manhã, tinha estado numa cerimónia oficial da GNR. Reunião de coordenação na sede da ANEPC, com presença governamental.

22h42 - Pedido de grupos energéticos para a Câmara, bombeiros e estação de captação de água de Alvaiázere. Resposta às 16h28 do dia seguinte: disponibilidade de apoio com potência superior 50 KVA em três locais distintos.

Exército faz comunicado a dizer que foi mobilizado um Destacamento de Engenharia para Ferreira do Zêzere para limpeza de itinerários e restabelecimento da mobilidade.

Comunicado do EMGFA não diz quanto militares estão envolvidos. O número é mínimo. Refere alojamento e alimentação para 34 refugiados ucranianos e a atribuição de dois destacamentos de Engenharia do Exército (oito militares), para limpeza de itinerários e geradores para apoio a autarquias. As máquinas de engenharia da Força Aérea estão empenhadas a tratar dos estragos na Base de Monte Real, onde ruiu uma estrutura e quatro caças F-16 sofreram danos. Após os trabalhos dentro da Unidade, apoiarão autarquias.

29 de janeiro de 2026 (quinta-feira)

Governo decreta estado de calamidade no Conselho de Ministros.

Ministro da Defesa cancela ida da Turquia à Polónia. Nuno Melo e os dois chefes militares regressam a Portugal após a declaração do estado de calamidade.

Forças Armadas elevam o alerta e passam ao estado de prontidão "azul", o que implica uma resposta

de 24 horas às solicitações.

A ANEPC continua "cega", sem imagens aéreas ou por satélite da devastação deixada pela "Kristin", devido às condições meteorológicas que impedem a captação de imagens pelos satélites do sistema europeu Copernicus, o mesmo acontecendo com as imagens de satélite disponibilizadas desde a primeira hora pelas Forças Armadas.

IPMA avisa que vem a caminho mais uma sequência de fenómenos meteorológicos extremos que podem provocar cheias.

11h18 - Pedido de cedência e montagem de toldos no Município de Alvaiázere. Resposta às 22h59: confirmada disponibilidade na região.

11h24: Pedido de geradores de 100 kVA para Coimbra (anteriormente pedido para Abrantes). Resposta às 20h51: Disponibilidade na região da Figueira da Foz e Ourém. Observações: O equipamento fica a cargo da Proteção Civil, pois a Marinha não tem capacidade para manter militar no local para operação.

Tarde: primeiro-ministro Luís Montenegro vai ao terreno, a Leiria e a Coimbra.

18h09 - ANEPC pede equipa para cortes de árvores em Tomar. Resposta só às 14h23 do dia 31 (sábado): são disponibilizadas não uma mas sete equipas de limpeza e desobstrução, mas só dois dias depois do pedido.

18h19: Pedido de alojamento no Regimento de Infantaria 15, em Tomar para 48 bombeiros. Resposta à 22:36: Disponibilidade de alojamento (sem alimentação).

19h32: Pedido de 22 geradores para Ferreira do Zêzere (retificado para 2 de 30 kVA e 20 de 20 kVA). Resposta às 11h30 do dia seguinte: Disponibilizados 2 Grupos Energéticos (15 kVA e 35 kVA).

20h39: Pedido de alojamento e logística na Regimento de Artilharia 4, em Leiria e na Base Aérea Nº5, em Monte Real. Resposta às 23h39: Disponibilidade de alojamento e alimentação para 45 elementos na BA5 (dormida e pequeno-almoço). Observações: Pedido cancelado em 30/01 às 00h41.

21h01: Pedido de 6 Grupos Energéticos para Alvaiázere e Figueiró dos Vinhos. Resposta às 11h07 do dia 31, sábado: Disponibilizados 5 Grupos Energéticos para Figueiró dos Vinhos, mas só dois dias depois.

Exército faz um comunicado assinalando o empenho de 23 militares, 8 viaturas ligeiras, 3 viaturas pesadas, 4 máquinas de engenharia e 3 geradores. Três destacamentos de Engenharia ativos (1 na Marinha Grande e 2 em Ferreira do Zêzere). Três módulos de energia em Alvaiázere para eletrobombas e apoio social (lar de idosos). Empenhada uma equipa de desobstrução de itinerários equipada com motosserras. Assegurado o alojamento para os 48 bombeiros no Regimento de Infantaria n.º 15.

30 de janeiro de 2026 (sexta-feira)

Ministro Leitão Amaro manda retirar vídeo que foi publicado nas redes sociais, a coordenar a resposta à crise.

Ministros começam a aparecer no terreno e nos canais de informação.

Ministra da Administração Interna Maria Lúcia Amaral fala pela primeira vez e diz que não tem estado no terreno porque há muito trabalho a fazer na "invisibilidade" do gabinete (embora no dia anterior tivesse presidido a uma cerimónia a distribuir espadas a oficiais). Depois, vai com o Presidente da República a Leiria, onde diz que é preciso fazer uma "aprendizagem coletiva". Não sabe o que falhou.

Marcelo Rebelo de Sousa vai ao terreno, alegando que quis dar prioridade ao Governo e aos

candidatos presidenciais.

15h53: ANEPC pede 1 Pelotão Militar para auxiliar os Bombeiros da Batalha. Resposta 17h36: Disponibilidade de 1 pelotão para desobstrução na região de Leiria. Observações: Forças Armadas disponibilizam cinco equipas (quatro só no dia seguinte de manhã, outra dois dias depois à tarde).

23h25: Pedidos quatro botes e dois drones para o Rio Mondego. Resposta: Sem resposta. Observações: Pedido cancelado.

Exército comunica o empenhamento de 38 militares, 11 viaturas ligeiras, 4 viaturas pesadas, 5 máquinas de engenharia, 4 motosserras e 3 geradores. Mais dois destacamentos de Engenharia para Vieira de Leiria. O Regimento de Transportes apoiou 34 ucranianos desalojados. Fornecidos 5 módulos Starlink e 1 módulo rear link.

31 de janeiro de 2026 (sábado)

Autarca de Leiria (entre outros) queixa-se de falta de meios. Regista-se a primeira morte de um cidadão que tentava arranjar o telhado da sua casa.

00h26: Pedido de um Gerador para Tomar. Resposta às 01h55: Disponibilidade de um Grupo Energético.

00h35: Pedidas equipas de limpeza e 8 geradores para Ferreira do Zêzere. Resposta: Sem resposta. Observações: Meios já não eram necessários (confirmado às 14h18).

02h06: Pedidos 6 botes e 2 drones para transporte e monitorização no Rio Mondego. Resposta às 19h35: Disponibilidade para operações anfíbias em Coimbra.

10h08: Pedidos 6 veículos pesados e militares para evacuação de populações isoladas com pré-posicionamento a partir do dia seguinte, com prontidão imediata. Sem resposta

10h03: Pedidos de meios anfíbios, pesados, motobombas e alojamento (250 pessoas) para Tancos. Resposta às 23h38: Disponibilidade de 6 botes e 2 drones. Disponibilidade de alojamento no Regimento de Paraquedistas (140), Regimento de Engenharia (60) e Brigada de Reação Rápida (50).

14h56: ANEPC pede equipamentos "Hot Spot" para comunicações de dados em zona afetada. Resposta só no dia seguinte, domingo, às 15h18: Disponibilizados 2 kits de routers e geradores (dependentes de rede 4/5G), e comunicações satélite tipo Starlink. Observações: ANEPC teve de corrigir o pedido, porque pedir "hot spot", um distribuidor de sinal de dados tipo wi-fi implicava que houvesse comunicações móveis naquelas zonas, o que não acontecia. Depois de corrigida pelos militares, ANEPC solicita ajuste para comunicações via satélite (Starlink) por falta de rede móvel.

23h52: Pedido veículo pesado com grua para transporte de gerador de 5 toneladas. Resposta no dia seguinte, domingo, às 17:06: Disponibilidade de 1 veículo da Marinha (BNL) na região de Pedrógão Grande/Leiria.

EMGFA comunica que tem apenas 240 militares empenhados no apoio direto às populações desde o dia 28, 74 viaturas, 12 geradores e 5 sistemas Starlink ativos. 14 pedidos em preparação.

O Exército comunica um reforço do dispositivo com 153 militares, 33 viaturas ligeiras, 11 pesadas, 6 máquinas de engenharia e 34 motosserras. Mobilização de 7 equipas para Tomar e 6 para Ferreira do Zêzere (com Hilux e motosserras). E dois módulos Starlink e um Módulo de Comunicações.

1 de fevereiro de 2026 (domingo)

Conselho de Ministros extraordinário reúne-se de manhã, decidindo prolongar e alargar estado de calamidade até 8 de fevereiro e anuncia um pacote de apoios para as zonas afetadas.

Comissão Nacional de Proteção Civil reúne-se, presidida pela ministra da Administração Interna (e sem o PM presente por ter delegado competências na MAI). É aprovado o Plano Nacional de

Emergência e Proteção Civil com o argumento de que só então se justificava devido a nova tempestade a caminho e aumento do risco de cheias.

11h34: Pedidos meios anfíbios, drones, botes e veículos 4x4 para o Rio Sorraia. Resposta no dia seguinte: Depois de alguma confusão nas interações, militares comunicam movimentação dos meios preposicionados em Tancos para o Sorraia.

14h57: Pedidos 6 botes, drones e veículos 4x4 para os Rios Vouga e Águeda. Resposta às 20h41: Movimentados 8 botes e 2 drones (faltam veículos pesados 4x4).

20h43: Pedido de apoio logístico e reabastecimento de JET A-1 na Base Aérea N°6, do Montijo. Resposta no dia seguinte, às 01h02: Confirmada disponibilidade.

22h05: Pedido de um pelotão militar para limpeza em Alvaiázere. Observações: Aguarda informação do pedido efetuado pelo comando nacional da ANEPC às Forças Armadas.

Vários pedidos sem resposta constam do documento.

Exército faz um extenso comunicado com o detalhe dos meios e da sua localização: Ativado o Grupo de Comando e Ligação para o Município de Tomar; ativado o Grupo de Comando e Ligação para o Município de Ferreira do Zêzere. 5 destacamentos de engenharia; energia e iluminação com três módulos de engenharia); limpeza e desobstrução com nove Equipas com 18 motosserras, em Tomar e Ferreira do Zêzere; em Marinha Grande, um Módulo de Alojamento com gerador gerador atrelado 60 kVA. (70 Camas); equipas de desobstrução com um pelotão de Comandos, dois pelotões de paraquedistas (em movimento). Figueiró dos Vinhos com 4 módulos Starlink e módulo de comunicações (apoio às zonas de Campelo e Arega); uma equipa de montagem em altura de engenharia em Figueiró dos Vinhos a montar lonas para reparação provisória de coberturas de habitações; transporte e descarregamento de 18 toneladas de lonas, provenientes de Vila Nova de Famalicão, descarregadas em instalações municipais, para apoio à cobertura provisória de habitações em Figueiró dos Vinhos.

Nota: O documento da ANEPC com os pedidos às Forças Armadas, a que o Expresso teve acesso, não tem dados para os dias seguintes.

2 de fevereiro de 2026 (segunda-feira)

00h01: Forças Armadas elevam o estado de alerta para "prontidão imediata". Segundo resposta oficial do EMGFA ao Expresso, esta decisão - tomada uma semana depois do primeiro alerta máximo da ANEPC -, "foi efetuada de forma faseada, garantindo que as unidades dispusessem de capacidade de resposta adequada para apoiar eventuais solicitações, sem comprometer as missões em curso".

EMGFA faz um comunicado em que já apresenta uma presença mais robusta no terreno:

1975 militares empenhados, em apoio direto às populações, desde 28 de janeiro de 2026. Não inclui o pessoal em alerta nem os militares envolvidos na preparação e apoio logístico aos módulos envolvidos; 356 viaturas e 32 máquinas de engenharia. Desobstrução e limpeza de vias rodoviárias, com 17 empenhamentos no total, estando ainda 5 em curso; Fornecimento de energia com 13 geradores; alojamento e alimentação, com 261 pessoas apoiadas, mais 80 sacos-cama disponibilizados; Logística e serviços, com 4 apoios, havendo a realçar a utilização de 1 módulo de lavandaria, banhos e latrinas; Reforço e disponibilidade de comunicações de emergência, com 13 equipamentos Starlink; Disponibilização de equipas para cortes de árvores: 20 equipas de limpeza, das quais 12 com motosserras; Operações anfíbias (busca, salvamento e patrulhamento): 30 botes e respetivas equipas posicionadas nas zonas de risco severo no Douro, Vouga, Mondego e Tejo; Em preparação encontravam-se 14 pedidos da ANEPC de apoio, e que incluíam a desobstrução de vias, produção de energia, operações anfíbias (Busca e Salvamento), transporte de pessoas, bombagem de água, remoção/reboque de veículos, alojamento e alimentação. Adicionalmente, estavam disponíveis 6 helicópteros e uma aeronave de transporte C-130 da Força Aérea, para este apoio específico.

Jornalista

Vítor Matos / Carla Tomás

Cronologia: como foi a resposta do Governo, da Proteção Civil e das Forças Armadas à calamidade

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	07/02/2026
Melo:	Expresso Online	Autores:	Carla Tomás Vitor Matos

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=bed264f1>

Minuto a minuto: que meios é que a Proteção Civil pediu aos militares, e quando é que foram disponibilizados para o terreno? O Expresso publica os dados da timeline com as interações entre a ANEPC e as Forças Armadas, para que possa ver como foi coordenada a resposta à tempestade

Um documento interno da Autoridade Nacional de Proteção Civil (ANEPC), com uma timeline, detalhando os pedidos feitos às Forças Armadas para responder aos efeitos da tempestade “Kristin”, permite avaliar as interações entre as duas entidades nos primeiros dias da catástrofe. O Expresso teve acesso a esse documento, que em parte serviu de fonte ao artigo publicado na edição impressa desta sexta-feira, sobre a lentidão e descoordenação na resposta. Reproduzimos aqui uma cronologia com os pedidos da ANPC e as respostas das Forças Armadas, para se avaliar a rapidez nas respostas, considerando que há pedidos das autarquias aos militares, a que não tivemos acesso. Apesar de questionado, o Estado-Maior General das Forças Armadas (EMGFA) não deu informações sobre as solicitações dos municípios, feitos em paralelo ao Exército e sem coordenação com a ANEPC.

Esta cronologia apresenta não só as interações entre a ANEPC e o Comando Conjunto para as Operações Militares (CCOM), que funciona sob alçada do EMGFA, mas também acrescenta os comunicados do próprio EMGFA e do Exército, assim como assinala os momentos políticos mais relevantes destes dias.

A informação que consta nesta parte da fita do tempo da ANEPC, vai de 28 de janeiro até às 13h26 do dia 2 de fevereiro. No último dia referido, as Forças Armadas entraram em estado de prontidão imediata.

27 de janeiro de 2026 (terça-feira)

ANEPC avisa que a tempestade “Kristin” está a chegar, com ventos destrutivos e incerteza na trajetória. É a terceira tempestade numa semana e IPMA informa que a “Kristin” podia ser “bastante destrutiva”.

16h - A ANEPC aumenta o estado de alerta para o “nível 4”, o nível crítico que coloca todas os agentes de proteção civil em estado de prontidão. O Estado-Maior General das Forças Armadas (EMGFA) recebe o Comunicado Técnico Operacional da ANEPC, e “acompanha de forma contínua a evolução da situação” nas primeiras 24 horas.

Ministro da Defesa, Nuno Melo, viaja para a Turquia e para a Polónia, na companhia dos chefes do Estado-Maior da Armada e da Força Aérea.

Envio de mensagem preventiva a cerca de 6 milhões de pessoas nas zonas previsivelmente afetadas

23h , Ativação extraordinária do Centro Coordenador Operacional Nacional (CCON), presidido pelo presidente da ANEPC e envolvendo a GNR, PSP, INEM, Cruz Vermelha Portuguesa, Segurança Social, REN, Altice, Infraestruturas de Portugal, Brisa, STAE/SIRESP e Forças Armadas (via oficial de ligação).
28 de janeiro de 2026 (quarta-feira)

Madrugada O território português é varrido pela tempestade "Kristin" com ventos que chegam 208 km/h registados na serra de Sicó, que destroem postes de alta tensão e antenas de comunicação, afetando cerca de um milhão de clientes. O distrito de Leiria é o mais afetado.

Início da manhã: ANEPC diz ter mais de oito mil operacionais no terreno, incluindo elementos dos Corpos de Bombeiros, Força Especial de Proteção Civil, Unidade de Emergência de Proteção e Socorro da GNR e Sapadores Florestais, entre outras entidades.

8h: Equipa de gestão de crise do Governo reúne-se virtualmente para avaliar primeiro impacto da "Kristin".

9h17: ANEPC pede dois destacamentos de Engenharia para apoiar os Serviços Municipais e Corpos de Bombeiros de Ourém e Ferreira do Zêzere. Resposta às 13:46: Disponibilizado um destacamento. No dia seguinte é adicionada uma pá carregadora.

9h45: O primeiro-ministro, Luís Montenegro, faz o primeiro comunicado. Diz que "o Governo tem estado a acompanhar em permanência o impacto da tempestade "Kristin", que "tal como antecipado, tratou-se de um evento climático extremo", mas que "as consequências foram minimizadas pelos avisos atempados da proteção civil e a postura responsável e prudente da população portuguesa". Lamenta as duas mortes já conhecidas na altura: um padeiro em Vila Franca de Xira, cujo carro foi atingido quando saía para a distribuição e um habitante de Carvide (Leiria) que foi atingido por uma chapa metálica enquanto tentava salvar o telhado.

10h19: Pedido de reabastecimento de combustível na Base Aérea Nº 5 (BA5) em Monte Real. Resposta às 11h17: Confirmada disponibilidade de apoio.

15h57: Pedido de cedência temporária de 2 retroscavadoras de pneu para a Marinha Grande. Resposta só às 12h20 do dia seguinte: Disponibilizado 1 destacamento de engenharia.

17h - Montenegro vai à Proteção Civil e garante que o Governo acompanha a situação desde a primeira hora. Reconhece a existência de elevados prejuízos e não descarta a declaração de estado de calamidade pedida pelo autarca de Leiria. O Presidente da República desloca-se também à ANEPC, sem aviso prévio. Ambos foram acompanhados pela ministra da Administração Interna, que não falou e que, de manhã, tinha estado numa cerimónia oficial da GNR. Reunião de coordenação na sede da ANEPC, com presença governamental.

22h42 - Pedido de grupos energéticos para a Câmara, bombeiros e estação de captação de água de Alvaiázere. Resposta às 16h28 do dia seguinte: disponibilidade de apoio com potência superior 50 KVA em três locais distintos.

Exército faz comunicado a dizer que foi mobilizado um Destacamento de Engenharia para Ferreira do Zêzere para limpeza de itinerários e restabelecimento da mobilidade.

Comunicado do EMGFA não diz quanto militares estão envolvidos. O número é mínimo. Refere alojamento e alimentação para 34 refugiados ucranianos e a atribuição de dois destacamentos de Engenharia do Exército (oito militares), para limpeza de itinerários e geradores para apoio a autarquias. As máquinas de engenharia da Força Aérea estão empenhadas a tratar dos estragos na Base de Monte Real, onde ruiu uma estrutura e quatro caças F-16 sofreram danos. Após os trabalhos dentro da Unidade, apoiarão autarquias.

29 de janeiro de 2026 (quinta-feira)

Governo decreta estado de calamidade no Conselho de Ministros.

Ministro da Defesa cancela ida da Turquia à Polónia. Nuno Melo e os dois chefes militares regressam a Portugal após a declaração do estado de calamidade.

Forças Armadas elevam o alerta e passam ao estado de prontidão "azul", o que implica uma resposta

de 24 horas às solicitações.

A ANEPC continua "cega", sem imagens aéreas ou por satélite da devastação deixada pela "Kristin", devido às condições meteorológicas que impedem a captação de imagens pelos satélites do sistema europeu Copernicus, o mesmo acontecendo com as imagens de satélite disponibilizadas desde a primeira hora pelas Forças Armadas.

IPMA avisa que vem a caminho mais uma sequência de fenómenos meteorológicos extremos que podem provocar cheias.

11h18 - Pedido de cedência e montagem de toldos no Município de Alvaiázere. Resposta às 22h59: confirmada disponibilidade na região.

11h24: Pedido de geradores de 100 kVA para Coimbra (anteriormente pedido para Abrantes). Resposta às 20h51: Disponibilidade na região da Figueira da Foz e Ourém. Observações: O equipamento fica a cargo da Proteção Civil, pois a Marinha não tem capacidade para manter militar no local para operação.

Tarde: primeiro-ministro Luís Montenegro vai ao terreno, a Leiria e a Coimbra.

18h09 - ANEPC pede equipa para cortes de árvores em Tomar. Resposta só às 14h23 do dia 31 (sábado): são disponibilizadas não uma mas sete equipas de limpeza e desobstrução, mas só dois dias depois do pedido.

18h19: Pedido de alojamento no Regimento de Infantaria 15, em Tomar para 48 bombeiros. Resposta à 22:36: Disponibilidade de alojamento (sem alimentação).

19h32: Pedido de 22 geradores para Ferreira do Zêzere (retificado para 2 de 30 kVA e 20 de 20 kVA). Resposta às 11h30 do dia seguinte: Disponibilizados 2 Grupos Energéticos (15 kVA e 35 kVA).

20h39: Pedido de alojamento e logística na Regimento de Artilharia 4, em Leiria e na Base Aérea Nº5, em Monte Real. Resposta às 23h39: Disponibilidade de alojamento e alimentação para 45 elementos na BA5 (dormida e pequeno-almoço). Observações: Pedido cancelado em 30/01 às 00h41.

21h01: Pedido de 6 Grupos Energéticos para Alvaiázere e Figueiró dos Vinhos. Resposta às 11h07 do dia 31, sábado: Disponibilizados 5 Grupos Energéticos para Figueiró dos Vinhos, mas só dois dias depois.

Exército faz um comunicado assinalando o empenho de 23 militares, 8 viaturas ligeiras, 3 viaturas pesadas, 4 máquinas de engenharia e 3 geradores. Três destacamentos de Engenharia ativos (1 na Marinha Grande e 2 em Ferreira do Zêzere). Três módulos de energia em Alvaiázere para eletrobombas e apoio social (lar de idosos). Empenhada uma equipa de desobstrução de itinerários equipada com motosserras. Assegurado o alojamento para os 48 bombeiros no Regimento de Infantaria n.º 15.

30 de janeiro de 2026 (sexta-feira)

Ministro Leitão Amaro manda retirar vídeo que foi publicado nas redes sociais, a coordenar a resposta à crise.

Ministros começam a aparecer no terreno e nos canais de informação.

Ministra da Administração Interna Maria Lúcia Amaral fala pela primeira vez e diz que não tem estado no terreno porque há muito trabalho a fazer na "invisibilidade" do gabinete (embora no dia anterior tivesse presidido a uma cerimónia a distribuir espadas a oficiais). Depois, vai com o Presidente da República a Leiria, onde diz que é preciso fazer uma "aprendizagem coletiva". Não sabe o que falhou.

Marcelo Rebelo de Sousa vai ao terreno, alegando que quis dar prioridade ao Governo e aos

candidatos presidenciais.

15h53: ANEPC pede 1 Pelotão Militar para auxiliar os Bombeiros da Batalha. Resposta 17h36: Disponibilidade de 1 pelotão para desobstrução na região de Leiria. Observações: Forças Armadas disponibilizam cinco equipas (quatro só no dia seguinte de manhã, outra dois dias depois à tarde).

23h25: Pedidos quatro botes e dois drones para o Rio Mondego. Resposta: Sem resposta. Observações: Pedido cancelado.

Exército comunica o empenhamento de 38 militares, 11 viaturas ligeiras, 4 viaturas pesadas, 5 máquinas de engenharia, 4 motosserras e 3 geradores. Mais dois destacamentos de Engenharia para Vieira de Leiria. O Regimento de Transportes apoiou 34 ucranianos desalojados. Fornecidos 5 módulos Starlink e 1 módulo rear link.

31 de janeiro de 2026 (sábado)

Autarca de Leiria (entre outros) queixa-se de falta de meios. Regista-se a primeira morte de um cidadão que tentava arranjar o telhado da sua casa.

00h26: Pedido de um Gerador para Tomar. Resposta às 01h55: Disponibilidade de um Grupo Energético.

00h35: Pedidas equipas de limpeza e 8 geradores para Ferreira do Zêzere. Resposta: Sem resposta. Observações: Meios já não eram necessários (confirmado às 14h18).

02h06: Pedidos 6 botes e 2 drones para transporte e monitorização no Rio Mondego. Resposta às 19h35: Disponibilidade para operações anfíbias em Coimbra.

10h08: Pedidos 6 veículos pesados e militares para evacuação de populações isoladas com pré-posicionamento a partir do dia seguinte, com prontidão imediata. Sem resposta

10h03: Pedidos de meios anfíbios, pesados, motobombas e alojamento (250 pessoas) para Tancos. Resposta às 23h38: Disponibilidade de 6 botes e 2 drones. Disponibilidade de alojamento no Regimento de Paraquedistas (140), Regimento de Engenharia (60) e Brigada de Reação Rápida (50).

14h56: ANEPC pede equipamentos "Hot Spot" para comunicações de dados em zona afetada. Resposta só no dia seguinte, domingo, às 15h18: Disponibilizados 2 kits de routers e geradores (dependentes de rede 4/5G), e comunicações satélite tipo Starlink. Observações: ANEPC teve de corrigir o pedido, porque pedir "hot spot", um distribuidor de sinal de dados tipo wi-fi implicava que houvesse comunicações móveis naquelas zonas, o que não acontecia. Depois de corrigida pelos militares, ANEPC solicita ajuste para comunicações via satélite (Starlink) por falta de rede móvel.

23h52: Pedido veículo pesado com grua para transporte de gerador de 5 toneladas. Resposta no dia seguinte, domingo, às 17:06: Disponibilidade de 1 veículo da Marinha (BNL) na região de Pedrógão Grande/Leiria.

EMGFA comunica que tem apenas 240 militares empenhados no apoio direto às populações desde o dia 28, 74 viaturas, 12 geradores e 5 sistemas Starlink ativos. 14 pedidos em preparação.

O Exército comunica um reforço do dispositivo com 153 militares, 33 viaturas ligeiras, 11 pesadas, 6 máquinas de engenharia e 34 motosserras. Mobilização de 7 equipas para Tomar e 6 para Ferreira do Zêzere (com Hilux e motosserras). E dois módulos Starlink e um Módulo de Comunicações.

1 de fevereiro de 2026 (domingo)

Conselho de Ministros extraordinário reúne-se de manhã, decidindo prolongar e alargar estado de calamidade até 8 de fevereiro e anuncia um pacote de apoios para as zonas afetadas.

Comissão Nacional de Proteção Civil reúne-se, presidida pela ministra da Administração Interna (e sem o PM presente por ter delegado competências na MAI). É aprovado o Plano Nacional de

Emergência e Proteção Civil com o argumento de que só então se justificava devido a nova tempestade a caminho e aumento do risco de cheias.

11h34: Pedidos meios anfíbios, drones, botes e veículos 4x4 para o Rio Sorraia. Resposta no dia seguinte: Depois de alguma confusão nas interações, militares comunicam movimentação dos meios repositionados em Tancos para o Sorraia.

14h57: Pedidos 6 botes, drones e veículos 4x4 para os Rios Vouga e Águeda. Resposta às 20h41: Movimentados 8 botes e 2 drones (faltam veículos pesados 4x4).

20h43: Pedido de apoio logístico e reabastecimento de JET A-1 na Base Aérea N°6, do Montijo. Resposta no dia seguinte, às 01h02: Confirmada disponibilidade.

22h05: Pedido de um pelotão militar para limpeza em Alvaiázere. Observações: Aguarda informação do pedido efetuado pelo comando nacional da ANEPC às Forças Armadas.

Vários pedidos sem resposta constam do documento.

Exército faz um extenso comunicado com o detalhe dos meios e da sua localização: Ativado o Grupo de Comando e Ligação para o Município de Tomar; ativado o Grupo de Comando e Ligação para o Município de Ferreira do Zêzere. 5 destacamentos de engenharia; energia e iluminação com três módulos de engenharia); limpeza e desobstrução com nove Equipas com 18 motosserras, em Tomar e Ferreira do Zêzere; em Marinha Grande, um Módulo de Alojamento com gerador gerador atrelado 60 kVA. (70 Camas); equipas de desobstrução com um pelotão de Comandos, dois pelotões de paraquedistas (em movimento). Figueiró dos Vinhos com 4 módulos Starlink e módulo de comunicações (apoio às zonas de Campelo e Arega); uma equipa de montagem em altura de engenharia em Figueiró dos Vinhos a montar lonas para reparação provisória de coberturas de habitações; transporte e descarregamento de 18 toneladas de lonas, provenientes de Vila Nova de Famalicão, descarregadas em instalações municipais, para apoio à cobertura provisória de habitações em Figueiró dos Vinhos.

Nota: O documento da ANEPC com os pedidos às Forças Armadas, a que o Expresso teve acesso, não tem dados para os dias seguintes.

2 de fevereiro de 2026 (segunda-feira)

00h01: Forças Armadas elevam o estado de alerta para "prontidão imediata". Segundo resposta oficial do EMGFA ao Expresso, esta decisão - tomada uma semana depois do primeiro alerta máximo da ANEPC -, "foi efetuada de forma faseada, garantindo que as unidades dispusessem de capacidade de resposta adequada para apoiar eventuais solicitações, sem comprometer as missões em curso".

EMGFA faz um comunicado em que já apresenta uma presença mais robusta no terreno:

1975 militares empenhados, em apoio direto às populações, desde 28 de janeiro de 2026. Não inclui o pessoal em alerta nem os militares envolvidos na preparação e apoio logístico aos módulos envolvidos; 356 viaturas e 32 máquinas de engenharia. Desobstrução e limpeza de vias rodoviárias, com 17 empenhamentos no total, estando ainda 5 em curso; Fornecimento de energia com 13 geradores; alojamento e alimentação, com 261 pessoas apoiadas, mais 80 sacos-cama disponibilizados; Logística e serviços, com 4 apoios, havendo a realçar a utilização de 1 módulo de lavandaria, banhos e latrinas; Reforço e disponibilidade de comunicações de emergência, com 13 equipamentos Starlink; Disponibilização de equipas para cortes de árvores: 20 equipas de limpeza, das quais 12 com motosserras; Operações anfíbias (busca, salvamento e patrulhamento): 30 botes e respetivas equipas posicionadas nas zonas de risco severo no Douro, Vouga, Mondego e Tejo; Em preparação encontravam-se 14 pedidos da ANEPC de apoio, e que incluíam a desobstrução de vias, produção de energia, operações anfíbias (Busca e Salvamento), transporte de pessoas, bombagem de água, remoção/reboque de veículos, alojamento e alimentação. Adicionalmente, estavam disponíveis 6 helicópteros e uma aeronave de transporte C-130 da Força Aérea, para este apoio específico.

Jornalista

Vítor Matos / Carla Tomás

Refúgio para mães e crianças ucranianas em Ourém recebeu visita do primeiro-ministro

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 07/02/2026

Melo: O Mirante Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=9b37a5a1>

Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, abriu as suas portas a 15 mães e 18 crianças ucranianas, familiares de soldados mortos ou desaparecidos na guerra. Visita do primeiro-ministro Luís Montenegro reforça o papel do centro como ponto de acolhimento humanitário e referência na recuperação de vítimas da guerra.

O primeiro-ministro Luís Montenegro deslocou-se ao Centro de Reabilitação Fénix, em Aldeia Nova, no concelho de Ourém, para encontrar um grupo de 15 mulheres e 18 crianças ucranianas, familiares de soldados mortos ou desaparecidos na guerra. As mulheres e crianças encontram-se em Portugal desde 10 de Janeiro no âmbito de um programa europeu de apoio psicossocial a famílias afectadas pela guerra.

A visita, que não foi previamente comunicada à imprensa, contou com a presença do chefe do Governo no espaço que acolhe o grupo por três semanas com um programa intensivo de reabilitação emocional, integração cultural e apoio psicológico, sob acompanhamento de psicólogos, terapeutas e voluntários portugueses e ucranianos. Após a visita, Montenegro destacou o compromisso humanitário de Portugal, sublinhando que o país tem apoiado a Ucrânia desde o início da invasão russa, “não apenas financeiramente e politicamente, mas sobretudo no plano humano”, que considerou “o mais tocante”.

O Fénix, instalado no antigo seminário dominicano de Aldeia Nova, tem um histórico de apoio a vítimas da guerra: em Junho de 2024 recebeu o primeiro grupo de feridos de guerra ucranianos para reabilitação física e psicológica, num projecto considerado um exemplo de cooperação europeia e apoiado por iniciativas locais e internacionais. No entanto, conforme noticiado por O MIRANTE, o centro tem enfrentado desafios financeiros, reduzindo a recepção de feridos e, simultaneamente, disponibilizando-se para tratar a comunidade local com sessões de fisioterapia, magnetoterapia e apoio psicológico, face à falta de apoios públicos para manter a actividade original.

A missão humanitária actual foi organizada pela associação Help UA.PT , Ukrainian Refugees UAPT e conta com financiamento de entidades como a Fundação Calouste Gulbenkian e a TAP, no âmbito do Programa Europeu de Apoio Psicológico e Cultural a Famílias de Guerra.

O primeiro-ministro Luís Montenegro deslocou-se ao Centro de Reabilitação Fénix, em Aldeia Nova, no concelho de Ourém, para encontrar um grupo de 15 mulheres e 18 crianças ucranianas, familiares de soldados mortos ou desaparecidos na guerra. As mulheres e crianças encontram-se em Portugal desde 10 de Janeiro no âmbito de um programa europeu de apoio psicossocial a famílias afectadas pela guerra.

A visita, que não foi previamente comunicada à imprensa, contou com a presença do chefe do Governo no espaço que acolhe o grupo por três semanas com um programa intensivo de reabilitação emocional, integração cultural e apoio psicológico, sob acompanhamento de psicólogos, terapeutas e voluntários portugueses e ucranianos. Após a visita, Montenegro destacou o compromisso humanitário de Portugal, sublinhando que o país tem apoiado a Ucrânia desde o início da invasão russa, “não apenas financeiramente e politicamente, mas sobretudo no plano humano”, que considerou “o mais tocante”.

O Fénix, instalado no antigo seminário dominicano de Aldeia Nova, tem um histórico de apoio a vítimas da guerra: em Junho de 2024 recebeu o primeiro grupo de feridos de guerra ucranianos para

reabilitação física e psicológica, num projecto considerado um exemplo de cooperação europeia e apoiado por iniciativas locais e internacionais. No entanto, conforme noticiado por O MIRANTE, o centro tem enfrentado desafios financeiros, reduzindo a recepção de feridos e, simultaneamente, disponibilizando-se para tratar a comunidade local com sessões de fisioterapia, magnetoterapia e apoio psicológico, face à falta de apoios públicos para manter a actividade original.

A missão humanitária actual foi organizada pela associação Help UA.PT , Ukrainian Refugees UAPT e conta com financiamento de entidades como a Fundação Calouste Gulbenkian e a TAP, no âmbito do Programa Europeu de Apoio Psicológico e Cultural a Famílias de Guerra.



Aldeia Nova - Olival

Centro de reabilitação de ucranianos com “danos avultados”

Centro de reabilitação Fénix, em Aldeia Nova, Olival, foi mais um dos edifícios concelhios a ficar bastante degradado pela passagem da depressão Kristin.

Através do auto de vistoria realizado no sábado passado, é já possível saber quais os estragos, avaliados em 350 mil euros

AURÉLIA MADEIRA

Tal como tantos outros edifícios no concelho de Ourém, também o

Centro de Reabilitação Fénix, para muitos ainda conhecido como “hospital dos ucranianos”, na Aldeia Nova, Olival, sofreu danos com a tempestade Kristin.

De acordo com o auto de vistoria a que o NO teve acesso, para além do edifício principal, também aquele onde está instalada a fisioterapia e o do ginásio, foram amplamente afetados, quer com perda de telhados, quer de equipamentos, num prejuízo total de cerca de 350 mil euros.

EDIFÍCIOS SEM COBERTURAS, EXÉRCITO RECOLHE VIÚVAS E ÓRFÃOS

Segundo a descrição do auto, o edifício principal sofreu uma

remoção de cerca de 900 telhas, algumas janelas foram, literalmente, arrancadas com a força do vento, permitindo que a chuva caísse diretamente nos quartos. O edifício onde está instalada a fisioterapia e os gabinetes médicos, sofreu danos com o destelhar de diversas placas de chapa “sandwich”. Também os “vãos sofreram danos avultados, principalmente atingidos pelas telhas cerâmicas do edifício principal”.

No edifício do ginásio, a cobertura “desapareceu” por completo, existindo algumas placas dentro da propriedade e outras dentro das propriedades vizinhas, tendo sido registado uma delas a mais de 300m de distância do edifício. Todas as máquinas aí instaladas estão a sofrer forte degradação, com a água que se está a infiltrar pela cobertura.

Para além de telhas, caíram chaminés painéis de energia,

sendo que estes elementos, ao tombarem, acabaram por danificar o que foram encontrando pelo caminho, como janelas e paredes, como nos refere Ângelo Neto, presidente da Associação que, ao Notícias de Ourém, diz estar “muito desesperado” pelos estragos verificados.

Por outro lado, no auto referem-se ainda os postes elétricos caídos ou tombados, em iminência de queda (no sábado, dia 31) e regista-se o derrube de, praticamente, toda a mancha de vegetação arbórea.

De referir que a partida das viúvas e órfãos ucranianos, que tinham vindo “descansar”, durante três semanas, do barulho dos rebentamentos de bombas e das sirenes, para a Aldeia Nova, estava marcada para a sexta-feira seguinte mas, face ao sucedido, acabaram por ser acolhidos pelo exército, que lhes deu guarida na última noite que passaram em Portugal.





ID: 121418740

05-02-2026

Refúgio para mães e crianças ucranianas em Ourém recebeu visita do primeiro-ministro



Primeiro-Ministro visitou o Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, que apoia mães e crianças ucranianas

Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, abriu as suas portas a 15 mães e 18 crianças ucranianas, familiares de soldados mortos ou desaparecidos na guerra. Visita do primeiro-ministro Luís Montenegro reforça o papel do centro como ponto de acolhimento humanitário e referência na recuperação de vítimas da guerra.

O primeiro-ministro Luís Montenegro deslocou-se ao Centro de Reabilitação Fénix, em Aldeia Nova, no concelho de Ourém, para encontrar um grupo de 15 mulheres e 18 crianças ucranianas,

familiares de soldados mortos ou desaparecidos na guerra. As mulheres e crianças encontram-se em Portugal desde 10 de Janeiro no âmbito de um programa europeu de apoio psicossocial a famílias afectadas pela guerra.

A visita, que não foi previamente comunicada à imprensa, contou com a presença do chefe do Governo no espaço que acolhe o grupo por três semanas com um programa intensivo de reabilitação emocional, integração cultural e apoio psicológico, sob acompanhamento de psicólogos, terapeutas e voluntários portugueses e ucranianos. Após a visita, Montenegro destacou o com-

promisso humanitário de Portugal, sublinhando que o país tem apoiado a Ucrânia desde o início da invasão russa, “não apenas financeiramente e politicamente, mas sobretudo no plano humano”, que considerou “o mais tocante”.

O Fénix, instalado no antigo seminário dominicano de Aldeia Nova, tem um histórico de apoio a vítimas da guerra: em Junho de 2024 recebeu o primeiro grupo de feridos de guerra ucranianos para reabilitação física e psicológica, num projecto considerado um exemplo de cooperação europeia e apoiado por iniciativas locais e internacionais. No entanto, conforme

noticiado por O MIRANTE, o centro tem enfrentado desafios financeiros, reduzindo a recepção de feridos e, simultaneamente, disponibilizando-se para tratar a comunidade local com sessões de fisioterapia, magnetoterapia e apoio psicológico, face à falta de apoios públicos para manter a actividade original.

A missão humanitária actual foi organizada pela associação Help UA.PT – Ukrainian Refugees UAPT e conta com financiamento de entidades como a Fundação Calouste Gulbenkian e a TAP, no âmbito do Programa Europeu de Apoio Psicológico e Cultural a Famílias de Guerra ●

Mau tempo. Proteção Civil ‘ignorou’ cerca de 3 mil militares em prontidão para ajudar populações afetadas

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/02/2026

Melo: Executive Digest Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=a80fbf05>

Ao final da tarde de 28 de janeiro, mais de 12 horas depois de a depressão Kristin ter provocado estragos em 68 concelhos, onde vivem cerca de 1,8 milhões de pessoas, estavam no terreno apenas quatro militares

O acionamento de meios militares para apoiar as populações afetadas pela depressão Kristin está a gerar polémica, após ter sido revelado que as Forças Armadas dispunham de entre 2.000 e 3.000 militares prontos a ser empenhados. No entanto, o pedido formal, que teria de partir da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil, tardou a chegar.

De acordo com o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general José Nunes da Fonseca, essa solicitação cabe ao presidente da ANEPC, José Manuel Moura, nomeado para o cargo há cerca de um ano pelo primeiro-ministro Luís Montenegro.

Segundo o Correio da Manhã, ao final da tarde de 28 de janeiro, mais de 12 horas depois de a depressão Kristin ter provocado estragos em 68 concelhos, onde vivem cerca de 1,8 milhões de pessoas, estavam no terreno apenas quatro militares. Tratava-se de um destacamento de engenharia do Exército destacado para Ferreira do Zêzere, com a missão de desobstruir estradas afetadas pelo mau tempo.

Reforço gradual dos meios militares após críticas

Na mesma altura, o presidente da ANEPC assegurava, em declarações à RTP, que estava a ser desenvolvido no terreno um “trabalho excelente e notável”. No dia seguinte, quinta-feira, registou-se um reforço da resposta, com a mobilização de dois destacamentos de Engenharia do Exército, o realojamento de 34 refugiados ucranianos no Regimento de Transportes e o envio de geradores para várias autarquias.

O primeiro balanço concreto de meios envolvidos surgiu apenas no sábado, dia 31, quando foi divulgado que estavam no terreno 240 militares, apoiados por 74 viaturas e 12 geradores. Nessa data, o EMGFA indicava que o “total de apoios solicitados pela ANEPC e em preparação” ascendia a 14.

Quase dois mil militares mobilizados cinco dias depois

A 1 de fevereiro, o número de militares no terreno subiu para 1.090, apoiados por 211 viaturas. Já na segunda-feira seguinte, cinco dias após a passagem da Kristin, estavam envolvidos “1.975 militares em apoio direto às populações”, tinham sido posicionados “30 botes e respetivas equipas” em zonas de risco severo de cheias nos rios Douro, Mondego, Tejo e Vouga, e foram disponibilizadas comunicações de emergência com 13 equipamentos Starlink.

Apesar da dimensão da operação, o presidente da Proteção Civil afirmou nesse mesmo dia que “não se justifica” recorrer ao Mecanismo Europeu de Proteção Civil, argumentando que o instrumento tem regras próprias e não serve “para pedir telhas nem lonas”, acrescentando que Portugal ainda não

esgotou a sua capacidade de resposta.

De acordo com o *Correio da Manhã*, pelo menos 10 pessoas perderam a vida em consequência da tempestade Kristin. Esta terça-feira, cerca de 103 mil clientes da E-Redes continuavam sem fornecimento de eletricidade, refletindo o impacto prolongado da depressão em várias regiões do país.
Revista de Imprensa



Centro de refugiados destruído

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=70fdb046-4588-4b33-8000-ffe1ec5f432&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Mães e crianças ucranianas foram realojadas pelo Exército português depois da associação onde estavam instaladas em Ourém ter ficado parcialmente destruída.
Declarações de Teresa Coelho, Embaixadora Assoc. Helpuapt.

Repetições: CM TV - Notícias CM , 2026-01-30 07:24

Tempestade destrói parte do Centro de Reabilitação Fénix onde estavam alojados refugiados da Ucrânia em Ourém

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 30/01/2026

Melo: Correio da Manhã Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=1503cfba>

Exército prontificou-se a ajudar a realojar o grupo de 15 mães e 18 crianças.

Marcelo destaca em Leiria melhoria do país na Proteção Civil nos últimos anos

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 30/01/2026

Meio: Negócios Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=a225cbd6>

Acompanhe os desenvolvimentos desta sexta-feira relativamente aos estragos e condicionamentos provocados pelo mau tempo em diferentes regiões do país.

30.01.2026

Marcelo destaca em Leiria melhoria do país na Proteção Civil nos últimos anos

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, destacou esta sexta-feira em Leiria que o país evidencia melhoria na Proteção Civil, após os incêndios de 2017.

"Lembro-me de 2017 e como depois a recuperação foi mais rápida no caso dos incêndios de outubro [na região Centro]. Onde foi menos rápida e mais demorada e mais penosa, foram os incêndios de junho [em Pedrógão Grande]. Aí demorou muito tempo a capacidade de resposta a aparecer. Temos melhorado em termos da Proteção Civil", sublinhou Marcelo Rebelo de Sousa.

Sobre o impacto da depressão Kristin, o Presidente da República sublinhou que teve noção "exata de que era de uma dimensão enorme, porque diziam, comparável com isto, só 2011".

"Ora, eu lembro-me de 2011, não foi comparável com isto. Ainda por cima, isto é um processo cumulativo. Chove o que chove e há um tempo muito longo", observou.

Segundo o chefe de Estado, "não há um problema de prevenção", pois os "ventos foram previstos e foram avisados".

"Há um problema de estruturas, umas mais recentes, outras mais antigas, que se chegou à conclusão que não aguentam", adiantou, exemplificando com o terminal rodoviário na cidade de Leiria, escolas, fábricas e comunicações.

Para Marcelo Rebelo de Sousa, há uma "desatualização em termos de estruturas".

"Mas esse é um problema que nós vivemos quando há estas tragédias, mas é um problema que vejo também noutros países europeus. Por exemplo, a Alemanha lançou agora um grande plano para refazer as vias de comunicação, porque já não se investia há 30 ou 40 anos", disse.

Marcelo Rebelo de Sousa assentiu que "qualquer país é impreparado" para um fenómeno idêntico ao que se viveu com esta depressão.

"Obviamente, ninguém esperava uma situação destas, supondo que a última se verificou há 15 anos, mas acho que esta não tem comparação, é muito mais grave", reforçou, ao referir que é difícil proteger "relativamente a uma circunstância que não ocorreu ou se ocorreu alguma vez foi há 15 ou 20 anos".

As Forças Armadas vão começar a colaborar com situações de alojamento e alimentação, informou o Comandante Supremo das Forças Armadas, ao adiantar que, "noutras circunstâncias, demorou muito

mais tempo a fazer isso".

Marcelo Rebelo de Sousa admitiu que "não houve exata noção da dimensão", ao afirmar que, inicialmente, foi avançado que as situações se focavam num "número muito pequeno de municípios a ser abrangidos pelo estado de calamidade".

No entanto, "depois descobriu-se que era cinco vezes isso, no mínimo", mas "demorou-se muito a descobrir".

Segundo Marcelo Rebelo de Sousa, a avaliação que a Proteção Civil foi fazendo estava "aquém do que estava a acontecer, porque o que estava a acontecer continuava a acontecer".

A deslocação à cidade de Leiria, onde se fez acompanhar da ministra da Administração Interna, Maria Lúcia Amaral, começou no Jardim Luís de Camões, incluiu o terminal rodoviário e teve uma passagem no quartel dos Bombeiros Voluntários de Leiria, gravemente destruído.

No final da visita, num 'briefing' na sala de operações nos Bombeiros Separadores de Leiria, o chefe de Estado referiu que este é um processo que "não acabou".

"A parte mais crítica, mais aguda, espera-se, deseja-se, já passou, mas é um processo que não terminou", avisou, referindo tratar-se de uma calamidade urbana sendo que o país não tem grande experiência nesta área.

Marcelo Rebelo de Sousa realçou a capacidade de resistência da Proteção Civil que, com os meios disponíveis e experiência acumulada, reagiu "o melhor que era possível".

Aos presentes, reconheceu que "responderam na medida das possibilidades e melhor do que estava ao vosso alcance e com resultados visíveis" num pequeno período.

Antes, no mesmo quartel, o Presidente da República agradeceu aos bombeiros, cujo contributo na resposta ao impacto da depressão Kristin elogiou.

"Sem o vosso contributo não era possível acorrer à emergência da emergência", assinalou.

30.01.2026

Pedro Barros Costa

pedrocosta@negocios.pt

Depressão Kristin: Portugal deve recorrer ao fundo de solidariedade da UE, diz Castro Almeida

Depois de o primeiro-ministro, Luís Montenegro, ter dito na quinta-feira que o governo esteve em contacto com a Comissão Europeia para "perspetivar formas de financiamento para ajudar as pessoas, as famílias, empresas e entidades públicas" a superar os dados causados pela depressão Kristin, o ministro da Economia afirmou que Portugal deverá recorrer ao mecanismo de solidariedade europeu.

"Há um fundo de solidariedade a que Portugal pode recorrer e tem várias semanas para o fazer, mas só quando tivermos a dimensão dos prejuízos. O que posso estimar é que a dimensão é mais do que suficiente para ativar o mecanismo", disse Manuel Castro Almeida aos jornalistas. O pedido de "ajuda financeira que vamos com quase toda a certeza apresentar à Comissão Europeia vai ser feito dentro do prazo", garantiu o ministro.

Contudo, quanto aos apoios, Castro Almeida reitera que "em primeira linha vão ter de entrar os seguros. Há seguros para as casas, fábricas, infraestruturas e equipamento musical. Quem tem de aparecer em primeiro lugar são os seguros", referiu. "O Estado aparece suplementarmente porque tem de ser solidário com as autarquias, sobretudo as do interior, com as empresas que criam riqueza,

com as pessoas que têm de ter uma casa para viver."

Castro Almeida referiu ainda que quem vive no sul ou no norte do país "não tem bem a dimensão do alcance do problema que está criado na região centro, sobretudo em Leiria. É uma situação muitíssimo grave e agora vêm aí dificuldades acrescidas com as chuvas que que avizinham", alerta. "Há zonas urbanas que estão inundadas e há a tendência para isto se agravar", alertou.

O ministro reconhece que "há muita gente sem luz e sem energia não há água nem comunicações. Até segunda-feira vai haver muitas pessoas que vão continuar sem energia", lamenta. Contudo, assinala que estão no terreno cerca de 1.000 operacionais para lidar com o problema da eletricidade e outros 3.000 para reparar os problemas com as comunicações. "Isto foi de uma intensidade incrível, vai demorar tempo a resolver", afirma, garantindo que "as coisas no terreno estão a acontecer"

30.01.2026

Correio da Manhã

Ministra da Administração Interna fala pela primeira vez após a depressão Kristin e apela à prevenção dos portugueses

A ministra da Administração Interna falou, esta sexta-feira, pela primeira vez após a depressão Kristin e apelou à prevenção dos portugueses. Maria Lúcia Amaral reforçou que está previsto que a próxima semana "seja difícil" e que o País vai continuar a ser afetado pelo mau tempo.

De acordo com a ministra, o quadro meteorológico a partir da noite de domingo "será muito severo". Questionada pelos jornalistas sobre a ausência no terreno, depois da conferência de imprensa do IPMA e da Proteção Civil onde esteve presente, Maria Lúcia Amaral afirmou que "há muito trabalho que se faz em contexto de invisibilidade". A ministra da Administração Interna referiu que, nos últimos dias, esteve no gabinete a fazer trabalho de "recolha de informação, reflexão, planeamento e coordenação".

Ao final da tarde desta sexta-feira, o IPMA avisou os portugueses de que, a partir de domingo, é esperada "precipitação em praticamente todo o território". A chuva vai permanecer em Portugal durante vários dias, nomeadamente no Norte e Centro do País.

De acordo com o IPMA, a passagem da depressão Kristin "poderá ter sido a mais forte" de que há registo.

30.01.2026

Negócios com Lusa

IPMA prevê período prolongado de chuva a partir de domingo. Presidente da APA antecipa "semana muito difícil"

O Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) prevê um período prolongado de chuva na próxima semana em todo o território continental, mas sobretudo no norte e centro, regiões atingidas pelo mau tempo nos últimos dias.

"Nós temos uma previsão que nos está a indicar que vamos ter um período prolongado de precipitação a partir de domingo", adiantou Nuno Lopes, do IPMA, numa conferência de imprensa na sede da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC), em Carnaxide, Oeiras.

Segundo referiu, para sábado está prevista pouca precipitação, mas a partir de domingo deverá chover todos os dias praticamente em todo o território nacional, mas, sobretudo, no norte e no centro, regiões "onde já tem chovido muito ao longo dos últimos dias".

"Temos previsões que indicam que vamos ter mais de 160 milímetros distribuídos ao longo da semana

na parte norte do território, mas também a parte sul será afetada", adiantou Nuno Lopes, referindo que as previsões apontam ainda para agitação marítima forte a partir do início da próxima semana, com queda de neve e alguns episódios de vento.

Na mesma conferência de imprensa, José Pimenta Machado, presidente da Agência Portuguesa do Ambiente (APA) antecipou que "vamos ter uma semana muito difícil mas estamos já em preparações".

"O que se espera é uma semana que prevalentemente iremos classificar como muito chuvosa", disse Nuno Lopes.

30.01.2026

João Duarte Fernandes

joaomfernandes@negocios.pt

Depressão Kristin: 266 mil clientes da E-redes continuam sem energia

Cerca de 266 mil clientes da E-Redes em Portugal continental continuavam, pelas 15h desta sexta-feira, 30 de janeiro, sem fornecimento de energia, na sequência dos danos provocados pela depressão Kristin na rede elétrica, informou a empresa em comunicado.

Na mesma nota, a operadora indica que os meios operacionais estão "concentrados nos distritos de Leiria, Santarém, Portalegre, Coimbra e Castelo Branco, os mais impactados nesta altura, sendo que a grande maioria dos clientes por alimentar estão localizados no distrito de Leiria, cerca de 209 mil". A E-Redes informa ainda que em Santarém e Portalegre há cerca de 17 mil clientes sem fornecimento de energia em cada um destes distritos e que em Coimbra são cerca de 12 mil clientes afetados e 10 mil em Castelo Branco.

No atual cenário, diz a operadora, "existem constrangimentos que impedem uma mais rápida e desejada reposição da energia aos clientes" e sublinha ainda que "os impactos causados pela depressão Kristin não têm paralelo com qualquer outro regime perturbado sentido em Portugal continental".

30.01.2026

Ministério da Agricultura disponibiliza plataforma para sinalizar prejuízos

O ministro da Agricultura disse esta sexta-feira que está aberta uma plataforma para as pessoas sinalizarem os prejuízos do mau tempo, adiantando que o Governo está em contacto com Bruxelas para ver a possibilidade de acionar o Fundo de Solidariedade.

"Depois de verificarmos os estragos brutais que existiram, o ministério [Agricultura e Mar] disponibilizou desde ontem [quinta-feira] uma plataforma para as pessoas sinalizarem aquilo que são os seus prejuízos", afirmou José Manuel Fernandes.

O ministro falava aos jornalistas em Castelo Branco, onde se deslocou para reunir com o presidente da Câmara Municipal, Leopoldo Rodrigues, e verificar no terreno os prejuízos causados pela passagem da depressão Kristin no concelho.

"Neste momento precisamos de saber os montantes, para saber se é possível acionar ou não o Fundo de Solidariedade da União Europeia (UE), onde para uma catástrofe nacional é preciso 0,6 do PIB [Produto Interno Bruto] ou três mil milhões de euros e numa regional, [na região Centro], é preciso 1,5% do PIB, cerca de 675 milhões de euros", vincou.

José Manuel Fernandes adiantou que é "importante" fazer esta contabilidade.

"Vamos atuar o mais rápido possível. Já fizemos isso nos incêndios de 2024 e 2025, onde foi feito um trabalho brutal no apoio e agora também queremos ser muito rápidos", reforçou.

O governante informou também que ao nível da plataforma online disponível desde a manhã de quinta-feira, há pessoas que têm dificuldade em aceder, uns por exclusão digital, outros por falta de acesso, como Internet.

Mas, "os nossos serviços estão disponíveis e pedimos também às Câmaras Municipais esse apoio. Ninguém vai desistir", disse, evocando esses casos.

"Há estragos nas florestas, no olival, deverá haver prejuízos na apicultura. Nestes momentos, há gente que ainda não tem coragem de ir ver os prejuízos. Ninguém desiste. Nós continuamos, de forma solidária sabendo que o Governo esteve naquilo que foi a prevenção, mas agora também na atuação que se pretende rápida", disse.

30.01.2026

Lusa

Castro Almeida: Primeira fonte de financiamento são as seguradoras

O ministro da Economia e da Coesão Territorial, Castro Almeida, afirmou esta sexta-feira que a primeira fonte de financiamento para colmatar os prejuízos da depressão Kristin são as seguradoras, sendo que o Estado "pode entrar supletivamente".

"Do ponto de vista do financiamento, a primeira fonte de financiamento vão ser as companhias de seguros. As casas têm seguro, por via de regra, as fábricas têm seguro, os equipamentos públicos têm seguros e, portanto, onde há seguros, essa é a primeira fonte de financiamento", disse aos jornalistas Castro Almeida, após uma reunião com autarcas e outras entidades nos Bombeiros Sapadores de Leiria.

De acordo com o ministro, "o Estado pode entrar supletivamente, complementarmente aos seguros".

Questionado sobre o caso dos prejuízos em áreas agrícolas, o governante admitiu que "há uma falha de mercado e há poucas empresas de seguros a fazer seguros".

"Mas, quero dizer que, para essa área específica, já ontem mesmo [quinta-feira] foi aberto um concurso para os agricultores prejudicados nas suas instalações poderem candidatar-se a apoios que podem ir até 400 mil euros", adiantou.

Castro Almeida assegurou que "o Estado vai cumprir a sua obrigação solidária com o país, em complemento àquilo que é a obrigação contratual das companhias de seguros".

30.01.2026

Lusa

Pedrógão Grande apela à doação de lonas e material de cobertura para casas afetadas

A Câmara de Pedrógão Grande, no norte do distrito de Leiria, lançou esta sexta-feira um apelo para a doação de lonas e material de cobertura para as habitações danificadas pelo mau tempo.

O município de Pedrógão Grande, através das redes sociais, deixou um apelo ao "humanitarismo, à solidariedade e ao apoio de todos os portugueses, de forma a ajudar a população do concelho mais afetada pela Depressão Kristin a ultrapassar esta grave e inimaginável situação de crise".

"Neste momento, existem cidadãos que perderam bens materiais essenciais das suas habitações",

escreveu a autarquia, que acrescentou estar a recolher donativos de lonas e material de cobertura.

Pedi ainda que os donativos sejam entregues no armazém municipal, instalado na Zona Industrial de Pedrógão Grande.

Já esta sexta-feira, o presidente da Câmara de Pedrógão Grande, João Marques, disse que o concelho enfrenta "mais uma tragédia", depois dos incêndios florestais de 2017, e apelou a pessoas e empresas para que ajudem.

30.01.2026

Lusa

Prejuízos "bastante acima" dos incêndios de 2024 ou 2025

O ministro da Economia e da Coesão Territorial, Castro Almeida, disse esta sexta-feira que os prejuízos devido ao mau tempo são "bastante acima" dos valores registados nos incêndios de 2024 ou 2025.

"Eu fui fazendo as minhas contas, evidentemente, ao ouvir a descrição do que estava a ser feito e vou criando um número na minha cabeça, mas são números muito redondos. O que eu lhe digo é que são números bastante acima daquilo que foram os prejuízos nos incêndios do ano 2025 ou do ano 2024", afirmou aos jornalistas Castro Almeida.

O ministro falava aos jornalistas após uma reunião, nos Bombeiros Sapadores de Leiria, com autarcas e outras entidades, na sequência do impacto da depressão Kristin.

"Desta reunião de hoje, eu não pude trazer um número da quantidade dos prejuízos. A esmagadora maioria dos autarcas não arrisca - e compreensivelmente - dar um número de qual é que é o montante de prejuízos de cada concelho. Portanto, é impossível chegar a um valor global", declarou.

Adiantando que o encontro com autarcas permitiu "perceber que a dimensão do problema é, realmente, muito grande", o governante admitiu que o Norte e Sul do país "não têm ideia do que está a acontecer no Centro", sobretudo na região de Leiria, onde vários concelhos apresentam problemas de "grande severidade".

Castro Almeida reconheceu que, devido ao facto de "muitíssimas fábricas" estarem sem teto e sem "condições de trabalhar", a situação "vai mexer nas cadeias de produção", o que "vai ser um problema sério".

30.01.2026

Inês Santinhos Gonçalves

inesgoncalves@negocios.pt

"Governo mostrou insensibilidade e impreparação para antever e gerir esta crise", diz José Luís Carneiro

O secretário-geral do Partido Socialista afirmou hoje que "o Governo mostrou insensibilidade e impreparação para antever e gerir esta crise". Em declarações no Largo do Rato, José Luís Carneiro referiu que o problema já "tinha acontecido no apagão, aconteceu nos incêndios e aconteceu agora".

Com muitas pessoas a viverem "momentos de grande sofrimento", Carneiro critica atrasos em toda a linha, a começar até antes de a tempestade Kristin chegar a Portugal.

Apesar dos avisos do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), "a Proteção Civil só decretou

nível máximo de estado de prontidão nível 4 a menos de 12 horas da passagem da frente mais ativa desta depressão, o que manifestamente foi tarde e em cima da hora para se preparar uma resposta reforçada".

E continuou: "Não houve reunião da Comissão Nacional de Proteção Civil, nem antes nem durante nem depois da passagem da depressão. Ou seja, como aconteceu noutros momentos críticos, não existiu a coordenação política interministerial prevista no sistema de Proteção Civil, o que teria permitido a devida articulação e até ativação do plano de cooperação reforçada do Ministério da Administração Interna e do Ministério da Defesa Nacional". Se tal tivesse sido feito, teria sido possível, por exemplo, ativar meios de comunicação e meios para garantir a segurança na circulação rodoviária, disse.

"A declaração da situação de calamidade foi tardia" e a "comunicação de crise tem faltado", criticou o socialista.

30.01.2026

Seguro cancela campanha da manhã para voltar sozinho a zonas afetadas

O candidato presidencial António José Seguro cancelou hoje a agenda de campanha que tinha prevista para esta manhã para voltar a ir visitar, sozinho, zonas afetadas pela tempestade Kristin, deslocações que já fez na quarta e quinta-feira.

"Tal como na quarta e na quinta-feira, o candidato visitará, sozinho, zonas afetadas. O programa da manhã foi cancelado", adiantou a candidatura de Seguro à comunicação social.

Para esta manhã, o candidato apoiado pelo PS tinha prevista uma visita ao Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado, em São João da Madeira, distrito de Aveiro.

Na quinta-feira, Seguro anunciou aos jornalistas, de manhã, que já na véspera tinha ido sozinho à região de Leiria para ver os impactos da passagem da tempestade, tendo então dito que tinha ficado "chocado e impressionado" com o grau de devastação que encontrou.

De tarde, após uma visita em Palmela, o candidato mais votado na primeira volta disse que admitiria voltar nesse dia a visitar zonas afetadas, de novo sozinho, face à "situação dramática".

Outros dos impactos que teve na campanha de Seguro a passagem desta tempestade foi o cancelamento de uma sessão de campanha prevista para quinta-feira à noite em Almeirim, no distrito de Santarém, devido à tempestade que afetou a região e ativou planos de emergência no distrito.

Na quinta-feira, entre as 00:00 e as 23:59, Portugal continental tinha registado 2.050 ocorrências relacionadas com o mau tempo, com Coimbra, Oeste e Leiria a serem as regiões mais afetadas, adiantou fonte da Proteção Civil.

Num balanço à Lusa, fonte da ANEPC referiu que Coimbra foi a região mais afetada com 375 ocorrências, seguida do Oeste (221) e Leiria (201).

A passagem da depressão Kristin por Portugal continental, na quarta-feira, deixou um rasto de destruição, causando pelo menos cinco mortos, segundo a Proteção Civil, vários feridos e desalojados. A Câmara da Marinha Grande contabiliza ainda uma outra vítima mortal no concelho.

Quedas de árvores e de estruturas, corte ou o condicionamento de estradas e serviços de transporte, em especial linhas ferroviárias, fecho de escolas e cortes de energia, água e comunicações foram as principais consequências materiais do temporal.

Leiria, por onde a depressão entrou no território, Coimbra e Santarém são os distritos que registam mais estragos.

O Governo decretou situação de calamidade entre as 00:00 de quarta-feira até às 23:59 de dia 01 de fevereiro para cerca de 60 municípios, número que pode aumentar.

30.01.2026

Diana do Mar

dianamar@negocios.pt

Forças Armadas no terreno com pessoal, infraestruturas e meios para apoiar populações

No seguimento da passagem da depressão Kristin pelo território continental, as Forças Armadas, em estreita coordenação com a Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil, têm "disponibilizado pessoal, infraestruturas e meios, para apoio às populações afetadas".

Em comunicado, salientam o fornecimento pelo Exército de alojamento e alimentação para 34 refugiados ucranianos (15 crianças e 19 viúvas de guerra) no Regimento de Transportes, em Lisboa; dois destacamentos de engenharia do Exército em limpeza de itinerários.

Estão também a disponibilizar geradores, assim como máquinas de engenharia da Força Aérea, para a Base Aérea 5 (Monte Real) que, após os trabalhos dentro da unidade, apoiarão autarquias e ainda "kits" de mobilidade, como tendas para pessoas e fornecimento de alimentação.

Além dos apoios referidos, as Forças Armadas indicam estarem também "a concentrar esforços na recuperação de infraestruturas e de serviços essenciais em unidades militares afetadas, com especial incidência na região Centro (Leiria, Monte Real, Porto de Mós, Tancos, Abrantes e Marinha Grande).

30.01.2026

Lusa

Mais de 290 mil clientes da E-Redes sem energia

Mais de 290 mil clientes da E-Redes continuavam às 06:30 horas de sexta-feira sem fornecimento de energia em Portugal continental, na sequência dos danos provocados pela depressão Kristin na rede elétrica, na quarta-feira, informou a empresa.

Segundo informação enviada à agência Lusa, o distrito de Leiria continuava a ser a zona mais afetada com cerca de 221 mil clientes afetados.

No distrito de Leiria, o mais afetado pela passagem da depressão Kristin, a E-Redes ativou o "estado de emergência", tendo ali instalados 30 geradores e estando a ser mobilizados mais cerca de 200.

A passagem da depressão Kristin por Portugal continental, na quarta-feira, deixou um rasto de destruição, causando pelo menos cinco mortos, segundo a Proteção Civil, vários feridos e desalojados. A Câmara da Marinha Grande contabiliza ainda uma outra vítima mortal no concelho.

30.01.2026

Lusa

Comissário europeu na Marinha Grande em visita a áreas afetadas

O comissário europeu da Energia e Habitação, Dan Joergensen, desloca-se esta sexta-feira à Marinha Grande (Leiria) com o ministro da Presidência, numa visita às áreas afetadas.

Joergensen acompanha António Leitão Amaro numa "visita às áreas afetadas do concelho", que arranca às 10:15 na Câmara Municipal da Marinha Grande, e que conta também com a presença da ministra do Ambiente e Energia, Maria da Graça Carvalho, de acordo com a agenda do ministro da Presidência, divulgada hoje.

Na quinta-feira, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, escreveu na rede social X que Dan Joergensen, estaria em "Portugal para colaborar com as autoridades, que continuam a avaliar a dimensão total dos danos", numa visita que já estava prevista - focada nos temas do alojamento acessível e das interligações - e que incluirá agora esta dimensão.

Na quarta-feira, através da mesma rede social, Dan Joergensen indicou que o executivo comunitário está disponível para prestar apoio, bem como em "contacto estreito" com as autoridades em Portugal e com a Rede Europeia de Operadores de Redes de Transporte de Eletricidade devido aos cortes resultantes da tempestade.

Leitão Amaro, lê-se ainda na nota divulgada, desloca-se às 12:30 ao Hospital de Leiria, às 14:00 ao Hospital da Figueira da Foz, e, duas horas depois, vai estar em Meirinhos, município de Pombal, para uma "visita às áreas afetadas do Parque Industrial".

30.01.2026

Lusa

Linhas ferroviárias do Norte, Douro, Beira Baixa e Oeste ainda com interrupções

A circulação ferroviária em vários troços das Linhas do Norte, Douro, da Beira Baixa, do Oeste, Urbanos de Coimbra e Serviço Regional entre Coimbra B e Entroncamento estava às 06:50 horas suspensa na sequência da tempestade de quarta-feira.

Após dois dias com centenas de situações provocadas pela depressão Kristin, hoje de madrugada, não foram registadas "ocorrências significativas", de acordo com a Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC), em declarações à agência Lusa pelas 06:30.

Na sua página na rede social Facebook, a CP indica que devido à passagem da depressão Kristin pelo território continental a circulação nas Linhas do Douro, entre a Régua e Pocinho, a Linha da Beira Baixa, entre Ródão e Castelo Novo e a Linha do Oeste continuam suspensas.

De acordo com a CP, estão igualmente suspensos os comboios Urbanos de Coimbra, entre Coimbra B e Alfarelos, o Serviço Regional entre Coimbra B e o Entroncamento e a Linha do Norte, entre Porto e Lisboa, para os comboios de longo curso.

Na nota, a CP adianta que na quinta-feira à noite foi retomada a circulação ferroviária na Linha da Beira Baixa, mas apenas para o serviço regional no troço Covilhã-Guarda.

Negócios

jng@negocios.pt

Pedro Barros Costa

pedrocosta@negocios.pt

Correio da Manhã

Negócios com Lusa

João Duarte Fernandes

joaomfernandes@negocios.pt

Lusa

Lusa

Lusa

Inês Santinhos Gonçalves

inesgoncalves@negocios.pt

Diana do Mar

dianamar@negocios.pt

Lusa

Lusa

Lusa
Negócios

ID: 121342537

30-01-2026

Olival

Montenegro visita ucranianos na Aldeia Nova

O Primeiro-Ministro, Luís Montenegro, esteve, na passada terça-feira de manhã, nas instalações da associação HelpUA, na Aldeia Nova, Olival. Segundo Ângelo Neto, “a visita teve como objetivo verificar o trabalho desenvolvido no centro de acolhimento e reforçar a cooperação necessária para a próxima fase da missão humanitária da organização”

As instalações remodeladas do antigo seminário do Olival começaram por se destinar a hospital para militares feridos na guerra, tendo recebido alguns soldados nessa sua situação. Atualmente, está a servir como centro de acolhimentos a viúvas e órfãos que ali chegam para, durante três

semanas, descansarem física e psicologicamente dessa mesma guerra.

O primeiro grupo de mulheres e crianças, de cuja chegada o Notícias de Ourém divulgou, foi recebido, no aeroporto, pela ministra da Justiça que, na passada terça-feira, acompanhou

também o Primeiro-Ministro, Luís Montenegro, numa visita a este centro, tendo sido acompanhados pelo presidente da Câmara, Luís Albuquerque.

Esta visita às instalações, sem a presença da comunicação social, serviu também, de acordo com as palavras do responsável da

associação, para apresentar os resultados operacionais e delinear o novo objetivo estratégico, que passa por apoiar mais 500 famílias ucranianas, uma meta que “visa superar as 400 famílias apoiadas pelo projeto homólogo no Reino Unido, em 2025, estabelecendo um novo padrão de eficácia no

acolhimento de refugiados”.

A associação sublinhou a “necessidade de apoio contínuo para manter a estrutura de acolhimento em pleno funcionamento. Mais do que ajuda humanitária, a HelpUA (Ajuda à Ucrânia) encara este esforço como um pilar fundamental na defesa da soberania europeia e da democracia, contra o agressor russo”. Ângelo Neto, considera que “a visita do Primeiro-Ministro é um reconhecimento vital do nosso trabalho” e defende que, “para colocarmos Portugal na vanguarda da proteção dos valores democráticos e da liberdade, precisamos de unir forças. A nossa meta de apoiar 500 famílias é ambiciosa, mas essencial para dar uma resposta firme à agressão que a Ucrânia e a Europa enfrentam.”

A associação aproveitou também o momento para reiterar “o apelo à sociedade civil e ao Estado para que continuem a apoiar este projeto, garantindo que Portugal permaneça um porto seguro e um defensor ativo da liberdade”.



Refúgio para mães e crianças ucranianas em Ourém recebeu visita do primeiro-ministro

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 29/01/2026

Melo: O Mirante Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=2ae6d660>

Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, abriu as suas portas a 15 mães e 18 crianças ucranianas, familiares de soldados mortos ou desaparecidos na guerra. Visita do primeiro-ministro Luís Montenegro reforça o papel do centro como ponto de acolhimento humanitário e referência na recuperação de vítimas da guerra.

O primeiro-ministro Luís Montenegro deslocou-se ao Centro de Reabilitação Fénix, em Aldeia Nova, no concelho de Ourém, para encontrar um grupo de 15 mulheres e 18 crianças ucranianas, familiares de soldados mortos ou desaparecidos na guerra. As mulheres e crianças encontram-se em Portugal desde 10 de Janeiro no âmbito de um programa europeu de apoio psicossocial a famílias afectadas pela guerra. A visita, que não foi previamente comunicada à imprensa, contou com a presença do chefe do Governo no espaço que acolhe o grupo por três semanas com um programa intensivo de reabilitação emocional, integração cultural e apoio psicológico, sob acompanhamento de psicólogos, terapeutas e voluntários portugueses e ucranianos. Após a visita, Montenegro destacou o compromisso humanitário de Portugal, sublinhando que o país tem apoiado a Ucrânia desde o início da invasão russa, “não apenas financeiramente e politicamente, mas sobretudo no plano humano”, que considerou “o mais tocante”. O Fénix, instalado no antigo seminário dominicano de Aldeia Nova, tem um histórico de apoio a vítimas da guerra: em Junho de 2024 recebeu o primeiro grupo de feridos de guerra ucranianos para reabilitação física e psicológica, num projecto considerado um exemplo de cooperação europeia e apoiado por iniciativas locais e internacionais. No entanto, conforme noticiado por O MIRANTE, o centro tem enfrentado desafios financeiros, reduzindo a recepção de feridos e, simultaneamente, disponibilizando-se para tratar a comunidade local com sessões de fisioterapia, magnetoterapia e apoio psicológico, face à falta de apoios públicos para manter a actividade original. A missão humanitária actual foi organizada pela associação Help UA.PT , Ukrainian Refugees UAPT e conta com financiamento de entidades como a Fundação Calouste Gulbenkian e a TAP, no âmbito do Programa Europeu de Apoio Psicológico e Cultural a Famílias de Guerra.

Tempestade em Ourém: Exército acolhe mães e crianças ucranianas que ficaram desalojadas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	28/01/2026
Melo:	Diário de Notícias Online	Autores:	Ricardo Simões Ferreira Valentina Marcelino

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=f7eb983e>

Ricardo Simões Ferreira, Valentina Marcelino

A forte tempestade que tem fustigado Portugal continental nas últimas 24 horas causou danos severos no centro de acolhimento da Organização Não Governamental (ONG) em Ourém onde se encontrava um grupo de viúvas e órfãos ucranianos.

As instalações, que serviam de refúgio a mães e crianças vítimas da guerra desde o início deste mês, ficaram totalmente destruídas pela força dos ventos e da precipitação extrema e obrigou a retirar os refugiados, que ficaram à guarda do Exército.

O grupo de ucranianos, constituído por 15 mães e 18 crianças cujos maridos e pais faleceram ou desapareceram em combate, tinha chegado a Portugal no dia 10 de janeiro no âmbito de uma missão humanitária. O centro em Ourém (Centro Fénix), que ainda no dia anterior (27 de janeiro) tinha recebido a visita oficial do primeiro-ministro, Luís Montenegro, não resistiu à passagem da depressão Kristin.

A região de Leiria e Santarém tem sido uma das mais afetadas pelo mau tempo, com rajadas de vento que atingiram recordes de 176 km/h, provocando quedas de estruturas, inundações e o colapso de edifícios vulneráveis.

Transferência para Lisboa e acolhimento m Militar

Perante a catástrofe, foi montada uma operação de emergência para transferir as famílias para a capital. O grupo chegará a Lisboa ainda esta noite, apurou o DN junto de fonte militar, e será acolhido pelo Exército Português no Regimento de Transportes (RTransportes), nas instalações do antigo Regimento de Artilharia de Lisboa (RALIS).

O Exército assumiu a responsabilidade direta pelo alojamento, garantindo condições de segurança, alimentação e apoio psicológico imediato a estas famílias, que enfrentam agora um novo trauma após terem fugido dos horrores da guerra na Ucrânia.

Apesar do incidente e da mudança forçada de instalações, a agenda institucional incluirá, para esta quinta-feira (29) uma visita à Assembleia da República, disse a mesma fonte ao DN.

Portugal continental encontra-se sob aviso devido à passagem da depressão Kristin. Esta "ciclogénese explosiva" causou milhares de ocorrências em todo o país, cortes de energia e danos materiais avultados, especialmente na zona centro.

Mau Tempo Guerra na Ucrânia Tempestade ourém

Ricardo Simões Ferreira / Valentina Marcelino

Montenegro visita mulheres e crianças ucranianas acolhidas em Ourém no âmbito de missão humanitária

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 28/01/2026

Melo: Mais Ribatejo Online

URL: <https://maisribatejo.pt/montenegro-visita-ucranianas-centro-fenix-ourem/>

Primeiro-ministro visitou mulheres e crianças ucranianas acolhidas no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém

O primeiro-ministro, Luís Montenegro, visitou na segunda-feira o grupo de mulheres e crianças ucranianas acolhidas em Portugal desde 10 de janeiro, no âmbito de um programa europeu de apoio a famílias afetadas pela guerra na Ucrânia, informou o gabinete do chefe do Governo.

A visita decorreu no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém, e não foi previamente comunicada à comunicação social, tendo sido posteriormente divulgadas imagens pelo gabinete do primeiro-ministro.

O grupo é constituído por 15 mães e 18 crianças, familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate, e encontra-se em Portugal para um período de três semanas, com o objetivo de beneficiar de um programa de reabilitação emocional e apoio psicológico, no quadro de uma missão humanitária internacional.

Primeiro-Ministro Luís Montenegro com grupo de mulheres e crianças ucranianas, Ourém, 27 janeiro 2026 (Gonçalo Borges Dias/GPM)

Nas imagens divulgadas, Luís Montenegro sublinha que Portugal tem apoiado a Ucrânia “desde a primeira hora” da invasão russa, ao nível financeiro, político e militar, destacando, contudo, a dimensão humana deste tipo de iniciativas. “Esta é talvez a vertente que mais nos toca, que é a vertente humana”, afirmou, referindo-se aos programas de apoio a vítimas da guerra, tanto em território nacional como na própria Ucrânia.

A missão humanitária é organizada pela Help UA.PT, associação que, há cerca de um ano, promoveu também a vinda de um grupo de soldados ucranianos para reabilitação em Portugal. O acolhimento inclui atividades culturais e visitas a locais históricos do país, além de acompanhamento psicológico especializado.

À chegada a Lisboa, o vice-presidente da associação, Ângelo Neto, referiu que existem “quase um milhão de mães em estado de vulnerabilidade na Ucrânia”, sublinhando que o projeto de reabilitação emocional e reintegração social teve início no Reino Unido, onde foram apoiadas cerca de 400 famílias durante 2025. Segundo o responsável, Portugal poderá ultrapassar a meta de 500 famílias ucranianas apoiadas.

O grupo agora acolhido em Portugal foi selecionado pelo Ministério da Defesa da Ucrânia e é oriundo do norte do país, da região de Chernihiv, junto à fronteira com a Rússia.

A iniciativa reforça o papel do distrito de Santarém, e em particular do concelho de Ourém, como território de acolhimento e solidariedade internacional, no contexto do apoio humanitário às vítimas da guerra na Ucrânia.

pub

Banner

publicidade

Montenegro visitou grupo de mulheres e crianças ucranianas no Centro de Reabilitação Fénix

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 28/01/2026

Melo: Notícias do Sorraia Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=b9c736b>

O primeiro-ministro visitou hoje o grupo de mulheres e crianças ucranianas que está em Portugal desde dia 10 no âmbito de um programa europeu de apoio a famílias em guerra, indicou o gabinete de Luís Montenegro.

A visita ao Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém, não foi previamente comunicada à imprensa, tendo posteriormente sido divulgadas imagens da mesma pelo gabinete de Luís Montenegro.

O grupo de 15 mães e 18 crianças familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate chegou a Lisboa a 10 de janeiro, no âmbito de uma missão humanitária em que Portugal as acolhe durante três semanas, ajudando na sua reabilitação emocional.

Nas imagens divulgadas pelo gabinete do primeiro-ministro, Luís Montenegro refere que Portugal apoia a Ucrânia “desde a primeira hora” da invasão russa, a nível financeiro, político e militar.

“Mas esta é talvez a vertente que mais nos toca, que é a vertente humana. Quer cá, quer no território ucraniano, nós estamos associados a programas que são de facto muito intensos e impactantes”, refere.

Esta missão humanitária foi organizada pela associação Help UA.PT , Ukrainian Refugees UAPT, que há um ano proporcionou também a chegada de um grupo de soldados ucranianos para reabilitação em Portugal.

O acolhimento é assegurado no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém, com várias atividades previstas por locais históricos e culturais do país, assim como reabilitação psicológica.

Na chegada a Lisboa, o vice-presidente da associação Help UA.PT, Ângelo Neto, disse que há “quase um milhão de mães em estado de vulnerabilidade na Ucrânia”, referindo que este projeto de reabilitação emocional e reintegração social de famílias afetadas pela guerra se iniciou no Reino Unido, que recebeu 400 famílias durante 2025, esperando que Portugal supere a meta de 500 famílias ucranianas apoiadas.

O grupo de ucranianos acolhido em Portugal foi escolhido pelo Ministério da Defesa da Ucrânia e é oriundo do norte da Ucrânia, numa região fronteiriça com a Rússia, assinalada no mapa como Chernihivska.

Lusa

Montenegro visitou grupo de mulheres e crianças ucranianas em Ourém

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/01/2026

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=1c185ad9>

O primeiro-ministro visitou hoje o grupo de mulheres e crianças ucranianas que está em Portugal desde dia 10 no âmbito de um programa europeu de apoio a famílias em guerra, indicou o gabinete de Luís Montenegro.

A visita ao Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém, não foi previamente comunicada à imprensa, tendo posteriormente sido divulgadas imagens da mesma pelo gabinete de Luís Montenegro.

O grupo de 15 mães e 18 crianças familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate chegou a Lisboa a 10 de janeiro, no âmbito de uma missão humanitária em que Portugal as acolhe durante três semanas, ajudando na sua reabilitação emocional.

Nas imagens divulgadas pelo gabinete do primeiro-ministro, Luís Montenegro refere que Portugal apoia a Ucrânia "desde a primeira hora" da invasão russa, a nível financeiro, político e militar.

"Mas esta é talvez a vertente que mais nos toca, que é a vertente humana. Quer cá, quer no território ucraniano, nós estamos associados a programas que são de facto muito intensos e impactantes", refere.

Esta missão humanitária foi organizada pela associação Help UA.PT - Ukrainian Refugees UAPT, que há um ano proporcionou também a chegada de um grupo de soldados ucranianos para reabilitação em Portugal.

O acolhimento é assegurado no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém, com várias atividades previstas por locais históricos e culturais do país, assim como reabilitação psicológica.

Na chegada a Lisboa, o vice-presidente da associação Help UA.PT, Ângelo Neto, disse que há "quase um milhão de mães em estado de vulnerabilidade na Ucrânia", referindo que este projeto de reabilitação emocional e reintegração social de famílias afetadas pela guerra se iniciou no Reino Unido, que recebeu 400 famílias durante 2025, esperando que Portugal supere a meta de 500 famílias ucranianas apoiadas.

O grupo de ucranianos acolhido em Portugal foi escolhido pelo Ministério da Defesa da Ucrânia e é oriundo do norte da Ucrânia, numa região fronteiriça com a Rússia, assinalada no mapa como Chernihivska.

Lusa

"Coisas muito boas estão a acontecer na Ucrânia e na Rússia", diz Trump

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 27/01/2026

Meio: Observador Online

Autores: Manuel Nobre Monteiro

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=eb32cfd5>

Ucrânia poderá aderir à União Europeia já em 2027, afirma Zelensky após reuniões trilaterais. Chefes do executivo da Dinamarca e da Gronelândia reuniram-se com Merz.

Entrada em destaque

28/01

01:02

Observador

O que se passou até agora

O Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, descreveu as negociações entre a Ucrânia e a Rússia como "muito boas". Estas negociações têm decorrido em Abu Dhabi com a mediação dos Estados Unidos .

As garantias de segurança dos Estados Unidos à Ucrânia poderão depender da concordância de Kiev em retirar as suas tropas da parte não ocupada do Donbass. Este possível acordo incluiria também o fornecimento de armas adicionais à Ucrânia, uma vez que estas áreas sejam cedidas à Rússia, sinalizando uma nova fase nas negociações trilaterais.

A Hungria e a Eslováquia anunciaram que irão contestar juridicamente a decisão da União Europeia de proibir as importações de gás russo. Esta medida foi aprovada pela maioria dos Estados-membros da UE e destaca-se como parte dos esforços para reduzir a dependência europeia em relação aos recursos naturais russos.

Durante um encontro com o primeiro-ministro finlandês, Petteri Orpo, o Presidente chinês, Xi Jinping, reafirmou o apoio ao sistema internacional da ONU. Esta declaração surge num contexto em que Donald Trump procura estabelecer uma nova organização internacional multilateral, o "Conselho da Paz", destacando a competição nas esferas de influência global.

Ler mais

Entrada em destaque

28/01

08:11

Tiago Caeiro

Bom dia.

Encerramos este liveblog.

Pode continuar a acompanhar as tensões internacionais neste outro artigo em direto.

Trump avisa que há mais uma "armada" a caminho do Irão. Ataques russos fazem três mortos em Kiev e na região de Dnipro

Ler mais

Entrada em destaque

28/01

07:36

João Costa e Silva

Ucrânia. "É difícil perceber como vamos sair deste impasse"

Francisco Pereira Coutinho afirma que Trump subestimou o conflito na Ucrânia ao achar que Moscovo se contentaria com os territórios ocupados. E como está a relação da Venezuela com os Estados Unidos?

Ouçã aqui o novo episódio do "Gabinete de Guerra" da Rádio Observador.

Ucrânia. "É difícil perceber como vamos sair deste impasse"

Ler mais

Entrada em destaque

28/01

00:05

André Certã

Príncipe-herdeiro da Arábia Saudita afasta uso do espaço aéreo para ataques ao Irão

O príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman , afirmou que o território e o espaço aéreo do país não será usado para ações militares contra o Irão, noticiou a agência Reuters.

Bin Salman falou ao telefone com o Presidente do Irão, Masoud Pezeshkian, "tendo lhe demonstrado o apoio a quaisquer esforços que resolvam diferenças através do diálogo".

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

23:27

Agência Lusa

Carney nega retratamento pelo seu discurso em Davos durante telefonema com Trump

O primeiro-ministro canadiano, Mark Carney, negou hoje ter-se retratado do seu discurso crítico do Presidente norte-americano, Donald Trump, proferido na semana passada em Davos, como alegou o

secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent.

Carney sublinhou que, pelo contrário, reiterou as suas declarações durante um telefonema com o chefe de Estado norte-americano na segunda-feira.

“Para ser absolutamente claro, e disse isto ao Presidente [Trump], quis dizer exatamente o que disse em Davos”, frisou hoje Carney em Otava, descrevendo a conversa com o republicano como boa.

Durante esta conversa, o primeiro-ministro canadiano indicou ainda que também explicou a Trump o acordo comercial entre o seu país e a China. Em resposta, o presidente americano disse estar pronto para iniciar uma nova guerra comercial com o Canadá se Otava continuasse a querer expandir o seu comércio com Pequim.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

22:27

André Certã

Ataque russo com drones ao comboio desta tarde fez quatro mortos, diz Zelensky

O Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, contou numa atualização feita no Telegram que o ataque russo com drones ao comboio em Kharkiv fez quatro mortos.

O ataque visou um comboio que levava mais de 200 passageiros, com o vagão atingido a levar 18 pessoas.

“Em qualquer país, um ataque com drones a um comboio civil seria considerado da mesma forma: exclusivamente como terrorismo”, escreveu Zelensky, dizendo que “não há nem pode haver qualquer objetivo militar em destruir civis num vagão de comboio”.

“A Rússia deve responder pelo que faz. E isso significa responsabilidade não apenas pelos ataques contra o nosso povo, contra as nossas vidas, mas pela própria possibilidade de realizar tais ataques”, acrescentou.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

22:14

Agência Lusa

Ataques aéreos russos fazem 10 mortos e danificam infraestruturas energéticas ucranianas

Enquanto Ucrânia e Rússia estão em negociações diretas para terminar o conflito de quase quatro anos, um total de 165 drones russos foram lançados contra solo ucraniano durante a noite, tendo 135 sido abatidos.

A região de Odessa foi atacada por cerca de 50 drones russos, segundo as autoridades locais, tendo deixado 30 pessoas feridas, entre os quais entre os feridos estavam duas crianças e uma mulher

grávida de 39 semanas. Três corpos foram também encontrados debaixo dos escombros.

No nordeste do país, um comboio de passageiros foi atingido por um drone, matando três pessoas e ferindo outras duas. Mais a leste, uma bomba planadora russa atingiu a cidade de Sloviansk hoje de manhã, matando um casal e ferindo o seu filho de 20 anos, de acordo com as autoridades ucranianas. Um homem foi também morto em sua casa por um ataque de drone na região sul de Zaporijia, e outro na região vizinha de Kherson.

A empresa privada de energia DTEK informou que as forças russas causaram “danos enormes” numa das suas instalações. Similarmente, a empresa estatal de gás Naftogaz informou que uma das suas instalações no oeste do país foi atingida, sendo este o quinto incidente do género este mês.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

21:52

André Certã

"Cuba vai entrar em colapso muito em breve", diz Trump

O Presidente dos EUA, Donald Trump, disse esta terça-feira que “Cuba vai entrar em colapso muito em breve”, falando aos jornalistas.

Trump:

Cuba will be failing pretty soon.

Cuba is really a nation that is very close to failing. pic.twitter.com/apKYkO300N

- Clash Report (@clashreport) January 27, 2026

“Cuba é realmente uma nação que está muito perto do colapso”, insistiu o líder, afirmando que Havana obtinha “o seu dinheiro da Venezuela”

“Obtinham o petróleo da Venezuela. Agora já não o obtêm”, disse ainda.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

21:40

André Certã

Trump ameaça cortar ajuda ao Iraque se reeleger Nouri al-Maliki para primeiro-ministro

O Presidente dos EUA, Donald Trump, ameaçou o Iraque esta terça-feira na rede Truth Social, afirmando que, se o antigo primeiro-ministro Nouri al-Maliki voltar a ser nomeado como chefe do Executivo, os EUA deixariam de ajudar o país.

“Ouvi dizer que o grande país do Iraque poderá tomar uma decisão muito errada ao reinstalar Nouri

al-Maliki como primeiro-ministro", afirmou Trump, considerando que, "de última vez que Maliki esteve no poder, o país mergulhou na pobreza e no caos total" e que "isso não deve acontecer novamente".

"Devido às suas políticas e ideologias insanas, se ele for eleito, os Estados Unidos da América deixarão de ajudar o Iraque e, se não estivermos lá para ajudar, o Iraque terá ZERO hipóteses de sucesso, prosperidade ou liberdade. FAÇAM O IRAQUE GRANDE NOVAMENTE!", afirmou ainda o Presidente

Trump reagia à escolha do antigo primeiro-ministro como sendo o nomeado de uma aliança de partidos xiitas para voltar ao cargo, que domina boa parte do parlamento.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

20:48

Madalena Moreira

Senador norte-americano diz que EUA deviam "armar manifestantes no Irão"

Ted Cruz, senador republicano da Florida e um dos congressistas mais leais a Donald Trump, defendeu hoje uma posição mais agressiva dos EUA no Irão. Cruz partilhou nas redes sociais uma publicação de uma "fonte confiável dentro do Irão" que diz que "não há nada" que os manifestantes consigam fazer no interior do país. "Eles estão a matar as pessoas de tal forma", lê-se na mensagem.

Em resposta, o senador diz que os Estados Unidos "deviam estar a armar os manifestantes no Irão. AGORA". "O povo iraniano derrubar o Ayatollah - um tirano que canta 'morte à América' de forma rotineira - iria tornar a América muito, muito mais segura", escreveu ainda.

We should be arming the protesters in Iran. NOW.

For the Iranian people to overthrow the Ayatollah-a tyrant who routinely chants "death to America"- would make America much, much safer. <https://t.co/rj2rXtWV2I>

- Ted Cruz (@tedcruz) January 27, 2026

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

20:41

Diana Rosa

Ucrânia. "Precisamos de uma posição clara dos EUA"

Orlando Samões considera que administração Trump "não está a saber fazer leitura em negociações que já levam um ano". Os EUA deixam Kiev em posição difícil "porque querem ficar ao lado do vencedor". Ouça aqui o novo episódio de Gabinete de Guerra da Rádio Observador.

Ucrânia. "Precisamos de uma posição clara dos EUA"

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

20:23

Agência Lusa

Irão avisa países vizinhos que serão hostis se apoiarem ataque dos EUA

O Irão vai considerar os países vizinhos hostis se cederem o seu território, espaço aéreo ou marítimo para um ataque liderado pelos Estados Unidos contra a República Islâmica, alertou hoje um alto oficial da Guarda Revolucionária.

“Os países vizinhos são nossos amigos, mas se o seu território, céus ou águas forem utilizados contra o Irão, serão considerados hostis”, disse Mohammad Akbarzadeh, vice-comandante político das forças navais da Guarda Revolucionária Islâmica, citado pela agência de notícias iraniana Fars.

O Irão ameaça também bloquear o estreito de Ormuz, uma passagem crucial para o transporte de produtos energéticos, em caso de sofrer um ataque, segundo o oficial, que acrescentou que “esta mensagem foi transmitida” aos países da região.

Akbarzadeh advertiu ainda que Washington e os seus aliados devem saber que “a segurança dos seus alimentos, energia e comércio tem sido garantida por esta passagem” e que Teerão pode “transformar essa mesma segurança em insegurança”.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

20:16

André Certã

Número de baixas na guerra na Ucrânia pode chegar aos dois milhões esta primavera

O número de baixas, que inclui soldados mortos, feridos e desaparecidos, na guerra na Ucrânia pode atingir os dois milhões já esta primavera, segundo um estudo publicado esta terça-feira pelo Centro para os Estudos Estratégicos e Internacionais.

O estudo, intitulado “A guerra exaustiva da Rússia na Ucrânia”, indicou que cerca de 1,2 milhões de tropas russas e 600 mil tropas ucranianas foram dados como baixas nas frentes de combate durante a guerra. O número combinado - 1,8 milhões - pode crescer para os dois milhões já esta primavera, indicou o centro.

O número baseia-se em estimativas britânicas e americanas, já que não são conhecidos dados da Ucrânia e a crença é que a Rússia arredonda os valores por baixo.

O estudo indica ainda que, desde 2024, a Rússia avança a uma média de 15 a 70 metros por dia, que o centro diz ser um avanço “mais lento que quase todas as outras campanhas ofensivas em qualquer guerra no último século”.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

20:08

Madalena Moreira

Ministro dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia elogia "mudança qualitativa" nas negociações trilaterais

Andrii Sybiha, ministro dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia, elogiou os progressos nas negociações de paz que foram feitos na última semana, depois do Fórum de Davos, e as mudanças na delegação russa, em entrevista ao European Pravda, publicada hoje.

"As negociações são muito complexas. Mas notamos uma mudança qualitativa na composição da delegação russa. São pessoas diferentes, já não há palestras pseudo-históricas. As conversas são mais focadas", ponderou Sybiha.

O ministro salientou ainda a necessidade de caminhar para a integração europeia de Kiev e a necessidade mútua de cooperação - "Sem a Ucrânia, a Europa não se vai proteger da agressão russa", argumentou -, mas também a importância da mediação norte-americana. Neste contexto, sublinhou a necessidade de prosseguir com a assinatura do plano de 20 pontos - esclarecendo que se trata de um documento bilateral entre os Estados Unidos e a Ucrânia, que não inclui a Rússia ou os aliados europeus.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

18:42

Madalena Moreira

Presidente do Irão e príncipe herdeiro da Arábia Saudita salientam necessidade de estabilidade regional durante conversa telefónica

O Presidente do Irão, Masoud Pezeshkian, e o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman, falaram hoje ao telefone, um dia depois de os Estados Unidos terem anunciado a realização de um exercício militar aéreo no Médio Oriente e num contexto de escalada de tensões entre Washington e Teerão.

Em comunicado, o gabinete de Pezeshkian relatou que o Presidente agradeceu o apoio dos Estados árabes e sublinhou a necessidade de trabalhar para a "estabilidade regional", através da "unidade e coesão entre as nações islâmicas". "[O Presidente] reafirmou a disponibilidade do Irão para apoiar qualquer processo que leve à paz, à desescalada e à prevenção de conflitos", lê-se no comunicado, citado pela Al Jazeera.

Segundo o mesmo relato, Bin Salman também se opôs a "qualquer agressão contra o Irão" e disse estar pronto para "cooperar com o Irão e outros estados regionais para ajudar a estabelecer paz e segurança duradoura na região".

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

18:18

Madalena Moreira

"Coisas muito boas estão a acontecer na Ucrânia e na Rússia", diz Trump

Donald Trump declarou hoje estar a seguir os desenvolvimentos nas negociações entre a Ucrânia e a Rússia, que têm decorrido num formato trilateral, com mediação dos Estados Unidos, em Abu Dhabi. Em declarações aos jornalistas, antes de embarcar no avião presidencial rumo ao estado do Iowa, o Presidente norte-americano foi questionado sobre o tema. "Estamos a olhar para as coisas muito boas entre a Ucrânia e Rússia. Coisas muito boas estão a acontecer com a Ucrânia e a Rússia", respondeu Trump.

Trump:

Very good things are happening on Ukraine and Russia.

pic.twitter.com/EaOPTuaqXG

- OSINT Spectator (@osint1117) January 27, 2026

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

17:41

Madalena Moreira

Chefes do executivo da Dinamarca e da Gronelândia reuniram-se com Merz

Mette Frederiksen, primeira-ministra da Dinamarca, e Jens-Frederik Nielsen, primeiro-ministro da Gronelândia, reuniram-se hoje com o chanceler alemão, Friedrich Merz, em Berlim, que reafirmou a solidariedade alemã e europeia com a soberania do território autónomo no Ártico e o empenho com a necessidade de o proteger.

"Eu tenho uma grande gratidão para com os americanos. Mas agora há tanta disrupção que a coisa mais importante para mim é que nós, europeus, façamos a coisa certa ao conseguirmos proteger as nossas populações, países, liberdade e segurança", declarou Frederiksen, citada pela Reuters.

Frederiksen e Nielsen cumprem esta semana uma curta viagem pela Europa, dias depois de Donald Trump ter retirado a ameaça da imposição de sanções sobre os países que se opõem à anexação da Gronelândia por parte dos Estados Unidos. Depois de Berlim, os dois líderes reúnem-se amanhã com Emmanuel Macron em Paris.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

17:32

Agência Lusa

Montenegro visitou grupo de mulheres e crianças ucranianas no Centro de Reabilitação Fénix

O primeiro-ministro português visitou hoje o grupo de mulheres e crianças ucranianas que está em Portugal desde o dia 10, no âmbito de um programa europeu de apoio a famílias em guerra, indicou o gabinete de Luís Montenegro.

A visita ao Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém, não foi previamente comunicada à imprensa, tendo posteriormente sido divulgadas imagens da mesma pelo gabinete de Luís Montenegro.

O grupo de 15 mães e 18 crianças familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate chegou a Lisboa a 10 de janeiro, no âmbito de uma missão humanitária em que Portugal as acolhe durante três semanas, ajudando na sua reabilitação emocional.

Nas imagens divulgadas pelo gabinete do primeiro-ministro, Luís Montenegro refere que Portugal apoia a Ucrânia “desde a primeira hora” da invasão russa, a nível financeiro, político e militar.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

16:54

André Certã

Grupo de especialistas da ONU criticou processo penal contra estudantes que protestaram contra parceria com instituições israelitas

Um grupo de especialistas de direitos humanos da ONU expressaram preocupação com um processo penal a correr na justiça suíça contra estudantes que “protestaram pacificamente” contra as “parcerias com instituições israelitas” do Instituto Federal Suíço de Tecnologia, em Zurique.

“A investigação financiada com fundos públicos não deve contribuir, direta ou indiretamente, para crimes de guerra, crimes contra a humanidade ou genocídio. Os Estados e as instituições têm a obrigação de garantir que isso não aconteça”, afirmaram os especialistas num comunicado publicado no site do Alto Comissariado para os Direitos Humanos das Nações Unidas.

Ao todo, “38 estudantes receberam ordens penais, incluindo 17 que optaram por recorrer, apesar dos riscos pessoais e financeiros significativos envolvidos”, lê-se.

O instituto, conhecido por ETH Zurich, afirmava em outubro do ano passado que não havia nenhum controlo sobre como a troca de conhecimentos era usada, incluindo com uso militar. O grupo de especialistas indicou que as colaborações “envolveriam universidades que são parte integrante do complexo militar-industrial de Israel, trabalhando em inteligência artificial, vigilância e tecnologias de armamento potencialmente utilizadas nos territórios palestinos ocupados”.

“As universidades, especialmente aquelas que recebem financiamento público, têm a obrigação legal de defender os padrões dos direitos humanos e abster-se de apoiar, direta ou indiretamente, quaisquer atos ou ocupações ilegais, como o controlo de Israel sobre o território palestino ocupado”, lê-se ainda.

O grupo, que inclui a repórter para a Palestina, Francesca Albanese, defendeu ainda que “o ativismo estudantil pacífico, dentro e fora do campus, faz parte dos direitos dos estudantes à liberdade de

expressão e de reunião pacífica, e não deve ser criminalizado”.

Ler mais

Entrada em destaque

27/01

16:48

Miguel Cordeiro

“A ordem internacional mudou e a Europa tem de reagir”

Jorge Rodrigues considera que a União Europeia precisa de reforçar a sua política externa comum. Ainda acrescenta que o acordo com a Índia é um passo decisivo para garantir autonomia e segurança. Ouça aqui o novo episódio de Gabinete de Guerra da Rádio Observador.

“A ordem internacional mudou e a Europa tem de reagir”

Ler mais

[Additional Text]:

epa12649703 US President Donald Trump takes part in a signing ceremony in the Oval Office at the White House in Washington, DC, USA, 14 January 2026. Trump signed a bill allowing schools to serve whole and 2 percent milk. EPA/Francis Chung / POOL
Manuel Nobre Monteiro

Família ucraniana reunida pelo Benfica

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 26/01/2026

Meio: Bola Online (A)

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=2ccb5910>

Trubin e Sudakov fizeram a felicidade de mulheres e crianças vítimas da guerra

Um grupo de 18 crianças e 15 mães, vítimas da guerra que tem abalado a Ucrânia, visitou o Benfica Campus e teve oportunidade de estar com Trubin e Sudakov, os dois internacionais ucranianos do clube. A surpresa organizada pela Fundação Benfica e pelo futebol profissional incluiu a presença no jogo com o Estrela da Amadora, de domingo.

//

Nacional

//

Benfica fecha acordo com a NOS por 57,1 milhões/ano até 2028

A viverem em contexto de conflito armado na sua terra natal, estas mães , na sua maioria viúvas ou familiares de militares que perderam a vida, desapareceram ou foram capturados , e crianças foram integradas num programa de reabilitação emocional, psicológica e social, promovido pela HelpUA.pt, em cooperação com entidades portuguesas e autoridades ucranianas , explica o Benfica, no site do clube.

Durante 3 semanas, as famílias permaneceram em Portugal, acolhidas no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém. O programa incluiu acompanhamento psicológico especializado, atividades lúdicas, educativas e culturais, bem como ações de integração social e cultural , acrescenta-se.

View this post on Instagram

A post shared by Sport Lisboa e Benfica (@slbenfica)

Conhecer Trubin e Sudakov era obrigatório e aconteceu no Benfica Campus, com muita emoção de parte de parte.

Trubin e Sudakov receberam crianças e mães ucranianas em reabilitação em Portugal

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 26/01/2026

Meio: Jogo Online (O)

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=aeb7b821>

18 crianças e 15 mães vítimas da guerra na Ucrânia, integradas num programa de reabilitação em Portugal, estiveram no centro de treinos do Benfica com os compatriotas Trubin e Sudakov. Tiraram fotografias, receberam autógrafos e conversaram com os jogadores do Benfica e da seleção ucraniana. E depois assistiram ao jogo contra o Estrela da Amadora, no domingo

O futebol pode e deve ser um veículo de esperança, união e apoio a quem mais precisa.

Várias famílias ucranianas, vítimas da guerra, visitaram o Benfica Campus, conheceram Trubin e Sudakov e estiveram presentes no #SLBCFEA!#FundaçãoBenfica pic.twitter.com/IsAzEV9BC6
- SL Benfica (@SLBenfica) January 26, 2026

Trubin e Sudakov dão ânimo a compatriotas que vieram a Portugal fazer reabilitação

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 26/01/2026

Meio: Record Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=d9eea51b>

O guarda-redes Trubin e o médio-ofensivo Sudakov foram surpreendidos nesta segunda-feira com a presença no Benfica Campus de 18 crianças e 15 mães, vítimas da guerra que tem abalado a Ucrânia e que foram acolhidas no âmbito de um programa de reabilitação emocional, psicológica e social promovida pela HelpUA.pt em cooperação com entidades portuguesas e autoridades ucranianas.

Depois de terem assistido na Luz à goleada (4-0) dos encarnados sobre o E. Amadora, o grupo de mães - na sua maioria viúvas ou familiares de militares mortos em combate ou capturados pelos russos - e crianças atingidas pelo flagelo da guerra conviveu com os dois compatriotas no Seixal, satisfazendo um pedido especial dos jovens que vêm nos jogadores exemplos de inspiração, orgulho e esperança num futuro melhor.

De referir que a iniciativa foi promovida pela Fundação Benfica e pelo futebol profissional dos encarnados, proporcionando um momento inesquecível para o grupo que veio passar três semanas a Portugal, sendo acolhidas pelo Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém.

?? O futebol pode e deve ser um veículo de esperança, união e apoio a quem mais precisa.

Várias famílias ucranianas, vítimas da guerra, visitaram o Benfica Campus, conheceram Trubin e Sudakov e estiveram presentes no #SLBCFEA!#FundaçãoBenfica pic.twitter.com/IsAzEV9BC6 - SL Benfica (@SLBenfica) January 26, 2026



Famílias ucranianas em Portugal

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=af2a4193-3824-4bbe-b16a-8d495a67300a&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Um grupo de 15 mães e 18 crianças ucranianas que perderam familiares na guerra chegou a Portugal para um período de três semanas, na esperança de viver sem medo. Serão acolhidos num centro de reabilitação em Ourém, onde terão acompanhamento psicológico e participarão em atividades destinadas a mitigar os efeitos traumáticos do conflito.

Um dia com refugiados ucranianos na Cidade do Futebol: "Esquecem um pouco os horrores que estão a passar"

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 24/01/2026

Melo: Renascença Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=46f85f9a>

A Renascença acompanhou refugiados ucranianos num dia longe da guerra e cheio de esperança.

No meio da tempestade que está a assolar o país, a Cidade do Futebol encheu-se de dezenas de mulheres e crianças ucranianas, numa iniciativa conjunta da Fundação FPF e da Ukrain Refugees UAPT (conhecida por HELP UA.PT).

Entre troféus, camisolas da seleção e imitações da famosa celebração de Cristiano Ronaldo, fez-se uma visita guiada pelas instalações desta cidade futebolista, numa autêntica viagem no tempo pelas mais diferentes conquistas de Portugal em modalidades como futebol e futsal.

Já segue a Bola Branca no WhatsApp? É só clicar aqui

A parceria entre as duas entidades surgiu em dezembro de 2025, quando alguns elementos do programa "Famílias de Guerra" tiveram a oportunidade de assistir a um jogo de futsal entre Portugal e Ucrânia, em Albufeira.

"É importante que a federação e a fundação tenham um papel preponderante naquilo que é o impacto na sociedade com a inclusão", destaca Edinho, ex-jogador e embaixador da Fundação FPF. "Um dia acaba por não apagar todo o sofrimento, mas estas são memórias que vão guardar para o resto da vida".

Em solo nacional desde o início do mês, 18 crianças e 15 mulheres estão por três semanas a ser acolhidas no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, para realizar passeios culturais e passar por um processo de reabilitação longe da guerra.

O Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, acolhe 18 crianças e 15 mulheres durante três semanas (foto: D.R.)

"O facto de terem uma noite de sono sem sirenes e sem terem de descer para os abrigos três ou quatro vezes faz com que o cérebro faça um restart e consigam ter mais motivação e energia para continuar a lutar", esclarece Ângelo Neto, vice-presidente da HELP UA.PT.

E continua: "Por mais que seja um período curto, esquecerem um pouco os horrores que estão a passar ajuda em termos cognitivos. Deixam de ter o terror constante e isso faz com que possam sonhar com um amanhã melhor".

Alice, uma das jovens acolhidas, é a única do grupo fluente em português. Numa mistura entre nervos e fascínio, evita tocar diretamente no tema do conflito, centrando-se em elogios à visita. "Os ucranianos adoraram. O que fizeram aqui é incrível", confessa.

Não esconde que "queria muito ver" o ídolo número 1, Cristiano Ronaldo. Tanto para ela como para os restantes jovens ali presentes, "o facto de estarem a ver onde ele treina é uma imagem inesquecível". Ou seja, "o impacto que Cristiano tem no mundo é tremendo. Ter um exemplo de resiliência como o

dele também dá algum alento e, no fundo, acaba por motivá-los a buscarem os seus sonhos e a saberem que em Portugal podem sentir-se em casa”, reforça Neto.

Uma coisa é certa: o desporto transforma vidas. Mais do que um momento simbólico, este ato reforçou o papel do futebol como ferramenta de integração e responsabilidade social, mostrando que, mesmo em contextos de dificuldade, é possível criar pontes de esperança fora do campo.

Guerra
Redação

“Em quatro anos, é a primeira noite que dormimos nove horas despreocupados”

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 19/01/2026

Meio: Euronews Portugal Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=ad6984a8>

Portugal acolhe, durante três semanas, um grupo de mães e crianças ucranianas vindas de uma região fortemente marcada pela guerra. Longe dos bombardeamentos, relatam descanso real, atividades lúdicas e terapêuticas, além de um agradecimento maior do que as palavras podem expressar

Makar observa o fundo do mar. Este menino ucraniano não fez mergulho, mas esteve perto ao visitar o Oceanário de Lisboa. A primeira vez num aquário grande nunca se esquece. Aqui, a tranquilidade do meio marinho contrasta com os dias da guerra .que, durante um período finito de tempo, ficaram para trás.

Makar, de seis anos, perdeu o pai para os horrores do conflito. Faz parte de um grupo de mães e crianças ucranianas que viajaram até território nacional com a ajuda da organização Help UA.PT, ao abrigo do Programa Europeu de Apoio Psicológico e Cultural a Famílias de Guerra.

“Foram 20 horas de viagem de autocarro de Kiev até Varsóvia com muita resiliência. Nós só conseguimos chegar porque tivemos escolta militar do lado ucraniano, que ajudou a limpar as estradas. E as crianças, sem dormir, mas com uma vontade enorme de chegar em Portugal e descansar um pouco do horror da guerra”, descreve Ângelo Neto, vice-presidente da Help UA. PT.

Estas mães e crianças, familiares de soldados ucranianos falecidos ou desaparecidos em combate, vêm de Chernihivska, no norte da Ucrânia.

“É uma região mais fortemente afetada pelos conflitos diários que existem. Imaginem agora, 20 graus negativos, sem energia, sem calefação, sem comida”, explica Ângelo.

“Só para terem uma ideia, eles chegaram no sábado. No domingo, quando acordaram, perguntei se tinham dormido bem e disseram** : há quatro anos que é a primeira noite que nós dormimos nove horas, despreocupados.’**

A visita ao Oceanário faz parte de uma lista de atividades para três semanas. Durante estes dias ficam hospedados no Centro Fénix, em Ourém, na região Centro de Portugal.

“Para eles é uma paz de três semanas, para quem sente isso na pele** , equivale como se tivessem ficado três anos, em termos de descanso mental”**, descreve Ângelo Neto, apontando os detalhes para o programa que inclui sessões de terapia para ultrapassar o trauma da guerra.

“Nós temos a psicóloga oficial, que veio da Ucrânia, e uma psicóloga cá em Portugal, do nosso centro, onde fazem o tratamento exatamente para devolver-lhes a esperança. Eles estão muito abalados em termos mentais, a capacidade cognitiva de reagir diminui muito por causa desse trauma. E é isso que queremos recuperar”, explica, salientando que, apesar do apoio institucional do governo português, o projeto “só foi possível graças à União da Sociedade Civil”.

Makar foi parco nas palavras. Perguntámo-lhes se estava a gostar da experiência, de conhecer o Ocenário e outros locais de Portugal. Se estava a fazer novos amigos e se uma dia gostaria de regressar a terras lusas. A resposta foi sempre, e somente, um tímido “sim”. Já a mãe, Yulia, salienta

à Euronews como foram bem recebidos.

"Ficar aqui tem sido uma experiência muito boa. A estadia aqui é muito agradável, com ótimas sensações. Fomos muito bem recebidos", explica. "As excursões são muito interessantes, tanto para as mães como para as crianças. Estamos muito gratos".

Daqui a uns dias será tempo de regressar a solo ucraniano. Sem adiantar como será esse momento, Yulia reforça apenas a gratidão pelo projeto, realizado num "período tão difícil".

"Neste momento, estamos sinceramente muito felizes por nos apoiarem. Num período tão difícil, esta missão é muito importante para nós", explica. "Só temos boas impressões de Portugal e destas pessoas".

Antes do Ocenário, uma das paragens do grupo foi a Presidência da República. Em Belém, conheceram Marcelo Rebelo de Sousa, numa experiência "marcante para toda a vida destas crianças".

"As crianças, para mim, - e é preciso que entendam - são o futuro", explica Roman Kurtysh, presidente da Help UA.PT. "Estas visitas a Portugal, por exemplo, aquilo que eles estão a ver aqui, outra cultura, a de Portugal e a cultura europeia em geral, isso também é muito importante", explica à Euronews.

"Este é um projeto que serve também em termos de integração, já pensar na Ucrânia como membro da União Europeia, que é o que todos queremos", complementa Ângelo.

Para já, o apoio a projetos futuros está limitado ao apoio da sociedade civil, até porque o centro Fénix, onde estas crianças dormem e são reabilitadas, precisa de financiamento contínuo.

"Em termos do centro (Fénix), o que nós vamos fazer agora é, a partir de maio, disponibilizar vagas para o PRR, cuidados continuados, para que nós consigamos ter algum fluxo de financiamento de entrada de dinheiro, para ajudar a população portuguesa, gerir mesmo ao detalhe", explica Ângelo Neto.

"Mas sem o apoio contínuo dessas empresas, dessas fundações e da sociedade civil e agora do governo, é impossível chegarmos à meta das 500 famílias atendidas, mas eu sei que nós vamos conseguir", afirmou, com convicção.

Para Roman, presidente da organização, o sonho é voar mais alto.

"Eu quero desafiar Bruxelas para nós, em conjunto, organizarmos um projeto maior, de maior escala, porque nós temos capacidade, somos organizados, temos equipa e conseguimos superar os resultados que temos", explica. "Mas claro que andamos pequenos e procuramos apoios para mostrar resultados, mostrar a nossa capacidade".

Segundo explica a organização Help UA.PT, o projeto teve início em 2025 com o apoio do Ministério da Defesa do Reino Unido, que financiou e acompanhou mais de 400 mães e crianças ucranianas em programas semelhantes realizados no Reino Unido, Espanha e Bulgária.

[Additional Text]:

Makar de seis anos observa atentamente o aquário principal do Oceanário de Lisboa

Yulia descreve à Euronews como está agradecida pela experiência

Grupo de mães e crianças visita Marcelo Rebelo de Sousa no Palácio de Belém

Solidariedade com a Ucrânia: Portugal acolhe mães e crianças vítimas da guerra

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 16/01/2026

Meio: e-Global - Notícias em Português Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=990a2138>

Já estão em Portugal as 18 crianças e 15 mães viúvas ucranianas, vítimas da guerra, acolhidas no âmbito de um programa de reabilitação emocional e social que decorrerá em Ourém.

A receção teve lugar no Aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa, e foi presidida pela Ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, em representação do Primeiro-Ministro, Luís Montenegro. A iniciativa é organizada pela associação Help UA.PT e prevê o acolhimento das famílias no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém.

“Acolhemos hoje 18 crianças e 15 mães que fogem dos horrores da guerra, que continua a tirar vidas, a destruir lares e famílias”, afirmou a Ministra, sublinhando que Portugal quer proporcionar “conforto, segurança, proteção e, acima de tudo, dignidade”.

Rita Alarcão Júdice destacou ainda que este acolhimento “é também uma afirmação de valor”, acrescentando que “a justiça não se esgota nos tribunais, vive-se também na defesa dos direitos humanos, na proteção dos mais vulneráveis e na não normalização da violência, sobretudo sobre as crianças”.

Durante a estadia em Portugal as mães e crianças, oriundas da região ucraniana de Chernihivska, vão beneficiar de acompanhamento psicológico, fisioterapia e atividades lúdicas e culturais, num programa orientado para a recuperação emocional.

A Ministra reforçou que “o Governo português mantém um apoio firme e contínuo à Ucrânia, no plano humanitário, político e internacional”, expressando o desejo de que iniciativas semelhantes se repitam, “idealmente num contexto em que a guerra já tenha terminado”, reiterando que Portugal está “de braços abertos” no apoio ao povo ucraniano.

A missão humanitária promovida pela Help UA.PT já desenvolveu projetos semelhantes noutros países europeus e, em Portugal, conta com o envolvimento da sociedade civil e de várias entidades públicas.

Portal do Governo

Direção

ID: 121080966

16-01-2026

15 viúvas e 18 órfãos no Centro de Reabilitação Fénix

Descansar da guerra na Aldeia Nova, Olival

“Em vários anos, eu consegui dormir a noite inteira”. A frase é de uma das viúvas ucranianas que chegaram no sábado, dia 10, a Portugal, vindo, com os filhos “descansar a mente” das sirenes e bombas constantes que caem no seu país. Com elas trouxeram os filhos e em todos se pode ler a tristeza no olhar

AURÉLIA MADEIRA

As crianças, porque são crianças, têm um sorriso mais fácil, na paz que vieram encontrar na Aldeia Nova, Olival, e brincam, saltam e pulam como quaisquer outras crianças, sobretudo os mais novos, porque os mais crescidos transportam consigo a dor nos olhares que descobrimos nas mães.

Não foi fácil falar com estas mulheres, desde logo porque era necessária a tradução, mas também, e sobretudo, porque a emoção é muito forte. As lágrimas dificultavam as respostas e a sensação de impotência e empatia, da nossa parte, também não ajudava. No entanto, conseguimos estabelecer contacto com duas delas, com a equipa de psicólogas

e com a responsável militar que as acompanha.

DESCANSAR DO BARULHO DAS SIRENES E DA REBENTÇÃO DE BOMBAS”

São 15 viúvas e 18 órfãos os que chegaram, dia 10, ao aeroporto de Lisboa, onde foram recebidas por entidades oficiais, entre elas a ministra da Justiça.

Vêm para descansar do barulho das sirenes e da rebentação de bombas que não lhes permite dormir uma só noite em sossego e um dia sem sobressalto. As mães porque os filhos estão na escola, os filhos porque as mães estão no trabalho, sem saberem uns dos outros. Dizem-nos que há

mais de um milhão de mulheres na sua situação, na Ucrânia, mas acreditam que o seu problema é agravado por viverem numa zona das mais complicadas, na fronteira com a Bielorrússia.

A primeira noite que passaram no centro de reabilitação Fénix, na Aldeia Nova, contam, foi estranha. Dormiram como há muito não acontecia, “como bebés”. Contudo, e apesar de, conscientemente, sabem que estão em segurança, qualquer barulho as sobressalta. A mente ficou presa lá atrás, aos sons da guerra. Terão três semanas para tentar soltá-la e depois regressarem. Mas nisso não querem pensar. Preferem viver cada momento de uma paz a

que já se desabituarão, desfrutar de cada sorriso e brincadeira dos filhos que, por ora, podem saltar à vontade dentro e fora de casa.

O SILÊNCIO AJUDA MAS OS TRAUMAS SÃO PROFUNDOS

Olena é psicóloga e veio da Ucrânia, acompanha o grupo, juntando-se, agora, à restante equipa de psicólogas ucranianas a viver em Portugal e voluntárias da associação. Boa conhecedora da situação vivida por estas mulheres e crianças no seu país. É ela que nos diz que estas três semanas vão ajudar a baixar o stress. “É claro que o silêncio ajuda”, afirma, mas “quando acontece algum barulho, de repente, o corpo e a mente reagem. Eles



COM OS BLUSÕES OFERECIDOS PELA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL

ID: 121080966

falam sobre traumas psicológicos e nós acostumamo-nos... Porque a guerra toca a todos." Até porque, para além destas mulheres que perderam os maridos, "a situação na Ucrânia é muito traumática. Há muitos tiros que não nos deixam descansar normalmente, mas, de manhã, todos vão para o trabalho, os filhos vão para a escola... e quando não há descanso normal, o sistema nervoso mantém-se alterado, o que afeta a nossa mente. Tu fazes uma pausa, mas, com bombardeamentos e alarmes constantes, vives em stress.

Durante o dia, mas também durante a noite, há bombardeamentos. Durante o dia, os filhos vão para a escola, as mulheres vão para o trabalho, sempre em situação de stress", o que inibe reações rápidas, "ou seja, se acontece algo, o cérebro está mais travado, não reage tão rápido como deseja".

AS PESSOAS, ANDAM MAIS NERVOSAS E AGRESSIVAS"

Por outro lado, diz Olena, isso "aumenta a agressão das pessoas, que andam mais nervosas e agressivas. Está a afetar a capacidade de discernimento".

Como se tudo isto não bastasse, vivem a uma temperatura abaixo dos 15, 20º negativos, sem aquecimento e, muitas vezes, sem água. Tudo isto provoca elevados graus de stress e o pensamento está na sobrevivência. "É necessário agir e resolver problemas...".

Serão apenas três semanas de descanso, o que nos leva a questionar se isto é suficiente para alguém recuperar ou para sair daqui com capacidade para regressar ao mesmo local. Mas

a psicóloga deixa claro que "o trauma é tão profundo que, provavelmente, nem um ano chega para recuperar completamente. Cada barulho provoca reação". Este retiro pretende ser uma "renovação. Um apoio ao sistema nervoso para acalmar", afirma, e explica "isto é como uma bateria descarregada. É preciso, pelo menos, carregar um bocadinho a bateria nervosa".

Recorda-nos Ângelo Neto, vice-presidente da HELPUA Portugal (associação de apoio a refugiados ucranianos), que em 2025 o programa, no Reino Unido, foi de apenas uma semana. "Nós conseguimos aumentar para três semanas porque, normalmente, é necessária uma semana para adaptação ao novo local e, depois, as outras duas já funcionam para acalmar o sistema nervoso e melhorar o estado psicológico".

A IDEIA É TRAZER "MAIS 500 PESSOAS" MAS PRECISAM DE APOIOS

A associação quer continuar a fazer este trabalho com outras mulheres e crianças, mas reconhece que necessitará de apoios para isso, até ao nível da alimentação. Esta primeira vinda foi patrocinada pela fundação Calouste Gulbenkian. A ideia, afirma o responsável, é trazer "mais 500 pessoas, nem que leve mais um ano, como aconteceu agora".

"FICAS SOZINHA NO MUNDO E PARECE QUE METADE DO CORAÇÃO DESAPARECE"

Dina e Tetyana são duas das 15 mulheres que perderam os maridos na guerra e vão falando

intercaladamente. Tetyana perdeu o marido apenas há mês e meio. A dor é ainda muito próxima. Falam-nos da dificuldade que é trabalhar e organizar a vida das crianças entre ataques e avisos de ataques. "Estás no trabalho e estás sempre preocupada com os filhos, e eles, quando estão na escola, estão sempre preocupados contigo. "É muito difícil. É uma situação indescritível. Ficas sozinha no mundo e parece que metade do coração desaparece. Para os filhos também é muito difícil", diz-nos Dina, que acrescenta, "eu tenho uma filha com três anos, a Carolina, que quase não conheceu o pai. Mas nós procuramos e encontramos força, porque temos que superar e continuar a viver". Refere ainda o apoio que antes recebia do pai que também já não tem.

Ambas afirmam a necessidade de ter força e dizem que uma boa parte dela advém de acreditarem que "a alma está viva e ele está connosco".

DORMIR A NOITE TODA, PELA PRIMEIRA VEZ EM ANOS

Após dois dias na Aldeia Nova, dizem-se entusiasmadas e gratas. Gostaram de poder estar entre a natureza e, sobretudo, gostam muito de não estar a ouvir sirenes nem bombas a cair. Mas basta que passe um avião ou se ouça um barulho maior, para se assustarem.

Se consideram "natureza linda", o mais importante é poderem, "pela primeira vez em muitos anos, dormir de noite" e, sobretudo, "as crianças não acordarem à noite e ficarem com medo".



AMIZADE INSTANTÂNEA



RECEBIDOS PELA MINISTRA DA JUSTIÇA

“

Pela primeira vez em vários anos, eu consegui dormir a noite inteira



SORRISOS APÓS O LANCHE

O sprint final dos candidatos a Presidente

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 12/01/2026

Meio: Expresso Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=14b0b763>

Bom dia,

A seis dias de uma das mais imprevisíveis eleições presidenciais de sempre, nenhum dos candidatos pode dar-se ao luxo de abrandar o passo. Com as intenções de voto manifestadas em sondagens e "tracking polls" diárias completamente repartidas, há cinco candidatos em posição de passar à mais que provável segunda volta -, multiplicam-se os apelos aos muitos eleitores que ainda não decidiram em quem vão votar ou que ponderam nem sequer votar.

Nas máquinas das campanhas, animam-se os espíritos de quem partiu de trás e parece estar a ganhar fôlego na corrida até 18 de janeiro, casos de Cotrim de Figueiredo e António José Seguro -, e toca-se a rebate nas comitivas de quem parece estar a perder força. "Sirenes disparam no PSD e no Governo", escreveu-se no Expresso na última edição do semanário. Passos Coelho escolheu ficar de fora e com personalidade ligadas ao PSD e CDS, incluindo governantes, autarcas e dirigentes partidários, escolheram ficar ao lado do Almirante Gouveia e Melo.

Na disputa pela preferência de mais de 11 milhões de eleitores, com os campos partidos à esquerda e sobretudo à direita, o candidato apoiado pelo PS pediu ontem o voto dos moderados; António Filipe e os comunistas recusaram o voto em Seguro; em Aveiro, e debaixo de uma chuva de cavacas', o líder do Chega disse que votar em Cotrim era votar no PS ou no PSD e o ex-dirigente da Iniciativa Liberal argumentou que de nada serve pôr a cruz à frente do nome de André Ventura, pois este nunca ganhará uma segunda volta. Marques Mendes garantiu que é o candidato "mais bem preparado" para a função de Presidente da República e, em tempos de crise internacional, Gouveia e Melo lançou a pergunta: "Se tivessem de atravessar um vale escuro e perigoso, quem queriam ter convosco para vos acompanhar?" As ações de rua têm corrido bem para quase todos os candidatos, mas, de forma mais ou menos assumida, nenhum tira os olhos das sondagens, que têm estado a condicionar as dinâmicas de campanha.

Ao longo desta última semana, haverá mais passagens por feiras, mercados, arruadas, comícios, jantares e atividades mais ou menos bizarras. Mas já de nada servirá para as dezenas de milhares de eleitores inscritos para o voto antecipado em mobilidade (mais de 218 mil manifestaram essa intenção) que este domingo já depositaram nas urnas o boletim onde constam os nomes dos 11 candidatos às eleições, um número recorde numas presidenciais. Mas também dos três que acabaram por não ver a sua candidatura validada. Quando a decisão do Tribunal Constitucional chegou, já os boletins estavam impressos.

Para a previsível segunda volta, agendada para 8 de fevereiro, será mais fácil, com apenas os nomes dos dois candidatos mais votados a aparecerem no boletim. Imprevisível mesmo é antecipar quais serão. Se está entre os indecisos ou se quer apenas testar quais os candidatos com quem mais se identifica e dos quais mais se afasta, o Expresso tem este jogo para si.

OUTRAS NOTÍCIAS

Excesso de mortes Desde o início do mês de dezembro até ao passado dia 4 de janeiro, já tinham morrido 2658 pessoas a mais do que seria esperado para este período, segundo dados da Direção-

Geral da Saúde e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (INSA). É um excesso de mortalidade de 22% face ao expectável e que é associado ao subtipo de vírus da gripe em circulação e ao frio. Na última semana do ano, Portugal era o único país com excesso de mortalidade na Europa.

Falta de professores O Ministério da Educação já pagou quase 26 milhões de euros em horas extraordinárias realizadas por mais de 30 mil professores ao longo do 1º período letivo, de forma a evitar que os alunos fiquem sem aulas por falta de docente atribuído. Um balanço feito pelo ministério de Fernando Alexandre indica ainda que 1514 professores adiaram a reforma e continuaram a dar aulas (recebendo um incentivo de 750 euros brutos mensais) e que 5774 estão a receber um apoio à deslocação para assegurarem horários em escolas com dificuldades em recrutar professores.

Irão O presidente do parlamento iraniano avisou que os militares norte-americanos e Israel serão "alvos legítimos" em caso de ataque por parte de Washington, tal como admitiu o Presidente dos Estados Unidos. Dentro de fronteiras, as manifestações de contestação ao regime continuam, apesar da repressão do Governo. Segundo organizações de direitos humanos, já terão morrido mais de meio milhar de iranianos nos protestos e sido detidas perto de 11 mil pessoas. Em frente à embaixada do Irão em Lisboa, também houve protestos.

Ucrânia Um grupo de 15 mães e 18 crianças familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate aterrou este sábado no aeroporto de Lisboa no âmbito de uma missão humanitária em que Portugal as acolhe durante três semanas, ajudando na reabilitação emocional. O acolhimento é assegurado no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém.

Globos de Ouro As séries televisivas "The Pitt" (HBO Max) e "Adolescência" (Netflix) estiveram em destaque na cerimónia de atribuição dos Globos de Ouro, que se realizou na madrugada desta segunda-feira em Los Angeles. A primeira venceu o prémio de Melhor Série Dramática, a segunda venceu quase tudo na categoria de minissérie, incluindo o prémio de Melhor Ator pela incrível interpretação de Stephen Graham. No cinema, o filme "Batalha Atrás de Batalha" levou para casa o Globo de Ouro para Melhor Filme, Melhor Argumento, Melhor Realizador e Melhor Atriz Secundária. Já o cinema brasileiro fez história ao vencer duas estatuetas nos Globos de Ouro, com o filme "O Agente Secreto" a ser considerado o Melhor em Língua Não Inglesa e Wagner Moura a ser distinguido como Melhor Ator.

Obituário O guitarrista e cofundador dos Grateful Dead, Bob Weir, morreu este sábado aos 78 anos. Na Blitz, recordam-se neste artigo os muitos músicos que morreram ao longo do último ano.

FRASES

"Apontei desde sempre que ia ser grande e consegui", Germano de Sousa, fundador de um dos maiores laboratórios de análises clínicas de Portugal e ex-bastonário da Ordem dos Médicos, em entrevista ao Expresso.

"Uma vez anunciado, o Prémio Nobel da Paz não pode ser revogado, transferido ou partilhado com terceiros", comunicado do Instituto Nobel da Noruega, emitido depois das declarações de Corina Machado afirmando que gostaria de entregar ou partilhar o prémio com Donald Trump, por ter ordenado a operação de captura do Presidente venezuelano, Nicolás Maduro.

"A Gronelândia não se pode vender", Laars Steen Nielsen, embaixador da Dinamarca em Lisboa, em resposta aos jornalistas depois de um almoço com o candidato liberal às presidenciais e em reação às sucessivas ameaças por parte de Trump

SUGESTÕES DE PODCASTS

Expresso da Manhã Paulo Baldaia conversa com o comentador da SIC João Maria Jonet sobre a vontade de Donald Trump de dominar o país e o mundo, mas também as dificuldades que enfrenta internamente.

Economia dia a dia A Venezuela tem as maiores reservas de petróleo do mundo, mas produz pouco, exporta com dificuldade e continua mergulhada numa crise económica profunda. Depois do ataque dos Estados Unidos, o petróleo voltou ao centro da tensão política internacional. Mas afinal, o que vale hoje o petróleo da Venezuela? A análise do editor de Economia do Expresso Miguel Prado no podcast diário do Expresso dedicado a temas económicos que marcam a atualidade.

Expresso da meia-noite O ex-diretor do Expresso Henrique Monteiro, os comentadores da SIC Maria João Avillez e Miguel Morgado e o diretor-geral da GFK Metris, António Gomes, discutem as incertezas, candidatos e estratégias a uma semana das eleições presidenciais.

O QUE ANDO A LER

Entrevista a Lúcia Jorge na Revista do Expresso , Entre o 1º caderno, complementado com o suplemento Ideias, o caderno de Economia e a Revista E, são mais de 160 páginas que o Expresso publica semanalmente. À falta de tempo para digerir tudo, há artigos que vou guardando para ler depois. Aconteceu-me com a mais recente entrevista a Lúcia Jorge, depois da atribuição do Prémio Pessoa 2025 à escritora, que vale bem a pena ler e que nos ajuda a refletir sobre o país e o mundo em que vivemos.

Na edição de 19 de dezembro, Lúcia Jorge, 79 anos, conversa com as jornalistas Christiana Martins e Luciana Leiderfarb sobre a literatura, o estado do mundo , “ () este é o verdadeiro míssil, a bomba que temos na mão: o troglodita com o poder tecnológico” - e a identidade portuguesa (que também abordou no discurso que foi convidada a fazer nas comemorações do 10 de junho).

“Se há algum país europeu que tem na sua memória uma diáspora dolorosa, que nos fez andar por toda a parte, onde fizemos os serviços mais humildes e em que fomos humilhados por todo o sítio, levantando-nos através do trabalho e da confiança que dávamos, somos nós. A história da emigração portuguesa é uma história dramática, mas ao mesmo tempo vencedora, porque éramos capazes de ser acolhidos pelo bem que fazíamos e pela nossa capacidade de trabalho. E agora, de repente, esquecemos esse passado e pomos à porta, sob a forma de uma perseguição cruel, aqueles que nos procuram. Podia-se lutar por leis justas e disciplinadoras, com que toda a gente concorda. Isso não tem nada a ver com um discurso de ódio, racista, de segregação, que encosta as pessoas à parede ou dissemina cartazes xenófobos, o que é absolutamente desestabilizador e tem a ver, de facto, com os programas fascistas e nazis.”

Entrevistas, notícias, artigos de opinião, crónicas, podcasts e outras newsletters é o que pode continuar a ler, comprando ou assinando o Expresso. Votos de um Bom Ano.

O sprint final dos candidatos a Presidente

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	12/01/2026
Meio:	Expresso Online	Autores:	Isabel Leiria

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=93933955>

Bom dia,

A seis dias de uma das mais imprevisíveis eleições presidenciais de sempre, nenhum dos candidatos pode dar-se ao luxo de abrandar o passo. Com as intenções de voto manifestadas em sondagens e "tracking polls" diárias completamente repartidas, há cinco candidatos em posição de passar à mais que provável segunda volta -, multiplicam-se os apelos aos muitos eleitores que ainda não decidiram em quem vão votar ou que ponderam nem sequer votar.

Nas máquinas das campanhas, animam-se os espíritos de quem partiu de trás e parece estar a ganhar fôlego na corrida até 18 de janeiro, casos de Cotrim de Figueiredo e António José Seguro -, e toca-se a rebate nas comitivas de quem parece estar a perder força. "Sirenes disparam no PSD e no Governo", escreveu-se no Expresso na última edição do semanário. Passos Coelho escolheu ficar de fora e cem personalidades ligadas ao PSD e CDS, incluindo governantes, autarcas e dirigentes partidários, escolheram ficar ao lado do Almirante Gouveia e Melo.

Na disputa pela preferência de mais de 11 milhões de eleitores, com os campos partidos à esquerda e sobretudo à direita, o candidato apoiado pelo PS pediu ontem o voto dos moderados; António Filipe e os comunistas recusaram o voto em Seguro; em Aveiro, e debaixo de uma chuva de cavacas', o líder do Chega disse que votar em Cotrim era votar no PS ou no PSD e o ex-dirigente da Iniciativa Liberal argumentou que de nada serve pôr a cruz à frente do nome de André Ventura, pois este nunca ganhará uma segunda volta. Marques Mendes garantiu que é o candidato "mais bem preparado" para a função de Presidente da República e, em tempos de crise internacional, Gouveia e Melo lançou a pergunta: "Se tivessem de atravessar um vale escuro e perigoso, quem queriam ter convosco para vos acompanhar?" As ações de rua têm corrido bem para quase todos os candidatos, mas, de forma mais ou menos assumida, nenhum tira os olhos das sondagens, que têm estado a condicionar as dinâmicas de campanha.

Ao longo desta última semana, haverá mais passagens por feiras, mercados, arruadas, comícios, jantares e atividades mais ou menos bizarras. Mas já de nada servirá para as dezenas de milhares de eleitores inscritos para o voto antecipado em mobilidade (mais de 218 mil manifestaram essa intenção) que este domingo já depositaram nas urnas o boletim onde constam os nomes dos 11 candidatos às eleições, um número recorde numas presidenciais. Mas também dos três que acabaram por não ver a sua candidatura validada. Quando a decisão do Tribunal Constitucional chegou, já os boletins estavam impressos.

Para a previsível segunda volta, agendada para 8 de fevereiro, será mais fácil, com apenas os nomes dos dois candidatos mais votados a aparecerem no boletim. Imprevisível mesmo é antecipar quais serão. Se está entre os indecisos ou se quer apenas testar quais os candidatos com quem mais se identifica e dos quais mais se afasta, o Expresso tem este jogo para si.

OUTRAS NOTÍCIAS

Excesso de mortes Desde o início do mês de dezembro até ao passado dia 4 de janeiro, já tinham

morrido 2658 pessoas a mais do que seria esperado para este período, segundo dados da Direção-Geral da Saúde e do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (INSA). É um excesso de mortalidade de 22% face ao expectável e que é associado ao subtipo de vírus da gripe em circulação e ao frio. Na última semana do ano, Portugal era o único país com excesso de mortalidade na Europa.

Falta de professores O Ministério da Educação já pagou quase 26 milhões de euros em horas extraordinárias realizadas por mais de 30 mil professores ao longo do 1º período letivo, de forma a evitar que os alunos fiquem sem aulas por falta de docente atribuído. Um balanço feito pelo ministério de Fernando Alexandre indica ainda que 1514 professores adiaram a reforma e continuaram a dar aulas (recebendo um incentivo de 750 euros brutos mensais) e que 5774 estão a receber um apoio à deslocação para assegurarem horários em escolas com dificuldades em recrutar professores.

Irão O presidente do parlamento iraniano avisou que os militares norte-americanos e Israel serão "alvos legítimos" em caso de ataque por parte de Washington, tal como admitiu o Presidente dos Estados Unidos. Dentro de fronteiras, as manifestações de contestação ao regime continuam, apesar da repressão do Governo. Segundo organizações de direitos humanos, já terão morrido mais de meio milhar de iranianos nos protestos e sido detidas perto de 11 mil pessoas. Em frente à embaixada do Irão em Lisboa, também houve protestos.

Ucrânia Um grupo de 15 mães e 18 crianças familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate aterrou este sábado no aeroporto de Lisboa no âmbito de uma missão humanitária em que Portugal as acolhe durante três semanas, ajudando na reabilitação emocional. O acolhimento é assegurado no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém.

Globos de Ouro As séries televisivas "The Pitt" (HBO Max) e "Adolescência" (Netflix) estiveram em destaque na cerimónia de atribuição dos Globos de Ouro, que se realizou na madrugada desta segunda-feira em Los Angeles. A primeira venceu o prémio de Melhor Série Dramática, a segunda venceu quase tudo na categoria de minissérie, incluindo o prémio de Melhor Ator pela incrível interpretação de Stephen Graham. No cinema, o filme "Batalha Atrás de Batalha" levou para casa o Globo de Ouro para Melhor Filme, Melhor Argumento, Melhor Realizador e Melhor Atriz Secundária. Já o cinema brasileiro fez história ao vencer duas estatuetas nos Globos de Ouro, com o filme "O Agente Secreto" a ser considerado o Melhor em Língua Não Inglesa e Wagner Moura a ser distinguido como Melhor Ator.

Obituário O guitarrista e cofundador dos Grateful Dead, Bob Weir, morreu este sábado aos 78 anos. Na Blitz, recordam-se neste artigo os muitos músicos que morreram ao longo do último ano.

FRASES

"Apontei desde sempre que ia ser grande e consegui", Germano de Sousa, fundador de um dos maiores laboratórios de análises clínicas de Portugal e ex-bastonário da Ordem dos Médicos, em entrevista ao Expresso.

"Uma vez anunciado, o Prémio Nobel da Paz não pode ser revogado, transferido ou partilhado com terceiros", comunicado do Instituto Nobel da Noruega, emitido depois das declarações de Corina Machado afirmando que gostaria de entregar ou partilhar o prémio com Donald Trump, por ter ordenado a operação de captura do Presidente venezuelano, Nicolás Maduro.

"A Gronelândia não se pode vender", Laars Steen Nielsen, embaixador da Dinamarca em Lisboa, em resposta aos jornalistas depois de um almoço com o candidato liberal às presidenciais e em reação às sucessivas ameaças por parte de Trump

SUGESTÕES DE PODCASTS

Expresso da Manhã Paulo Baldaia conversa com o comentador da SIC João Maria Jonet sobre a vontade de Donald Trump de dominar o país e o mundo, mas também as dificuldades que enfrenta internamente.

Economia dia a dia A Venezuela tem as maiores reservas de petróleo do mundo, mas produz pouco, exporta com dificuldade e continua mergulhada numa crise económica profunda. Depois do ataque dos Estados Unidos, o petróleo voltou ao centro da tensão política internacional. Mas afinal, o que vale hoje o petróleo da Venezuela? A análise do editor de Economia do Expresso Miguel Prado no podcast diário do Expresso dedicado a temas económicos que marcam a atualidade.

Expresso da meia-noite O ex-diretor do Expresso Henrique Monteiro, os comentadores da SIC Maria João Avillez e Miguel Morgado e o diretor-geral da GFK Metris, António Gomes, discutem as incertezas, candidatos e estratégias a uma semana das eleições presidenciais.

O QUE ANDO A LER

Entrevista a Lúcia Jorge na Revista do Expresso , Entre o 1º caderno, complementado com o suplemento Ideias, o caderno de Economia e a Revista E, são mais de 160 páginas que o Expresso publica semanalmente. À falta de tempo para digerir tudo, há artigos que vou guardando para ler depois. Aconteceu-me com a mais recente entrevista a Lúcia Jorge, depois da atribuição do Prémio Pessoa 2025 à escritora, que vale bem a pena ler e que nos ajuda a refletir sobre o país e o mundo em que vivemos.

Na edição de 19 de dezembro, Lúcia Jorge, 79 anos, conversa com as jornalistas Christiana Martins e Luciana Leiderfarb sobre a literatura, o estado do mundo , “ () este é o verdadeiro míssil, a bomba que temos na mão: o troglodita com o poder tecnológico” - e a identidade portuguesa (que também abordou no discurso que foi convidada a fazer nas comemorações do 10 de junho).

“Se há algum país europeu que tem na sua memória uma diáspora dolorosa, que nos fez andar por toda a parte, onde fizemos os serviços mais humildes e em que fomos humilhados por todo o sítio, levantando-nos através do trabalho e da confiança que dávamos, somos nós. A história da emigração portuguesa é uma história dramática, mas ao mesmo tempo vencedora, porque éramos capazes de ser acolhidos pelo bem que fazíamos e pela nossa capacidade de trabalho. E agora, de repente, esquecemos esse passado e pomos à porta, sob a forma de uma perseguição cruel, aqueles que nos procuram. Podia-se lutar por leis justas e disciplinadoras, com que toda a gente concorda. Isso não tem nada a ver com um discurso de ódio, racista, de segregação, que encosta as pessoas à parede ou dissemina cartazes xenófobos, o que é absolutamente desestabilizador e tem a ver, de facto, com os programas fascistas e nazis.”

Entrevistas, notícias, artigos de opinião, crónicas, podcasts e outras newsletters é o que pode continuar a ler, comprando ou assinando o Expresso. Votos de um Bom Ano.

Isabel Leiria

Jornalista
Isabel Leiria



Portugal recebe famílias ucranianas: entrevista

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=39789587-011c-4a79-9e4d-5a73b97d2cb8&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

A ministra da Justiça recebeu em Lisboa mães e crianças ucranianas vítimas da guerra. A missão humanitária tem como objetivo acolher famílias num contexto de intensificação dos ataques russos. As crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos, procuram paz e normalidade e Portugal tem sido um país de acolhimento, com apoio governamental e programas de apoio psicológico. Entrevista a Teresa Leal Coelho, Embaixadora da Associação Helpua.pt.

Vídeo. Portugal recebe mães e crianças ucranianas e reforça apoio humanitário

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 11/01/2026

Meio: Euronews Portugal Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=a03ce9a9>

Vídeo. Portugal acolhe durante três semanas 15 mães e 18 crianças, familiares de soldados ucranianos falecidos ou desaparecidos em combate, para dar-lhes "uma experiência de normalidade". Iniciativa foi coordenada pela associação de apoio à Ucrânia HelpUA.PT e contou com o apoio do Governo português

Water Matters

A água na Europa está sob pressão crescente. A poluição, as secas e as inundações estão a afetar a nossa água potável, os lagos, os rios e as costas. Junte-se a nós numa viagem pela Europa para ver por que razão é importante proteger os ecossistemas, como é que as nossas águas residuais podem ser melhor geridas e para descobrir algumas das melhores soluções para a água. Reportagens em vídeo, uma série animada e um debate em direto: descubra porque é que a água é importante, na Euronews.

Portugal recebe mães e crianças ucranianas e reforça apoio humanitário

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 11/01/2026

Meio: Euronews Portugal Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=97261a93>

Portugal acolhe durante três semanas 15 mães e 18 crianças, familiares de soldados ucranianos falecidos ou desaparecidos em combate, para dar-lhes "uma experiência de normalidade". Iniciativa foi coordenada pela associação de apoio à Ucrânia HelpUA.PT e contou com o apoio do Governo português

Um grupo de 15 mães e 18 crianças ucranianas, familiares de soldados falecidos ou desaparecidos em combate, aterraram no aeroporto de Lisboa pouco depois das 16h00 de sábado. Chegaram a solo português de malas e bagagens para três semanas de paz.

A iniciativa é da associação de apoio à Ucrânia HelpUA.PT - Ukrainian Refugees UAPT, no âmbito do Programa Europeu de Apoio Psicológico e Cultural a Famílias em Guerra, para um "programa intensivo de reabilitação psicológica, integração cultural e formação pessoal" e sob o "acompanhamento permanente de psicólogos, terapeutas e voluntários portugueses e ucranianos".

A aventura começou em solo ucraniano. O grupo, que inclui crianças entre os cinco e os 14 anos, chega da região de Chernihivska, no norte da Ucrânia, perto da fronteira com a Rússia, onde o conflito se adensa.

Viajaram por terra até à Polónia e, de Varsóvia, apanharam o voo para Lisboa.

"Foram 20 horas de autocarro. Só conseguimos chegar à fronteira porque a polícia militar ucraniana escoltou o autocarro e limpou as estradas que estavam fechadas", explicou Ângelo Neto, vice-presidente da HelpUA.PT.

O grupo chega para passar três semanas de tranquilidade, entre atividades de reabilitação, cívicas e culturais. "Queremos muito que estas crianças possam ter, durante este período em que aqui estão, a paz", explica Rita Júdice, ministra da Justiça, que esteve no aeroporto em representação do Governo.

"Ter uma experiência de normalidade, porque muitos deles, entre os seis e os quatorze anos, não têm outra memória senão a da guerra. E, por isso, poder dar-lhes a experiência de uma normalidade, em que eles possam ser crianças, em que eles possam ser mães e avó - há uma avó também -, será o que Portugal poderá, nesta fase, fazer por este grupo que aqui está", explicou a ministra aos jornalistas.

"Enquanto ministra da Justiça, não posso deixar de sublinhar que este acolhimento também é uma afirmação de valores, pois a justiça não se esgota nos tribunais. A justiça também se vive na defesa dos direitos humanos, na proteção dos mais vulneráveis e na não normalização da violência sobre qualquer pessoa, principalmente sobre as crianças."

Rita Júdice reforçou que se trata de uma iniciativa da sociedade civil "notável," lembrando, no entanto, que "o Governo português mantém um apoio firme e contínuo à Ucrânia, quer no plano humanitário, quer no plano político e também no plano internacional".

Teresa Leal Coelho, embaixadora da associação responsável e antiga deputada social-democrata, que

viajou com o grupo deste a Ucrânia, explica que estas famílias são oriundas de cidades fortemente atingidas pela guerra, mas que querem manter os laços com os locais onde vivem.

"A bravura corre-lhes no sangue. É impressionante como eles vivem com resiliência. Neste momento, muitas destas cidades têm recolher obrigatório", explica aos jornalistas.

"São pessoas que não querem sair da região onde vivem, não querem manter os laços na região em que vivem, continuam com uma vida normal, apesar da guerra, apesar de passarem muitas noites em bunkers. A verdade é que, de manhã, as escolas e as empresas abrem e as pessoas saem para a rua, apanham o transporte público e vão à igreja."

O grupo de mães e crianças que chega agora a Portugal foi meticulosamente selecionado pelo Ministério da Defesa da Ucrânia. "Naturalmente, não podemos ser nós a escolher. Não conhecemos todas as realidades, mas, neste caso, o pedido do Ministério da Defesa da Ucrânia foi optar por famílias de uma região mais fustigada pela guerra", explicou Teresa Leal Coelho.

Durante três semanas, estas crianças vão ficar hospedadas no centro Fénix, em Ourém, que, em 2024, recebeu um grupo de combatentes e feridos de guerra para reabilitação. Depois, regressarão à sua vida normal, como é, aliás, a sua vontade.

"Vão regressar às suas terras e cidades natais e continuar as suas vidas", indica a embaixadora da organização. "Devo dizer que outras iniciativas que tivemos, por exemplo, um centro de refugiadas que foi criado inicialmente para receber crianças e mães, onde estiveram integrados durante oito meses e meio, ao fim de algum tempo, todas diziam: 'não, nós queremos voltar, queremos estar com os nossos maridos, com os nossos pais, queremos saber o que se passa'. E, portanto, é o que eu digo: a bravura corre-lhes no sangue e estão a defender a nossa liberdade e a nossa Europa."

Ângelo Neto, vice-presidente da HelpUA.PT e responsável pelo centro Fénix, salienta a importância do projeto para a reabilitação destas pessoas que chegam agora a Portugal, sendo que o objetivo é continuar.

"Estamos a falar de quase um milhão de mães em situação de vulnerabilidade na Ucrânia. Este projeto iniciou-se no Reino Unido, que recebeu 400 famílias durante 2025, e eu espero, em nome de Portugal, superarmos as 500", afirmou.

[Additional Text]:

Conferência de imprensa após a chegada do grupo de mães e crianças ucranianas a Lisboa

A ministra da Justiça, Rita Júdice, e Teresa Leal Coelho, embaixadora da Help UA.PT, em entrevista com os jornalistas

Mães e crianças ucranianas chegam a Lisboa. "Queremos dar-vos conforto"

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 11/01/2026

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=641a6482>

Um grupo de mães e crianças familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate aterrou ontem no aeroporto de Lisboa no âmbito de uma missão humanitária em que Portugal as acolhe durante três semanas, ajudando na reabilitação emocional.

"Acolhemos hoje [sábado] 18 crianças e 15 mães que fogem dos horrores da guerra. Esta guerra que dura quase há quatro anos e que continua a tirar vidas, a destruir lares, a destruir famílias", afirmou a ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, em representação do primeiro-ministro, Luís Montenegro, na receção do grupo de vítimas da guerra na Ucrânia.

Depois de uma longa viagem de autocarro da Ucrânia para a Polónia e, depois, de avião de Varsóvia para Lisboa, estas mães ucranianas, acompanhadas dos filhos com idades entre os 5 e os 14 anos, e também uma avó, vão estar três semanas em Portugal.

O acolhimento é assegurado no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém, com várias atividades previstas por locais históricos e culturais do país, assim como reabilitação psicológica.

"Queremos dar-vos conforto, segurança, proteção e, acima de tudo, dignidade [...] que possam dormir em paz, sem receio das sirenes, sem receio das bombas, que possam recordar e levar este momento convosco, e que possa também servir de força para o futuro", disse Rita Alarcão Júdice às famílias ucranianas no auditório do aeroporto de Lisboa.

A ministra começou a intervenção com palavras em ucraniano para dizer que Portugal apoia a Ucrânia, num tentativa de quebrar a barreira linguística de quem não fala português nem inglês.

Esta missão humanitária é organizada pela associação Help UA.PT - Ukrainian Refugees UAPT, que há um ano proporcionou também a chegada de um grupo de soldados ucranianos para reabilitação em Portugal.

"Enquanto ministra da Justiça, não posso deixar de sublinhar que este acolhimento é também uma afirmação de valor, porque a justiça não se esgota nos tribunais, a justiça também se vive na defesa dos direitos humanos, na proteção dos mais vulneráveis, na não normalização da violência sobre qualquer pessoa, principalmente sobre as crianças", declarou.

Considerando que esta missão humanitária "é um exemplo notável" de como a sociedade civil pode fazer a diferença e transformar vidas, Rita Alarcão Júdice reforçou que "o Governo português mantém um apoio firme e contínuo à Ucrânia, quer no plano humanitário, quer no plano político, e também no plano internacional".

A ministra defendeu ser importante que esta iniciativa humanitária de apoio ao povo ucraniano se repeta, mas, desejavelmente, num contexto em que a guerra já tenha terminado, sublinhando que Portugal está "de braços abertos" no apoio à Ucrânia, inclusive numa futura integração na União Europeia.

O vice-presidente da associação Help UA.PT, Ângelo Neto, disse que há "quase um milhão de mães em estado de vulnerabilidade na Ucrânia", referindo que este projeto de reabilitação emocional e reintegração social de famílias afetadas pela guerra se iniciou no Reino Unido, que recebeu 400 famílias durante 2025, esperando que Portugal supere a meta de 500 famílias ucranianas apoiadas.

Como embaixadora desta associação de apoio aos refugiados ucranianos, vítimas da invasão da Rússia à Ucrânia desde fevereiro de 2022, a ex-deputada do PSD Teresa Leal Coelho fez parte da comitiva que viajou da Ucrânia, passando pela Polónia, até Lisboa.

O grupo de ucranianos acolhido em Portugal foi escolhido pelo Ministério da Defesa da Ucrânia e é oriundo do norte da Ucrânia, numa região fronteiriça com a Rússia, assinalada no mapa como Chernihivska, adiantou Teresa Leal Coelho, referindo que é uma zona que "está sempre em alerta vermelho" por perigo de bombardeamentos e é onde há muitas vítimas, órfãos e viúvas de guerra.

"A bravura corre-lhes no sangue. É impressionante como eles vivem em resiliência", expôs, contando que estas famílias ucranianas não querem sair da região onde vivem e "continuam com uma vida normal, apesar da guerra, apesar de passarem muitas noites em bunkers".

Durante as três semanas em Portugal, estas mães e crianças ucranianas vão ter várias atividades lúdicas, como visitar o Oceanário de Lisboa ou ir ao Museu da Presidência da República, assim como apoio psicológico, fisioterapia e hipoterapia, indicou Teresa Leal Coelho, adiantando que se prevê ainda uma visita do primeiro-ministro ao Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém.

Lusa



Vítimas da guerra

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=e35ce744-cd0c-4d3a-bf2f-aca1a1f8d5f2&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Chegou esta tarde em Lisboa a missão humanitária que traz a Portugal crianças e mães ucranianas que durante 3 semanas vão poder viver por cá uma realidade bem diferente daquela que encontram na Ucrânia.

Repetições: SIC - Primeiro Jornal , 2026-01-11 13:43



Famílias ucranianas em Portugal

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=b7f1569c-9618-4ed0-9b26-45c6cae120af&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Um grupo de 18 crianças, com idades entre os 5 e os 14 anos, acompanhadas pelas respetivas mães e uma avó, chegou a Lisboa, integrado numa missão humanitária. Vão permanecer em Portugal durante três semanas, acolhidas num centro em Ourém, para terem uma rotina livre de bombardeamentos.

Repetições: Now - Jornal à Noite , 2026-01-10 21:27



Guerra na Ucrânia - Direto

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=76a76599-8c50-4721-abc9-9967a4b20773&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Acabou de chegar a Lisboa, o primeiro grupo de mães e crianças ucranianas, filhos de soldados mortos e desaparecidos durante a guerra na Ucrânia. Vão passar 4 semanas em Portugal.
Direto de Lisboa.

CISION

CNN Portugal - CNN Meia Noite

Duração: 00:00:42

OCS: CNN Portugal - CNN Meia Noite

ID: 120991366

10-01-2026 00:01



Familiares de soldados mortos na guerra da Ucrânia em Portugal

<https://pt.cision.com/cp/ClippingDetails.aspx?id=2c75f46e-7e71-4857-ae4a-72b13a1bcd03&userId=4d086611-948a-44fb-9e89-5b682cd9b1fa>

Já está em Portugal, um grupo de familiares de soldados mortos na guerra da Ucrânia. 15 mães e 18 crianças, chegaram este sábado ao Aeroporto de Lisboa.

Repetições: CNN Portugal - CNN Meia Noite , 2026-01-10 04:11

CNN Portugal - CNN Domingo , 2026-01-11 06:02

CNN Portugal - CNN Domingo , 2026-01-11 07:05

Mães e crianças ucranianas aterram em Lisboa para três semanas de recuperação em Portugal

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 10/01/2026

Melo: Diário de Notícias da Madeira Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=24450b6a>

Um grupo de mães e crianças familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate aterrou hoje no aeroporto de Lisboa no âmbito de uma missão humanitária em que Portugal as acolhe durante três semanas, ajudando na reabilitação emocional.

"Acolhemos hoje 18 crianças e 15 mães que fogem dos horrores da guerra. Esta guerra que dura quase há quatro anos e que continua a tirar vidas, a destruir lares, a destruir famílias", afirmou a ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, em representação do primeiro-ministro, Luís Montenegro, na receção do grupo de vítimas da guerra na Ucrânia.

Depois de uma longa viagem de autocarro da Ucrânia para a Polónia e, depois, de avião de Varsóvia para Lisboa, estas mães ucranianas, acompanhadas dos filhos com idades entre os 5 e os 14 anos, e também uma avó, vão estar três semanas em Portugal.

O acolhimento é assegurado no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém, com várias atividades previstas por locais históricos e culturais do país, assim como reabilitação psicológica.

"Queremos dar-vos conforto, segurança, proteção e, acima de tudo, dignidade [...] que possam dormir em paz, sem receio das sirenes, sem receio das bombas, que possam recordar e levar este momento convosco, e que possa também servir de força para o futuro", disse Rita Alarcão Júdice às famílias ucranianas no auditório do aeroporto de Lisboa.

A ministra começou a intervenção com palavras em ucraniano para dizer que Portugal apoia a Ucrânia, num tentativa de quebrar a barreira linguística de quem não fala português nem inglês.

Esta missão humanitária é organizada pela associação Help UA.PT - Ukrainian Refugees UAPT, que há um ano proporcionou também a chegada de um grupo de soldados ucranianos para reabilitação em Portugal.

"Enquanto ministra da Justiça, não posso deixar de sublinhar que este acolhimento é também uma afirmação de valor, porque a justiça não se esgota nos tribunais, a justiça também se vive na defesa dos direitos humanos, na proteção dos mais vulneráveis, na não normalização da violência sobre qualquer pessoa, principalmente sobre as crianças", declarou.

Considerando que esta missão humanitária "é um exemplo notável" de como a sociedade civil pode fazer a diferença e transformar vidas, Rita Alarcão Júdice reforçou que "o Governo português mantém um apoio firme e contínuo à Ucrânia, quer no plano humanitário, quer no plano político, e também no plano internacional".

A ministra defendeu ser importante que esta iniciativa humanitária de apoio ao povo ucraniano se repeta, mas, desejavelmente, num contexto em que a guerra já tenha terminado, sublinhando que Portugal está "de braços abertos" no apoio à Ucrânia, inclusive numa futura integração na União

Europeia.

O vice-presidente da associação Help UA.PT, Ângelo Neto, disse que há "quase um milhão de mães em estado de vulnerabilidade na Ucrânia", referindo que este projeto de reabilitação emocional e reintegração social de famílias afetadas pela guerra se iniciou no Reino Unido, que recebeu 400 famílias durante 2025, esperando que Portugal supere a meta de 500 famílias ucranianas apoiadas.

Como embaixadora desta associação de apoio aos refugiados ucranianos, vítimas da invasão da Rússia à Ucrânia desde fevereiro de 2022, a ex-deputada do PSD Teresa Leal Coelho fez parte da comitiva que viajou da Ucrânia, passando pela Polónia, até Lisboa.

O grupo de ucranianos acolhido em Portugal foi escolhido pelo Ministério da Defesa da Ucrânia e é oriundo do norte da Ucrânia, numa região fronteiriça com a Rússia, assinalada no mapa como Chernihivska, adiantou Teresa Leal Coelho, referindo que é uma zona que "está sempre em alerta vermelho" por perigo de bombardeamentos e é onde há muitas vítimas, órfãos e viúvas de guerra.

"A bravura corre-lhes no sangue. É impressionante como eles vivem em resiliência", expôs, contando que estas famílias ucranianas não querem sair da região onde vivem e "continuam com uma vida normal, apesar da guerra, apesar de passarem muitas noites em bunkers".

Durante as três semanas em Portugal, estas mães e crianças ucranianas vão ter várias atividades lúdicas, como visitar o Oceanário de Lisboa ou ir ao Museu da Presidência da República, assim como apoio psicológico, fisioterapia e hipoterapia, indicou Teresa Leal Coelho, adiantando que se prevê ainda uma visita do primeiro-ministro ao Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém.

Agência Lusa

Mães e crianças ucranianas aterram em Lisboa para três semanas de recuperação em Portugal

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 10/01/2026

Melo: Expresso Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=f4ea331>

Um grupo de mães e crianças familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate aterrou este sábado no aeroporto de Lisboa no âmbito de uma missão humanitária em que Portugal as acolhe durante três semanas, ajudando na reabilitação emocional

A ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, em representação do primeiro-ministro, Luís Montenegro, na receção do grupo de vítimas da guerra na Ucrânia, anunciou o acolhimento este sábado de 18 crianças e 15 mães "que fogem dos horrores de uma guerra que dura quase há quatro anos e que continua a tirar vidas, a destruir lares, a destruir famílias".

Depois de uma longa viagem de autocarro da Ucrânia para a Polónia e, depois, de avião de Varsóvia para Lisboa, estas mães ucranianas, acompanhadas dos filhos com idades entre os 5 e os 14 anos, e também uma avó, vão estar três semanas em Portugal. O acolhimento é assegurado no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém, com várias atividades previstas por locais históricos e culturais do país, assim como reabilitação psicológica.

"Queremos dar-vos conforto, segurança, proteção e, acima de tudo, dignidade [...] que possam dormir em paz, sem receio das sirenes, sem receio das bombas, que possam recordar e levar este momento convosco, e que possa também servir de força para o futuro", disse Rita Alarcão Júdice às famílias ucranianas no auditório do aeroporto de Lisboa. A ministra começou a intervenção com palavras em ucraniano para dizer que Portugal apoia a Ucrânia, numa tentativa de quebrar a barreira linguística de quem não fala português nem inglês.

Esta missão humanitária é organizada pela associação Help UA.PT - Ukrainian Refugees UAPT, que há um ano proporcionou também a chegada de um grupo de soldados ucranianos para reabilitação em Portugal.

"Enquanto ministra da Justiça, não posso deixar de sublinhar que este acolhimento é também uma afirmação de valor, porque a justiça não se esgota nos tribunais, a justiça também se vive na defesa dos direitos humanos, na proteção dos mais vulneráveis, na não normalização da violência sobre qualquer pessoa, principalmente sobre as crianças", declarou.

Considerando que esta missão humanitária "é um exemplo notável" de como a sociedade civil pode fazer a diferença e transformar vidas, Rita Alarcão Júdice reforçou que "o Governo português mantém um apoio firme e contínuo à Ucrânia, quer no plano humanitário, quer no plano político, e também no plano internacional".

A ministra defendeu ser importante que esta iniciativa humanitária de apoio ao povo ucraniano se repita, mas, desejavelmente, num contexto em que a guerra já tenha terminado, sublinhando que Portugal está "de braços abertos" no apoio à Ucrânia, inclusive numa futura integração na União Europeia.

O vice-presidente da associação Help UA.PT, Ângelo Neto, disse que há "quase um milhão de mães em

estado de vulnerabilidade na Ucrânia", referindo que este projeto de reabilitação emocional e reintegração social de famílias afetadas pela guerra se iniciou no Reino Unido, que recebeu 400 famílias durante 2025, esperando que Portugal supere a meta de 500 famílias ucranianas apoiadas.

Como embaixadora desta associação de apoio aos refugiados ucranianos, vítimas da invasão da Rússia à Ucrânia desde fevereiro de 2022, a ex-deputada do PSD Teresa Leal Coelho fez parte da comitiva que viajou da Ucrânia, passando pela Polónia, até Lisboa.

O grupo de ucranianos acolhido em Portugal foi escolhido pelo Ministério da Defesa da Ucrânia e é oriundo do norte da Ucrânia, numa região fronteiriça com a Rússia, assinalada no mapa como Chernihivska, adiantou Teresa Leal Coelho, referindo que é uma zona que "está sempre em alerta vermelho" por perigo de bombardeamentos e é onde há muitas vítimas, órfãos e viúvas de guerra. "A bravura corre-lhes no sangue. É impressionante como eles vivem em resiliência", expôs, contando que estas famílias ucranianas não querem sair da região onde vivem e "continuam com uma vida normal, apesar da guerra, apesar de passarem muitas noites em bunkers".

Durante as três semanas em Portugal, estas mães e crianças ucranianas vão ter várias atividades lúdicas, como visitar o Oceanário de Lisboa ou ir ao Museu da Presidência da República, assim como apoio psicológico, fisioterapia e hipoterapia, indicou Teresa Leal Coelho, adiantando que se prevê ainda uma visita do primeiro-ministro ao Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém.

Agência Lusa

[Additional Text]:
Guerra na Ucrânia
Agência Lusa

Mães e crianças ucranianas aterram em Lisboa para três semanas de recuperação

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 10/01/2026

Meio: Jornal de Notícias Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=9b9e00ae>

A missão humanitária é organizada pela associação Help UA.PT - Ukrainian Refugees UAPT

Foto: Sergei Supinsky/AFP

Um grupo de mães e crianças familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate aterrou, este sábado, no aeroporto de Lisboa no âmbito de uma missão humanitária em que Portugal as acolhe durante três semanas, ajudando na reabilitação emocional.

"Acolhemos hoje 18 crianças e 15 mães que fogem dos horrores da guerra. Esta guerra que dura quase há quatro anos e que continua a tirar vidas, a destruir lares, a destruir famílias", afirmou a ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, em representação do primeiro-ministro, Luís Montenegro, na receção do grupo de vítimas da guerra na Ucrânia.

Depois de uma longa viagem de autocarro da Ucrânia para a Polónia e, depois, de avião de Varsóvia para Lisboa, estas mães ucranianas, acompanhadas dos filhos com idades entre os 5 e os 14 anos, e também uma avó, vão estar três semanas em Portugal.

O acolhimento é assegurado no Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, no distrito de Santarém, com várias atividades previstas por locais históricos e culturais do país, assim como reabilitação psicológica.

"Queremos dar-vos conforto, segurança, proteção e, acima de tudo, dignidade [...] que possam dormir em paz, sem receio das sirenes, sem receio das bombas, que possam recordar e levar este momento convosco, e que possa também servir de força para o futuro", disse Rita Alarcão Júdice às famílias ucranianas no auditório do aeroporto de Lisboa.

A ministra começou a intervenção com palavras em ucraniano para dizer que Portugal apoia a Ucrânia, num tentativa de quebrar a barreira linguística de quem não fala português nem inglês.

Esta missão humanitária é organizada pela associação Help UA.PT - Ukrainian Refugees UAPT, que há um ano proporcionou também a chegada de um grupo de soldados ucranianos para reabilitação em Portugal.

"Enquanto ministra da Justiça, não posso deixar de sublinhar que este acolhimento é também uma afirmação de valor, porque a justiça não se esgota nos tribunais, a justiça também se vive na defesa dos direitos humanos, na proteção dos mais vulneráveis, na não normalização da violência sobre qualquer pessoa, principalmente sobre as crianças", declarou.

Considerando que esta missão humanitária "é um exemplo notável" de como a sociedade civil pode fazer a diferença e transformar vidas, Rita Alarcão Júdice reforçou que "o Governo português mantém um apoio firme e contínuo à Ucrânia, quer no plano humanitário, quer no plano político, e também no plano internacional".

A ministra defendeu ser importante que esta iniciativa humanitária de apoio ao povo ucraniano se

repeta, mas, desejavelmente, num contexto em que a guerra já tenha terminado, sublinhando que Portugal está "de braços abertos" no apoio à Ucrânia, inclusive numa futura integração na União Europeia.

O vice-presidente da associação Help UA.PT, Ângelo Neto, disse que há "quase um milhão de mães em estado de vulnerabilidade na Ucrânia", referindo que este projeto de reabilitação emocional e reintegração social de famílias afetadas pela guerra se iniciou no Reino Unido, que recebeu 400 famílias durante 2025, esperando que Portugal supere a meta de 500 famílias ucranianas apoiadas.

Como embaixadora desta associação de apoio aos refugiados ucranianos, vítimas da invasão da Rússia à Ucrânia desde fevereiro de 2022, a ex-deputada do PSD Teresa Leal Coelho fez parte da comitiva que viajou da Ucrânia, passando pela Polónia, até Lisboa.

O grupo de ucranianos acolhido em Portugal foi escolhido pelo Ministério da Defesa da Ucrânia e é oriundo do norte da Ucrânia, numa região fronteiriça com a Rússia, assinalada no mapa como Chernihivska, adiantou Teresa Leal Coelho, referindo que é uma zona que "está sempre em alerta vermelho" por perigo de bombardeamentos e é onde há muitas vítimas, órfãos e viúvas de guerra.

"A bravura corre-lhes no sangue. É impressionante como eles vivem em resiliência", expôs, contando que estas famílias ucranianas não querem sair da região onde vivem e "continuam com uma vida normal, apesar da guerra, apesar de passarem muitas noites em bunkers".

Durante as três semanas em Portugal, estas mães e crianças ucranianas vão ter várias atividades lúdicas, como visitar o Oceanário de Lisboa ou ir ao Museu da Presidência da República, assim como apoio psicológico, fisioterapia e hipoterapia, indicou Teresa Leal Coelho, adiantando que se prevê ainda uma visita do primeiro-ministro ao Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém.

Ucranianos chegam a Portugal para "uma experiência de normalidade"

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	10/01/2026
Meio:	Renascença Online	Autores:	João Maldonado

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=e4ee4cf2>

Um grupo de 33 ucranianos aterrou esta tarde em Portugal e vão ficar durante três semanas a conhecer Lisboa, Fátima e Ourém. Recebidos no aeroporto pela Ministra da Justiça, "vão encontrar um tempo de paz, segurança, tranquilidade, um local onde possam ser crianças e mães".

"Bem-vindos, Portugal está convosco." As palavras aqui traduzidas são pronunciadas em língua ucraniana pela ministra da Justiça.

veio ao aeroporto de Lisboa, em representação do Governo Português, para receber o grupo recém-chegado. "Um exemplo notável de que a sociedade civil pode fazer a diferença."

"Nas próximas semanas, vão encontrar um tempo de paz, segurança, tranquilidade, um local onde possam ser crianças e mães, onde possam dormir sem receio das bombas." Para a ministra, é importante reforçar que a Justiça "não se esgota nos tribunais", mas vai bem além: "na não normalização da violência".

Já segue a Informação da Renascença no WhatsApp? É só clicar aqui

São 18 crianças, entre os cinco e os 14 anos, acompanhadas por 15 mães. Todos são familiares de soldados mortos ou desaparecidos em combate.

Escolhidos a dedo pelo Ministério da Defesa Ucraniano, vêm de Chernihivska , uma região que faz fronteira com a Rússia e onde é normal o barulho das sirenes de alerta. A ideia é que por cá possam ter uma "experiência de normalidade", regressando daqui por três semanas ao país natal.

Chegam a Portugal no âmbito do Programa Europeu de Apoio Psicológico e Cultural a Famílias em Guerra, um projeto de reabilitação emocional e de reintegração social.

A missão humanitária que traz o grupo até Lisboa foi levada a cabo pela Associação HELPUA.PT em conjunto com o Centro de Reabilitação Fénix, acontecendo um ano depois de um primeiro grupo composto por soldados ucranianos ter também chegado ao país, pelos mesmos meios, para reabilitação.

"A bravura corre-lhes no sangue", sublinha Teresa Leal Coelho, embaixadora da associação responsável e antiga deputada social-democrata. Apela a que "cada um de nós assuma a quota-parte da responsabilidade de apoiar a Ucrânia para minorar as consequências da guerra". Um país, refere, que "está a defender a nossa liberdade e a nossa Europa".

Por lá, antes de trazer os 33 ucranianos, a associação distribuiu ainda camisolas de Cristiano Ronaldo, vindas da Federação Portuguesa de Futebol. "Todas as crianças nos perguntam por ele."

Nesta passagem o grupo cumprirá um programa intensivo de reabilitação psicológica. Irá visitar Lisboa, Fátima e Ourém. E tem encontros marcados com o Presidente da República e com o primeiro-ministro.

GUERRA NA UCRÂNIA
João Maldonado

Crianças e mães ucranianas chegam a Portugal para viverem três semanas de paz longe da guerra

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 10/01/2026
Meio: SIC Notícias Online Autores: Ana Paula Almeida

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=c3c6b575>

Chegou esta tarde a Lisboa a missão humanitária que traz a Portugal vítimas da guerra, desta vez crianças e mães ucranianas, que durante três semanas poderão viver uma realidade muito diferente daquela a que estão habituadas. A maioria cresceu num cenário de conflito que dura há quase quatro anos.

Desde Tchernigivska, no norte da Ucrânia, junto à fronteira, numa região particularmente marcada por ataques violentos, foram muitas horas de autocarro até Kiev, antes do voo para Lisboa, numa viagem dura e longa.

São 18 crianças, entre os 5 e os 14 anos, 14 mães e uma avó, famílias vítimas da guerra, agora em Portugal para três semanas de paz. São órfãos, de soldados mortos ou desaparecidos em combate, alguns perderam ambos os pais, há pelo menos um menino que já não tem qualquer familiar vivo.

Vêm receber apoio psicológico, vão visitar locais emblemáticos, como o Oceanário, a Quinta da Regaleira, o Palácio de Mafra, o Mosteiro de Alcobaça e o Convento de Cristo, vão participar em atividades culturais e, por um momento, esquecer os sobressaltos e o medo que lhes marcam os dias, quase sempre debaixo de fogo.

"Portugal tem mantido uma postura de grande abertura em relação à Ucrânia desde sempre e, nos últimos anos, como é natural, procura apoiar o país não só por questões humanitárias, mas também na área do investimento e da cooperação internacional, abrangendo todas as áreas em que Portugal possa ajudar a Ucrânia. Aliás, o senhor Primeiro-Ministro esteve em dezembro na Ucrânia para transmitir esta vontade de Portugal em ajudar, inclusive no contexto de uma futura integração da Ucrânia na União Europeia, que é um desejo de todos nós", refere a ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice.

Com camisolas oferecidas pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF) aos mais novos, que adoram Ronaldo, o grupo seguiu para o Centro de Reabilitação Fénix, em Ourém, onde estará sempre acompanhado por psicólogos, terapeutas e voluntários, portugueses e ucranianos.

Mais um esforço da sociedade civil, com o apoio do Governo e de alguns mecenas, no espírito de cooperação e solidariedade, que visa dar um pouco de alegria e conforto a quem já perdeu quase tudo, menos a esperança.

Ana Paula Almeida

Centro Fénix, em Ourém, acolhe crianças e mulheres ucranianas

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 09/01/2026

Meio: Jornal de Leiria Online

URL: <https://pt.cision.com/s/?l=85612710>

Grupo chegará, este sábado, a Portugal, onde ficará três semanas, com um programa de reabilitação psicológica

O Centro de Reabilitação Fénix, localizado em Aldeia Nova, Ourém, vai acolher, nas próximas semanas, 15 mulheres e 18 crianças, familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate.

O grupo deverá chegar a Portugal este sábado, dia 10, acompanhado pela comitiva portuguesa que, no início da semana, se deslocou a Kiev com o objectivo de o trazer até território nacional.

Esta missão humanitária, levada a cabo pela associação HelpUA.pt, é financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela TAP, no âmbito do Programa Europeu de Apoio Psicológico e Cultural a Famílias de Guerra, e acontece um ano depois de o centro ter acolhido o primeiro grupo de soldados ucranianos para reabilitação.

Segundo a HelpUA.pt, o grupo ficará durante três semanas e participará num "programa "intensivo de reabilitação psicológica, integração cultural e formação pessoal", a decorrer no Centro Fénix, sob acompanhamento "permanente" de psicólogos, terapeutas e voluntários portugueses e ucranianos. Além da componente terapêutica, o programa inclui actividades culturais e de bem-estar, a realizar em vários pontos do País.

"Esta missão simboliza um novo ciclo de cooperação e solidariedade e pretende servir de exemplo inspirador para o alargamento do programa", assinala, em comunicado, a HelpUA.pt, adiantando que, o objectivo é assegurar, "a pedido de parceiros ucranianos, a realização de um grupo por mês ao longo de todo o ano de 2026".

"Depois de um ano de trabalho contínuo, conseguimos garantir que Portugal volta a ser um farol de esperança para as famílias ucranianas que carregam as marcas invisíveis da guerra", afirma Ângelo Neto, vice-presidente da associação, citado naquele comunicado.

Com o objectivo de acompanhar o grupo na viagem até Portugal, uma delegação portuguesa deslocou-se à Ucrânia. Na quarta-feria, a equipa visitou um orfanato que acolhe e trata crianças vítimas da guerra. "Conhecemos o Yvan, que superou todos os prognósticos e sobreviveu! Seu sonho é conhecer CR7 [Cristiano Ronaldo]", conta Ângelo Neto, adiantando que a organização irá "fazer todos os possíveis para ele ir a Portugal no dia 19 [de Janeiro] e acompanhar o grupo que chega em Portugal este sábado na vista à Cidade do Futebol".

Redacção



Centro Fénix acolhe crianças e mulheres ucranianas

O Centro de Reabilitação Fénix, localizado em Aldeia Nova, Ourém, vai acolher, nas próximas semanas, 15 mulheres e 18 crianças, familiares de soldados ucranianos mortos ou desaparecidos em combate. O grupo deverá chegar a Portugal esta sexta-feira, dia 10, acompanhado pela comitiva portuguesa que, no início da semana, se deslocou a Kiev com o objectivo de o trazer até território nacional.

Esta missão humanitária, levada a cabo pela associação HelpUA.pt, é financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela TAP, no âmbito do Programa Europeu de Apoio Psicológico e Cultural a Famílias de Guerra, e acontece um ano depois de o centro ter acolhido o primeiro grupo de soldados ucranianos para reabilitação.

Segundo a HelpUA.pt, o grupo ficará durante três semanas e participará num “programa “intensivo de reabilitação psicológica, integração cultural e formação pessoal”, a decorrer no Centro Fénix, sob acompanhamento “permanente” de psicólogos, terapeutas e voluntários portugueses e ucranianos. Além da componente terapêutica, o programa inclui actividades culturais e de bem-estar, a realizar em vários pontos do País.

“Esta missão simboliza um novo ciclo de cooperação e solidariedade e pretende servir de exemplo inspirador para o alargamento do programa”, assinala, em comunicado, a HelpUA.pt, adiantando que, o objectivo é assegurar, “a pedido de parceiros ucranianos, a realização de um grupo por mês ao longo de todo o ano de 2026”.

“Depois de um ano de trabalho contínuo, conseguimos garantir que Portugal volta a ser um farol de esperança para as famílias ucranianas que carregam as marcas invisíveis da guerra”, afirma Ângelo Neto, vice-presidente da associação, citado naquele comunicado.